

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS:
PRÁTICAS DO ESCOTISMO NA CIDADE DE BAIXIO - CEARÁ
(1980-1985)**

FELIPE DE SOUZA JOSUÉ

CAJAZEIRAS – PB

2019

FELIPE DE SOUZA JOSUÉ

**NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS:
PRÁTICAS DO ESCOTISMO NA CIDADE DE BAIXIO-CE
(1980-1985)**

Monografia apresentada a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientador

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa

CAJAZEIRAS - PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

J84n Josué, Felipe de Souza.
Nas trilhas das memórias: práticas do escotismo na cidade de Baixo -
CE (1980-1985) / Felipe de Souza Josué. - Cajazeiras, 2019.
131f. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Israel Soares de Sousa.
Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2019.

1. Dinâmica de grupo. 2. Escotismo. 3. Grupo de escoteiros. 4.
Memória. I. Sousa, Israel Soares de. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 316.454.7

FELIPE DE SOUZA JOSUÉ

**NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS:
PRÁTICAS DO ESCOTISMO NA CIDADE DE BAIXIO-CE
(1980-1985)**

APROVADO EM: 02 / 07 / 2019

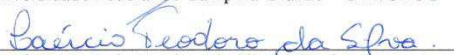
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Israel Soares de Sousa (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande – CFP/UFCG



Prof.^a. Dr.^a Viviane Gomes de Ceballos (Membro Interno)
Universidade Federal de Campina Grande – CFP/UFCG



Prof. Dr. Laércio Teodoro da Silva (Membro Interno)
Universidade Federal de Campina Grande – CFP/UFCG

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos (Suplente)
Universidade Federal de Campina Grande – CFP/UFCG

CAJAZEIRAS – PB

2019

*Dedico aos amores da minha vida:
Maria Sofia Ferreira Josué (minha amada filha),
Fernanda Pereira Ferreira Josué (minha companheira de todas as horas) e
Maria Idelva de Souza Josué (minha mãe, fonte de inspiração).*

AGRADECIMENTOS

Gostaria nesse momento de felicidade exorbitante, agradecer ao que considero as pessoas que verdadeiramente me inspiraram para concluir esta etapa da vida acadêmica:

À Deus, por ser a base de tudo, permitindo que eu chegasse até aqui, me guiando e me dando inspiração para que eu continuasse mesmo com as dificuldades impostas pela vida como estudante, pai e trabalhador a seguir o caminho incansavelmente.

Aos meus pais, Bosco e Idelva, e aos meus irmãos Aécio, Laécio, Alecs e Claécia, à minha tia Marieta Rosa, essas pessoas sempre me direcionavam palavras de motivação para que eu continuasse firmemente nos meus propósitos. Pessoas que nas dificuldades iam ao meu encontro com palavras que se tornavam verdadeiras chamas para reacender o ânimo e a vontade de prosseguir.

À minha esposa e companheira Fernanda, que me concedeu o maior presente que a vida poderia me dar, minha amada filha Maria Sofia, que veio ao mundo durante este percurso acadêmico, se tornando a razão maior para que eu permanecesse com a fé inabalável. Só tenho a agradecer o suporte e o amor que minha família teve durante a realização desta trajetória.

Agradeço ao auxílio do meu orientador, professor Israel Soares de Sousa, que com suas observações valiosas e sua paciência inesgotável me ofereceu a oportunidade de realizar esta pesquisa que resultou em uma escrita marcada pelo esforço e dedicação de ambas as partes no desdobramento deste trabalho.

À Universidade Federal de Campina Grande, especialmente ao Centro de Formação de Professores, localizado na cidade de Cajazeiras, instituição ao qual foi essencialmente importante nos meus aprendizados.

À todos os docentes que foram meus professores durante a graduação, em especial aos docentes que me orientaram durante minha bolsa no Projeto de Extensão (PROBEX), Ana Rita Uhle, Viviane Gomes de Ceballos e Israel Soares de Sousa. Meu muito obrigado!

Aos colegas da turma 2013.2 de História, em especial aos mais que amigos, irmãos, Emerson José (Memessi), Larissa Lacerda, Ewerton Wirlley, José Rodrigues (Rodrigo) e Geicy Kelle. Vivemos momentos inesquecíveis, só tenho a agradecer os aprendizados que recebi de vocês. Meu muito obrigado!

Por fim, às pessoas que compartilharam das experiências vividas no Escotismo, Sérgio Maurílio Holanda Farias, Esmeraldo de Assis Santana e Raimundo de França (Chefe Raimundo). Somente através do depoimento de vocês é que podemos juntos construir essa história do Grupo de Escoteiros São Francisco. Obrigado!

*Ninguém pode passar pela vida,
assim como não percorre um campo,
sem deixar vestígios, e esses vestígios,
podem em muitas vezes ser úteis àqueles que virão depois,
ajudando-os a encontrar o caminho.*

Robert Stephenson Smyth Baden-Powell

RESUMO

No Brasil, o Escotismo possui mais de cem anos de existência, sendo considerado um dos projetos educacionais extraescolares que durante sua história atuou diretamente com o voluntariado como o centro do processo. No ano de 1980, o Grupo de Escoteiros São Francisco deu início às práticas do Escotismo com a ajuda da sociedade e políticos locais que viam nesse projeto à responsabilidade de conduzir os jovens baixienses por meio de sua pedagogia disciplinadora aos valores cívicos, morais e patrióticos tão cobrados no período em que o Brasil vivenciava a Ditadura Militar. O Movimento Escoteiro tem sua origem na Inglaterra do início do século XX, sendo idealizado pelo militar inglês Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, que foi responsável por criar a literatura fundante do Movimento e desenvolveu a simbologia escoteira que se configurou como uma prática que perpassa o tempo, tornando-se uma tradição. Sabendo que o Escotismo foi um projeto educacional extraescolar desenvolvido para a realidade dos jovens ingleses do início do século XX, lançamos o seguinte questionamento: Como esse projeto foi desenvolvido na cidade de Baixio? Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar as práticas do Escotismo que se deram na cidade de Baixio, Estado do Ceará (1980-1985), por meio das narrativas de pessoas que vivenciaram experiências na participação como membros escoteiros. Em termos teóricos, trabalhamos com os conceitos de *tradição*, *disciplina*, e *memória*, delineados pelos teóricos, HOBBSAWM e RANGER (2002), FOUCAULT (1987) e HALBWACHS (1990).

Palavras-chave: Escotismo; Grupo de Escoteiros; Memória.

ABSTRACT

In Brazil, Scouting has more than one hundred years of existence, being considered one of the extracurricular educational projects that during your history acted directly with volunteering as the center of the process. In the year 1980, the São Francisco Scout Group began the practice of Scouting with the help of society and local politicians who saw in this project the responsibility of drive the baixienses young through their disciplinary pedagogy to the civic, moral and patriotic values charged during the period in which Brazil experienced the Military Dictatorship. The Scout Movement originated in England in the start twentieth century, and was idealized by the British military Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, who was responsible for creating the founding literature of the Movement and developed the scout symbology that has become a practice that runs through the time, becoming a tradition. Knowing that Scouting was an extracurricular educational project developed for the reality of the English youth of the beginning of the 20th century, we launched the questioning question: How was this project developed in the city of Baixio? Thereby, the objective of this work is to analyze the practices of Scouting that occurred in the city of Baixio, State of Ceará (1980-1985), through the narratives of people who experienced experiences in the participation as scout members. In theoretical terms, we work with the concepts of tradition, discipline, and memory, outlined by theorists, HOBBSAWM and RANGER (2002), FOUCAULT (1987) and HALBWACHS (1990).

Keywords: Scouting; Scout Group; Memory.

LISTA DE SIGLAS

BP – Baden Powell

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

CFP – Centro de Formação de Professores

GE – Grupo de Escoteiros

GESF – Grupo de Escoteiros São Francisco

UEB – União dos Escoteiros do Brasil

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Grupo de Escoteiros São Francisco no ano de 1983.....	33
Figura 2: Escoteiros de Lavras da Mangabeira, foto do ano de 1978.....	35
Figura 3: Capa do livro <i>Scouting for Boys</i>	54
Figura 4: Saudação Escoteira.....	59
Figura 5: Flor de Lis: símbolo maior do Escotismo mundial.....	77
Figura 6: Flor de Lis utilizada pela União dos Escoteiros do Brasil.....	78
Figura 7: Aperto de mão escoteiro.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - SEMPRE ALERTA ESCOTEIRO: MEMÓRIAS DO ADVENTO DAS PRÁTICAS DO ESCOTISMO NA CIDADE DE BAIXIO – CEARÁ.....	21
1.1. Considerações iniciais.....	21
1.2. O início das práticas do Escotismo em Baixio – Ceará.....	25
1.3. Expressões do nacionalismo: a questão do Grupo de Escoteiros São Francisco....	34
CAPÍTULO 2 - O ESCOTISMO E O SEU PROJETO EDUCACIONAL: A PEDAGOGIA DE BADEN-POWELL	45
2.1. Baden-Powell: do ideário militar ao disciplinamento de jovens.....	47
2.1.1. Na Ilha de Brownsea: o primeiro acampamento escoteiro	51
2.1.2. <i>Scouting for Boys</i> e outras literaturas escoteiras.....	53
2.1.3. Aspectos militares incorporados ao Escotismo	57
2.2. A pedagogia e o Método Escoteiro idealizado por Baden-Powell e sua difusão no Mundo	61
2.2.1. O Escotismo no Brasil: traços históricos sobre o Movimento em território brasileiro	67
CAPÍTULO 3 - “BEM CEDO JUNTOS AO FOGO TORNAREMOS A NOS VER”: SIMBOLOGIA E RITOS ESCOTEIROS	71
3.1. As práticas simbólicas do Movimento Escoteiro.....	75
3.2. “<i>Uma vez escoteiro, sempre escoteiro</i>”: a construção da identidade escoteira	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS.....	92
FONTES ORAIS (ENTREVISTAS).....	95
APÊNDICE	97
ANEXOS.....	122

INTRODUÇÃO

O presente estudo começou a ser pensado no ano de 2015, especificamente na disciplina de Projeto de Pesquisa do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus localizado na cidade de Cajazeiras, Estado da Paraíba. A disciplina de início teve o propósito de instigar-nos a pensar em temas que poderiam futuramente serem usados na construção do trabalho monográfico que exige a instituição ao final do curso. O tema que pensei para iniciar minhas pesquisas foi o Escotismo, embora que naquele período já tinha pensado em outras possibilidades de pesquisa que envolviam outros temas.

O meu primeiro contato com o Escotismo seu deu através da leitura de uma das edições do Manual do Escoteiro Mirim¹ em 2007, que por acaso encontrei em uma das minhas frequentes visitas à Biblioteca Pública Municipal de Baixo. Na ocasião achei muito curioso o livro que possuía pequenos ensinamentos práticos que podiam ser facilmente realizados pelo leitor do livro. O livro no início apresenta um pouco sobre a história da origem do Escotismo, sua fundação e o criador do Movimento Escoteiro. Em um dos tópicos denominado *Não perca a pista*, os sobrinhos do Pato Donald, Huguinho, Zezinho e Luisinho, aprendem a fazer os sinais de pista mateiro² para marcar uma localização de um possível descobrimento de ouro. A leitura desse pequeno manual me fez despertar o desejo de conhecer mais sobre o Escotismo. Naquele período o acesso à internet era restrito para a minha condição financeira, sempre que podia ia à uma *lanhouse* realizar pesquisas sobre o tema. O livro ilustrado foi a minha primeira fonte de pesquisa naquele período.

No livro, ao longo das ilustrações, são direcionados diversos ensinamentos sobre o Escotismo, como o uso de Código Morse, criação de vestimentas indígenas, identificação de astros no céu, montagem de acampamento e uso de utensílios para utilização em atividades. O livro é repleto de aprendizados que fazem parte do conjunto pedagógico do Escotismo e suas atividades práticas realizadas pelos jovens escoteiros. Percebe-se que grande parte dos conteúdos que são encontrados nos quadrinhos são orientações para o uso dos aprendizados ao

¹ O Manual do Escoteiro Mirim foi publicado pela primeira vez no Brasil em 1971, com ensinamentos práticos do Escotismo e suas atividades ao ar livre. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Escoteiros-Mirins>>: Acesso em 17/06/2019.

² Sinais que são utilizados pelos membros escoteiro para demarcar pontos de referência durante as atividades, como começo de pista, água potável, perigo etc.

ar livre. Sendo assim, um manual voltado para o desenvolvimento de atividades ao livre, principalmente em acampamentos escoteiros.

Nesse período eu pouco sabia sobre o Escotismo e tinha apenas como referência as histórias em quadrinhos do Manual do Escoteiro Mirim e referências do cinema e dos desenhos animados que sempre apresentavam frases como “palavra de escoteiro”, “um escoteiro é um jovem treinado para o desafio”, “um escoteiro não só vende biscoitos”. Via nessas mídias referências sobre o Escotismo como um projeto de desenvolvimento pessoal, tornando o jovem apto fisicamente e intelectualmente através dos aprendizados. Aquele livro, de certa maneira, marcou minha adolescência e me deixou memórias boas sobre o Escotismo. Despertei a curiosidade de novamente estudar o Escotismo, agora na universidade pública ao qual ingressei no curso de História no segundo semestre de 2013.

No ano de 2015, durante a disciplina de *Projeto de Pesquisa* tive a ideia de novamente pesquisar sobre o Escotismo, agora com um olhar mais crítico sobre o tema, diferentemente de 2007 quando era um garoto que via nas histórias em quadrinhos apenas o divertimento e a explosão de cores que só as ilustrações que são tão atrativas nos chamados HQ’s poderiam proporcionar. Fiquei pensando na possibilidade de realizar uma pesquisa sobre o Escotismo, mas ainda tinha dúvidas de qual maneira deveria proceder.

Ao fazer buscas na internet me deparei com diversos trabalhos acadêmicos que ampliaram minha visão sobre o Escotismo. Destacamos o trabalho produzido pelo historiador Adalson de Oliveira Nascimento, que em sua escrita desenvolve uma análise sobre a história do Escotismo, principalmente no Estado de Minas Gerais. Adalson desenvolveu um trabalho monográfico que tem como tema **Sempre Alerta! O movimento escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)** e sua dissertação de Mestrado intitulada **Sempre Alerta: O movimento escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945)**. Essas produções acadêmicas me nortearam para desenvolver uma escrita sobre o Escotismo, sobretudo por compreender como o Escotismo teve um papel político no Brasil de desenvolver seu projeto baseado em interesses políticos e valorização do nacionalismo e civismo com o apoio dos poderes públicos no Estado de Minas Gerais.

Outro trabalho de cunho acadêmico que contribuiu nos meus aprendizados sobre Escotismo foi o do historiador e sociólogo polonês Laszlo Nagy, que em 1987 publicou o trabalho intitulado **250 Milhões de Escoteiros**. Esse livro comemora os oitenta anos do Escotismo naquele período. É um livro que apresenta características históricas sobre o

surgimento do Escotismo e sua consolidação ao longo dos tempos. Trata-se de uma escrita de valorização do Escotismo, mas não deixa de ser um trabalho que acende a discussão em torno da temática.

Citamos também o trabalho realizado por Jorge Carvalho do Nascimento, que tem como título **A escola de Baden-Powell, cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de Estado**, sendo publicado no ano de 2008. O autor analisa o Movimento Escoteiro e o define como uma instituição que trabalha com uma pedagogia ativa que sofreu diversas influências e transformações ao longo dos tempos, principalmente por reformas educacionais que aconteceram na Europa e nos países americanos no início do século XX. Trazendo assim uma discussão no campo da Educação para compreender o Escotismo como uma instituição educacional extraescolar que em detrimento de interesses políticos se tornou um projeto utilizado por diversos governantes para condicionar os jovens aos interesses governamentais.

E por fim as literaturas escritas pelo criador do Escotismo, Robert Stephenson Smyth Baden-Powell que ao longo de sua vida escreveu diversos livros e manuais para o norteamento da prática do Escotismo. Baden-Powell, foi responsável por desenvolver as literaturas fundantes do Movimento que evidenciam o projeto educacional e a forma prática que os grupos escoteiros deveriam atuar. Escreveu também diversos manuais para que os adultos voluntários desenvolvem os fundamentos e as funcionalidades do seu método nos grupos escoteiros.

Naquele período buscava como proceder na minha pesquisa acadêmica buscando ao máximo inserir o Escotismo a uma realidade presente. Foi em meio a isso que consegui encontrar a trilha ideal para começar a minha jornada.

Nas minhas idas às ruas da pequena cidade de Baixio, comecei a perguntar a algumas pessoas se elas conheciam ou tinham alguma informação sobre o Escotismo, mal sabia, que na minha cidade nos tempos passados haviam escoteiros pertencentes a um grupo de escoteiros que tinha o nome de Grupo de Escoteiros São Francisco. Alguns populares me relataram que no período que havia escoteiros em Baixio os jovens eram altamente disciplinados e serviam ao povo de Baixio, principalmente eram responsáveis por conduzir os desfiles cívicos, organizar as procissões do Santos católicos, eram jovens uniformizados que serviam a pátria, a maioria dos relatos davam conta de que o grupo de escoteiros de Baixio teve uma contribuição enorme para os jovens naquele período. A curiosidade despertou em mim o desejo de investigar como esse Movimento se fez presente no cotidiano da pequena cidade de Baixio no início dos anos

de 1980, ano da fundação do grupo baixiense, que com a pesquisa descobri por meio das narrativas orais de pessoas que haviam participado do Grupo de Escoteiros.

A partir do encontro que tive com algumas pessoas que me relataram que foram membros escoteiros do Grupo de Escoteiros São Francisco, as convidei para que por meio das memórias delas me concederem entrevistas para que eu tornasse aquelas falas documentos históricos para o uso no meu trabalho acadêmico.

Ainda assim, o uso da internet me permitiu continuar conhecendo o Escotismo, ampliando as possibilidades de pesquisa. A UEB³ (União dos Escoteiros do Brasil) tem uma página na internet que referencia as consideradas grandes obras escritas pelo criador do Escotismo. É possível também encontrar diversos manuais escoteiros que funcionam como guias para a prática do Escotismo. O site ainda dispõe de um acervo de trabalhos acadêmicos produzidos sobre a temática do Escotismo, mas é nos escritos do criador do Movimento Escoteiro que reside a essência do Escotismo, visto que suas obras foram responsáveis pelo início do Movimento e sua consolidação no mundo, utilizando-se de um sistema pedagógico de ação direta, atrativo que utiliza os jogos ao ar livre como ferramenta de aprendizado.

Pesquisando sobre o Escotismo descobri que esse movimento foi originado no ano de 1907 na Inglaterra. Trata-se de um movimento educacional extraescolar mundial que tem como objetivo aperfeiçoar as aptidões de crianças e jovens através de um sistema educacional baseado no método e nos princípios escoteiros. Seu idealizador foi o militar inglês Robert Stephenson Smyth Baden-Powell (1857-1941), que escreveu e difundiu seu projeto através do livro *Scouting for Boys*⁴ (Escotismo para Rapazes). Baden-Powell ainda foi responsável pela escrita de outros livros que tratam propriamente da temática do Escotismo, tornando-se o criador e o grande difusor do Escotismo que ao longo dos mais de cem anos possui grupos escoteiros em quase todo o mundo. A pedagogia escoteira possui um complexo sistema que exige dos membros o seguimento de padrões estabelecidos, sobretudo o disciplinamento ao qual é trabalhado com os jovens. O uso do uniforme, do lenço, dos bastões de madeira, das insígnias, dos distintivos, das canções etc. São padrões utilizados pelo Movimento como forma de identificação e unicidade institucional.

³ A UEB desde 1924 é responsável pela condução do Escotismo brasileiro. No Brasil, a União dos Escoteiros do Brasil, única organização reconhecida e certificada pela Organização Mundial do Movimento Escoteiro, é a instituição que dirige e acompanha as práticas escoteiras adotadas no país.

⁴ Antes da publicação desse livro, Baden-Powell já havia escrito *Aids to Scouting* em 1901, um manual didático de treinamento militar.

Outro fato que pode ser levado em consideração sobre o Escotismo é a forma de ingresso e permanência no Movimento. A participação no Escotismo depende exclusivamente do voluntariado como centro do processo, não há nada que obrigue os jovens ou os adultos a serem membros escoteiros, tudo depende da própria vontade de participação.

Ao ter contato com as leituras sobre o Escotismo, comecei a compreender que o programa educativo escoteiro possui uma disciplina rigorosa, que exige do participante obediência e fidelidade, sobretudo pelo seguimento das leis e da promessa escoteira que são bases fundamentais para a permanência do jovem no Escotismo. Sendo um Movimento criado no início do século XX, o questionamento que se faz sobre tal é como esse Movimento foi desenvolvido na cidade de Baixio nos anos de 1980? Cabe-nos pensar sobre o Escotismo enquanto um projeto educacional pensado para os jovens ingleses do início do século XX e como esse Movimento se adequou a realidade dos jovens baixienses no período das atividades desenvolvidas pelo Grupo de Escoteiros São Francisco entre os anos de 1980 a 1985.

Por meio das entrevistas com as pessoas que participaram da fundação, descobri que o GESF iniciou suas atividades no ano de 1980, possuindo uma considerável quantidade de pessoas que participaram do Movimento ao longo da década. Diante desses fragmentos de informação sobre as atividades do grupo de escoteiros baixiense, entendi que a ação que nortearia esse trabalho era de ouvir as pessoas que participaram do Grupo de Escoteiros São Francisco afim de analisar as práticas do Escotismo que se fizeram no período a cargo das narrativas das experiências vividas por essas pessoas que foram personagens importante na fundação e desenvolvimento da proposta educacional extraescolar.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é analisar as práticas do Escotismo na cidade de Baixio (1980-1985), por meio das narrativas orais de pessoas que consideramos importantes na fundação e desenvolvimento do Grupo de Escoteiros São Francisco. Através do recorte temporal de 1980 a 1985, consideramos que foi o período de maior relevância das atividades desenvolvidas pelo grupo de escoteiros baixiense.

Para o desenvolvimento deste trabalho, optamos por uma pesquisa que tem os caminhos metodológicos fundamentados na reflexão de *memória* proposta por Maurice Halbwachs (1990), considerando a memória parte importante no processo de recordação e localização das lembranças, estabelecendo uma memória coletiva de um determinado grupo, que as relações estabeleceram.

A nossa pesquisa se aproxima de uma perspectiva da História Cultural pelo uso de teóricos da corrente e por estudar a educação para os debates em torno da pedagogia utilizada no Escotismo. No mesmo conjunto, analisamos a tradição, disciplina e pedagogia escoteira. É importante também destacar que essa pesquisa foi possível pelo fato das renovações historiográficas do final do século XX, quando se ampliou a possibilidade no uso de fontes historiográficas, até então pouco exploradas. A História Cultural inaugurou um novo modo de pensar a cultura, partindo do pressuposto que o campo teórico fornecido pelos considerados intelectuais dessa corrente historiográfica amplia as formas metodológicas de pesquisa. No caso do nosso trabalho essa pesquisa está em caráter primário baseada na História Oral e História do Tempo presente, pois entendemos que os fragmentos do passado foram recolhidos no presente para a análise do passado.

Utilizamos as narrativas de pessoas que participaram como membros ativos do Grupo de Escoteiros São Francisco, fazendo-se o uso da História Oral temática como abordagem metodológica que se utiliza das entrevistas como recurso fundamental. Segundo Meihy (2007), as narrativas possibilitam a centralização dos testemunhos como ponto fundamental para as análises, sendo a entrevista o epicentro da pesquisa.

As narrativas das pessoas que participaram do Grupo de Escoteiro de Baixio nos permitem perceber que a memória se trata de um elemento de preservação da história “É o grupo sua revificação, e o mecanismo de conservação do grupo está estreitamente associado a preservação da memória” (ORTIZ, 1989, p. 134).

Os personagens da história real nos contam em diferentes momentos a história vivida, as experiências, com um perfeito encaixe em cada uma das falas, numa recomposição consistente do passado, com a visão do presente. Segundo Chartier (1990), as experiências do lugar, do vivido, nos revelam uma realidade presente. As pessoas que nos prestaram depoimentos do passado nos apresentaram como o cotidiano escoteiro que aconteceram na cidade de Baixio e como elas foram partes importantes no desenvolvimento do projeto na pequena cidade.

Sobre o uso da metodologia da História Oral, Freitas (1992), comenta que o projeto em história oral torna a “fazer da história uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a história, a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram”.

No campo teórico deste trabalho, utilizamos os conceitos de *tradição*, *disciplina* e *imaginário social*, respectivamente delineados pelos teóricos, Eric Hobsbawm e Terence Ranger, Michel Foucault e Bronislaw Baczko. Compreendemos que o Escotismo enquanto um Movimento educacional extraescolar conjura repetitivos ritos e símbolos para dessa forma criar uma tradição inventada, por meio de uma série de práticas, governada por regras que inculca valores e normas de comportamento por meio da exaustiva repetição com o intuito de dar continuidade ao passado.

Em relação a utilização do conceito de *disciplina*, compreendemos que a instituição do Escotismo é carregada de mecanismos disciplinadores no seu programa educacional, que tem o objetivo de tornar o indivíduo manipulável para desenvolver as atividades de maneira prática, sem hesitação ou desobediência, por isso, a permanência no Escotismo depende do seguimento das leis e promessa escoteira, que são as bases do disciplinamento escoteiro. Foucault (1987), apresenta que o disciplinamento e o poder se estabelecem pelas relações de comando e comandados, adentra os corpos no intuito de multiplicar o fortalecimento institucional e diminuir a capacidade de resistência política.

O conceito de *Imaginário Social* utilizado neste trabalho, se aplica a compreensão das representações coletivas do Escotismo por meio de seu conjunto simbólico que constrói uma identidade institucional do Movimento associado ao poder, sendo uma estratégia utilizada para criar uma identidade pertencimento dos membros escoteiros como forma de estabelecer no mundo. O uso da simbologia segundo Baczko (1985), possui um valor expressivo na medida que ela comporta “objetos de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar outras” (BACZKO, 1985, p. 299).

No primeiro capítulo intitulado *Sempre Alerta Escoteiro: memórias do advento das práticas do escotismo na cidade de Baixio – Ceará*, investigamos a emergência do Grupo de Escoteiros São Francisco na cidade de Baixio nos anos de 1980. Através das narrativas de pessoas que foram membros escoteiros naquele período, buscamos o entrelaçamento das falas afim de tecer uma escrita historiográfica para compreender a fundação do GESF e as atividades empreendidas pelo Escotismo naquele período, levando em consideração o contexto histórico marcado pelas reformas educacionais promovidas pela ditadura militar e o seguimento das normas de Moral e Civismo tão presentes no período.

No segundo capítulo, *O Escotismo e o seu Projeto Educacional: a pedagogia de Baden-Powell*, discutimos sobre a vida do criador do Escotismo e a pedagogia escoteira criada por Robert Stephenson Smyth Baden-Powell para nortear as práticas do Escotismo. Utilizamos um apanhado bibliográfico escrito por Baden-Powell e trabalhos acadêmicos que embasam a discussão sobre o tema para evidenciar que o Escotismo é gestado sob as bases nacionalistas da Inglaterra do início do século XX, sobretudo em uma lógica de gerar uma juventude obediente que servisse aos ideais governamentais daquele período, sendo o Escotismo um projeto que foi moldado para responder aos anseios do período no que diz respeito a educação do jovem.

Por fim, no terceiro capítulo, problematizamos o uso de práticas simbólicas no Escotismo como estratégia para forjar uma “tradição inventada”, através do repetitivo uso ao longo da história do Movimento Escoteiro. Os ritos e práticas simbólicas compartilhadas pelo Movimento, evidenciam a estratégia de construir a identidade escoteira. Por isso, problematizar tais práticas simbólicas nos permite ampliar a nossa linha de visão sobre a temática.

Convido o leitor(a) a percorrer as trilhas das memórias de pessoas que vivenciaram as práticas do Escotismo.

CAPÍTULO 1

SEMPRE ALERTA ESCOTEIRO: MEMÓRIAS DO ADVENTO DAS PRÁTICAS DO ESCOTISMO NA CIDADE DE BAIXIO – CEARÁ

1.1. Considerações iniciais

Baixio, região centro-sul do Estado do Ceará, sete de setembro de 1980, era uma manhã de domingo, calor escaldante típico do verão daquele período, o céu azul sinalizava que aquele era mais um dia de calor intenso, com sensações térmicas que beiravam a faixa dos 40°. Por ser uma cidade pequena com estimativa de 5299 habitantes⁵ no período, o soar do trompete e dos tambores acordavam o povo para celebrar o dia da Independência do Brasil. Cerca de 40 jovens⁶ participantes do Grupo de Escoteiros São Francisco estavam a se aprontar em suas casas para logo irem a Prefeitura Municipal se juntarem ao conglomerado de pessoas que iam sair em desfile naquela manhã de feriado nacional.

O Grupo de Escoteiros São Francisco naquela manhã teve um papel importante ao organizar os estudantes das escolas públicas em filas e os demais populares que iriam participar do desfile cívico. Organizaram e também marcaram o ritmo de marcha que tinha que ser acompanhado por todos os alunos das escolas da cidade e aqueles que queriam em um ato patriótico marchar em comemoração. O Grupo de Escoteiros São Francisco naquele período era um corpo de jovens atuantes na sociedade baixiense. Eram escoteiros que praticavam o Escotismo. Trajados com seus uniformes da cor cáqui, boina da mesma cor do uniforme, esses jovens possuíam um perfil militarizado com seus punhais na cintura, meias pretas na altura do joelho e calçados com o tênis popular da época o Kichute.⁷

⁵ Informação extraída da plataforma DATASUS: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/popce.def>. Acesso em: 18/07/2018.

⁶ Estimativa de participantes com base nas narrativas colhidas ao longo da pesquisa.

⁷ O Kichute misturava tênis com chuteira e virou mania entre os meninos em meados de 1980. Além da funcionalidade, porém existe todo um contexto histórico cultural por trás do produto. O Kichute tem sua origem na década de 1970, quando o Brasil acabava de vencer a Itália na Copa do Mundo do México, em pleno regime militar. Em 1980 Sócrates e Zico foram garotos propaganda do produto. Ver o artigo: Conga, Kichute e 'sneakers': veja tênis que marcaram épocas. Disponível em: < <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/moda/conga-kichute-e-sneakers-veja-tenis-que-marcaram-epocas,a845fdcd2996c310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 18/07/2018.

A sociedade baixiense recepcionou de maneira positiva a participação do Grupo de Escoteiros São Francisco nas atividades em alusão à Independência do Brasil. Viam no grupo de escoteiros um projeto militarizado e nacionalista que condicionava o jovem a disciplina aos moldes do período. Os políticos e autoridades locais também tinham aparentemente essa mesma visão relacionada ao Movimento Escoteiro na cidade, onde os próprios escoteiros reconheciam essa acolhida em torno das práticas desse movimento nacionalista que aconteciam na pequena cidade, como atesta o senhor Sérgio Maurílio Holanda Farias que na época possuía nove anos de idade:

Foi um movimento que foi muito bem aceito e querido pela comunidade até porque foi escolhido o nome Grupo de Escoteiros São Francisco. Não participei do momento da escolha do nome, não tenho lembranças de como foi a escolha do nome, mas foi escolhido o nome do padroeiro da cidade São Francisco e isso foi o que fortaleceu ainda mais o carinho da comunidade pelo grupo [sic].⁸

Diante desta narrativa oral, este trabalho busca por meio das memórias e das narrativas de pessoas, construir uma escrita historiográfica que possibilita à análise das práticas do Escotismo na cidade de Baixo, Estado do Ceará, no período de 1980 a 1985. Por meio de entrevistas sob o prisma do uso da fonte oral. Thompson (1992), apresenta que a História Oral pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação até então pouco explorados. É essa a possibilidade de construir por meio das narrativas o que a história oficial não registra.

Este trabalho busca ampliar os enfoques sobre o Escotismo por meio das memórias de pessoas que participaram direto ou indiretamente no Grupo de Escoteiros São Francisco e por meio dessas narrativas colhidas ao longo da pesquisa construir fios de compreensão acerca do surgimento do Grupo de Escoteiros São Francisco, analisando as práticas do Escotismo por esse grupo escoteiro durante o período de 1980 a 1985. A pesquisa historiográfica possibilita ampliar os enfoques de compreensão e sobretudo:

Fazer da História uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a História, a partir das próprias palavras daqueles que viveram e participaram de um determinado período, mediante suas referências e também seu imaginário (FREITAS, 1992, p. 19).

A oportunidade de recompor as memórias dessas pessoas é um elemento que reconduz com propriedade um lugar e as experiências de um passado não tão distante. Permite

⁸ Entrevista de Sérgio Maurílio Holanda Farias, concedida ao autor no dia 03/07/2018.

compreender que essas pessoas tiveram e têm história, e que a sociedade não se faz apenas pela história oficial, considerada dos grandes feitos ou dos grandes nomes, mas também das experiências de pessoas comuns que tiveram seus cotidianos preenchidos por atividades. Então busca-se aqui se aproximar de uma abordagem de uma História Oral temática sobre o surgimento do Grupo de Escoteiros São Francisco e as práticas do Escotismo realizadas ao longo do período proposto.

A Igreja Católica de Baixio no período em questão tinha como padroeiro o Santo de Assis na Itália, São Francisco. Nesse período a igreja exercia suas funções eclesiásticas e administrativas sob a responsabilidade da paróquia de Nossa Senhora da Conceição da vizinha cidade de Ipaumirim, localizada a nove quilômetros de distância da pequena igreja franciscana. Nota-se que por meio da fala do entrevistado, o Grupo de Escoteiros São Francisco tinha uma relação próxima com os ideais do catolicismo, dando nome ao seu grupo São Francisco. A maioria dos membros escoteiros daquele período eram católicos, e por meio de conversas realizadas com pessoas que na época foram escoteiros nota-se a proximidade e afinidade com os ideais do catolicismo.

Os escoteiros no início de suas atividades tiveram um pouco de dificuldades para a fundação do grupo escoteiro definitivamente, visto que a sociedade da época era em sua maioria famílias carentes de uma pequena cidade esquecida pelos poderes públicos estaduais. O centro-sul cearense historicamente era uma região de pouca visibilidade no mapa econômico do Estado do Ceará, isso reflete as dificuldades que esses jovens tiveram em relação a adquirir materiais e até mesmo os uniformes para uso nas atividades.

De início, o Movimento Escoteiro teve pouca visibilidade na sociedade baixiense, talvez pelo desconhecimento do que se tratava aquele projeto que tinha o objetivo instruir garotos para às práticas das boas ações, segundo a lei do Escotismo número três: “O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação”.⁹ Ao longo do tempo os moradores da pequena cidade de Baixio foram se acostumando em ver garotos uniformizados indo para as reuniões do Grupo de Escoteiros São Francisco que naquele período aconteciam no Centro Comunitário da cidade, como atesta o senhor Sérgio Maurílio que foi escoteiro na época:

⁹ Terceiro artigo da Lei Escoteira. BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. Escotismo para rapazes. Edição comemorativa ao centenário do Movimento Escoteiro. Curitiba, PR: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil, 2006.

Nós nos reuníamos no Centro Comunitário, era aos domingos as reuniões e tinham diversas atividades: atividades teóricas, atividades práticas. De certa parte alguns treinamentos de ordem militar, também tínhamos as jornadas, acampamentos. Tudo isso era programado. Era uma dinâmica completa que acontecia. Porém pela época, com poucos recursos, tudo se tornava um pouco resumido, por que não tinha tanto acesso a informação, não tinha tantas didáticas e dinâmicas como se acontece no Escotismo de hoje [sic].¹⁰

O Grupo Escoteiro São Francisco concentrava suas atividades no espaço do Centro Comunitário como anteriormente vimos. Na época possuía uma quadra de esportes que facilitava a prática das atividades físicas que os garotos realizavam aos domingos. O Centro Comunitário era uma construção importante para a sociedade baixiense, ele abrigava inúmeras salas e possuía um salão de festas próximo a quadra de esportes, era um prédio de uso da sociedade que abrigava também no mês de fevereiro as comemorações do carnaval da cidade e outras atividades que o governo municipal realizava no período. Era um importante prédio e dificilmente era emprestado ou cedido a populares, mas os jovens escoteiros utilizavam-no para a prática de aulas práticas e teóricas do Escotismo.

Ao tomar esse conjunto de informações é possível compreender que o Movimento Escoteiro na cidade teve uma boa aceitação depois de criado definitivamente e gozando do uso de espaços da sociedade que tinham grande importância. Então, dessa forma e com base nesse conjunto de informações, o Escotismo foi bem aceito na pequena cidade do interior do Ceará, sendo evidenciado pela contribuição que os poderes locais lhes conferiam. A educação desses jovens por meio de atividades além da escola foi considerada um instrumento preciso na busca da construção da juventude baixiense. Percebemos indícios de que o Movimento teve um forte apoio das autoridades locais. Dessa forma, a pesquisa aponta direcionamentos a compreensão da forte influência que o Movimento obteve e também como se tornou aceitável na cidade tal projeto educativo. Percebemos indícios que a implantação do Grupo de Escoteiros São Francisco recebeu forte apoio na época em decorrência da série de dificuldades que o período se encontrava, em que mais adiante abordaremos tal assunto.

Diante disso, sentimos a necessidade de lançar sobre esta pesquisa alguns questionamentos que irão nortear e ajudar a compreender a implantação do Escotismo no Baixo e as primeiras atividades que o grupo escoteiro baixiense desenvolveu na cidade, e por meio desse estudo ampliar as pesquisas em torno do Escotismo no Brasil, sobretudo fortalecendo os escritos acadêmicos sobre o Escotismo no Nordeste.

¹⁰ Entrevista de Sérgio Maurílio Holanda Farias, concedida ao autor no dia 03/07/2018.

Há vários questionamentos que procuramos responder neste primeiro capítulo: Como foi possível implantar o Escotismo no Baixo? Qual os meios educacionais o Grupo de Escoteiros São Francisco desenvolvia em sua prática do Escotismo?

1.2. O início das práticas do Escotismo em Baixo – Ceará

O início das práticas do Escotismo no Baixo se dá no ano de 1980, quando o senhor Esmeraldo de Assis Santana, na época com dezenove anos de idade, convidou o chefe de escoteiros da cidade vizinha de Lavras da Mangabeira, Raimundo de França¹¹ para juntos formarem um grupo de escoteiros na pequena cidade de Baixo. Após algumas reuniões o então chefe escoteiro prontamente concordou em colaborar na criação do grupo de escoteiro expandindo ainda mais os ideais de Baden-Powell¹² na região centro-sul do Estado do Ceará. Esmeraldo no período em questão trabalhava como motorista do Fórum Municipal de Baixo e ia frequentemente à cidade de Lavras da Mangabeira à trabalho. Em uma dessas visitas observou vários garotos que estavam a realizar uma atividade escoteira na cidade de Lavras da Mangabeira. Por meio dessa observação que fez criou vínculos com Chefe Raimundo e o convidou para juntos implantarem o que viria a ser o primeiro grupo de escoteiros em Baixo. Ao observar e também participar de algumas reuniões que os escoteiros de Lavras da Mangabeira realizavam, Esmeraldo viu que aquele movimento poderia contribuir com a educação da juventude baixiense.

Inicialmente Chefe Raimundo, como era conhecido na época, forneceu uma quantidade significativa de materiais e vez ou outra sempre estava presente nas reuniões para inspecionar o andamento das atividades que eram realizadas pelo Grupo de Escoteiros São Francisco. Com sua postura militarizada trajado de um uniforme escoteiro, Raimundo era considerado um chefe rígido que não dispensava erros cometidos pelos escoteiros, usava sua autoridade para instruir os garotos para a prática do Escotismo com disciplina e rigorosidade. Sempre é lembrado pelos

¹¹ Raimundo de França, conhecido como Chefe Raimundo foi um dos fundadores do Grupo de Escoteiros Padre Alzir Sampaio da cidade de Lavras da Mangabeira, localizada na região centro-sul do Estado do Ceará. O Grupo de Escoteiros Padre Alzir Sampaio foi criado no ano de 1976, por intermédio do juazeirense Francisco Edivan Torres, que nesse período era funcionário público do IBGE na cidade de Lavras da Mangabeira. Juntamente com Chefe Raimundo foram os idealizadores do grupo de escoteiros de Lavras e nos anos de 1980 Raimundo foi personagem importante na criação do Grupo de Escoteiros São Francisco em Baixo.

¹² Robert Stephenson Smith Baden-Powell foi o militar inglês idealizador do Escotismo. Considerado o Chefe mundial do Movimento Escoteiro no mundo.

antigos participantes do Movimento Escoteiro daquele período e daquela região como um chefe rigoroso, que não poupava os erros dos escoteiros e que seguia o manual do escoteiro à risca.

A organização do Movimento Escoteiro em Baixio Ceará disponibilizava uma série de materiais de estudo, em sua maioria impressos por mimeógrafos que o senhor Esmeraldo de Assis Santana conseguia junto às escolas da cidade. Há também relatos que eram produzidos materiais informativos para os leigos do assunto conhecerem o trabalho desenvolvido pelo Escotismo na pequena cidade de Baixio. Essa produção que poderia ser utilizada como documento histórico nesta pesquisa se perdeu ao longo do tempo, mas que ainda permanece viva nas memórias das pessoas que participaram ou que tiveram contato com os escritos produzidos pelos escoteiros baixienses.

O Baixio do início dos anos de 1980 foi uma cidade que sofreu uma crise avassaladora, com fome, desemprego e falta de oportunidades para os cidadãos. Essa crise se deu em decorrência da perda potencial do seu principal meio de produção, a produção algodoeira. Acontece que nesse período o Baixio até então grande produtora de algodão do centro-sul cearense sofre uma recessão econômica em decorrência das pragas do campo, principalmente o bicudo, responsável por destruir os plantios de algodão. Segundo Gonçalves (1997):

No Brasil, a produção algodoeira envolvia o cultivo de plantas arbóreas na região nordestina e de herbáceas no Planalto Meridional. A produção nordestina entrou em decadência nos anos 1980, quando foi severamente afetada pela praga denominada bicudo do algodoeiro. (GONÇALVES, 1997, p. 2).

O bicudo arrasou as plantações baixienses de algodão e provocou uma crise econômica que afetou a vida das famílias da pequena cidade de Baixio que tiravam seu sustento da economia algodoeira.

Essa crise econômica do algodão não foi a única crise que o Baixio enfrentava, pois nesse período também havia um reflexo caracterizado por profundas transformações no cenário econômico nacional e internacional. A estrutura política e econômica adotada pelo regime militar na época que tinha como presidente João Figueiredo, dificultava o avanço econômico do país. As sucessivas crises econômicas que o país sofria, principalmente em decorrência do chamado “Milagre Econômico” afetaram diretamente a vida do povo brasileiro, principalmente pelo alto índice de desempregados e a desvalorização do salário.

Em Baixio, a crise fez com que o povo ficasse sem emprego, pois até então as únicas oportunidades que se tinham era o funcionalismo público e o emprego no campo. Por ser uma

cidade de pequeno porte sem indústrias ou empresas, a pequena cidade sofreu severamente o reflexo do conjunto desastroso. Nesse período a economia da cidade não conseguiu gerar empregos e, por conseguinte não possuía um salário satisfatório que atendesse as necessidades básicas de consumo para aqueles que conseguiam emprego. Esse conjunto catastrófico possibilitou agravar ainda mais a situação que a cidade vinha enfrentando e culminou em um alto número de imigrantes que foram em direção aos grandes centros urbanos do sudeste brasileiro, como a cidade de São Paulo.

Os jovens baixienses sofriam com dificuldades de estudar, pois as escolas apresentavam muitos problemas de natureza econômica e estrutural, elevando os índices de analfabetismo e conseqüentemente o alto índice de desistência escolar. As escolas eram estrategicamente pensadas no período para atender o que a política nacional exigia dos estudantes, disciplina, ordem e patriotismo, porém as escolas não dispunham de efetivo recurso e por conseguinte estrutura adequadas aos moldes pregados pelo governo militar. Talvez por essa série de motivos o Escotismo no Baixio ganhou grande força, em decorrência da ausência em relação a um programa que contemplasse a juventude baixiense na época que pouco recebiam em relação a educação escolar.

A educação do período da Ditadura Civil-Militar, principalmente nos anos de 1969 até o ano de 1980 tomou maior impulso para o autoritarismo no que podemos considerar um conjunto de ações de controle educacional realizadas pelo governo ditatorial, que em seu programa objetivava adequar as crianças e jovens para a modernização do Estado. Em outras palavras, era acatar os ditames de uma política nacional e aplica-los as crianças e jovens baixienses em uma lógica autoritária em supressão a uma educação crítica.

A Ditadura Civil-Militar objetivava adequar esses jovens para cumprirem as ordens e formar cidadãos que fossem obedientes e disciplinados com moralidade e civismo. A intensão era por meio desse aporte ideológico dominante, buscar o máximo de resultado a fim de minar qualquer resquício de subversão da ordem afetando diretamente qualquer possível resistência. Era impor as normas e extrair dele os resultados esperados e se não, combater com ferrenha força agressiva os que se opusessem aos seus mandos.

No período que vigorou a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), aconteceram enormes transformações nas políticas educacionais, como o caso da proposta da Lei de Diretrizes Básicas da Educação (LDB) do ano de 1971, que executou mudanças curriculares em disciplinas como História e Geografia, consideradas disciplinas que são baseadas no pensamento crítico. Essas

disciplinas deram lugar no período a disciplina de Ciências Sociais, um conjunto de estudos em que abrangia as disciplinas que compunham o conjunto das ciências sociais, ou melhor, das ciências humanas. (MARCELINO, 2009).

O principal impulso trazido por essas reformas no sistema educacional era corresponder a governos conservadores que vigoravam no período em questão. Tinha a meta de estabelecer essas reformas a curto prazo em todo o território nacional. A Ditadura Civil-Militar de 1964 a 1985 estabeleceu um regime repressivo que visava sobretudo a eliminação de qualquer foco de resistência por parte das camadas sociais e também a pretensão de ir de encontro correspondendo aos anseios das camadas burguesas, nacionais e internacionais. Era forjar um sistema educacional que respondesse abruptamente contra o fantasma do comunismo que ainda rondava em um contexto da Guerra Fria. Essa imposição que marcou as disciplinas relacionadas às Ciências Humanas foi uma forma de controle adotada para o controle curricular rígido como assinala Lima e Fonseca:

O programa curricular imposto durante o Regime Militar, com a Reforma do Ensino de 1971, impunha um Ensino diretivo, acrítico, no qual a História aparecia como uma sucessão linear de fatos considerados significativos, predominantemente políticos e militares, com destaque para os “grandes nomes”, os espíritos positivos que conduzem a História (LIMA E FONSECA, 2007, p. 55).

Diante dessas transformações os livros didáticos foram responsáveis por expandirem os padrões sociais de conduta que tinham que ser seguidos. Os estudos sobre Moral e Civismo foram impostos justamente para adequar os jovens a uma conduta que o governo propunha. Era a forma do governo encontrar a harmonia social e o patriotismo e conduzir a nação a um espírito moderno e progressivo segundo seu projeto de governo.

O Escotismo como uma política educacional extraescolar que foi pensada aos moldes europeus do início do século XX na Inglaterra, que também buscava a construção da juventude inglesa, sobretudo no amor a Deus, pátria e ao próximo foi usada de maneira errada e distorcida para atender os interesses dos grupos políticos autoritários no Brasil em que a face da ideologia radical e autoritária comandavam e distorciam o projeto educacional pensado pelo criador Baden-Powell. O uso do Escotismo como mecanismo de controle da juventude se deu pelo fato de pressões no próprio Movimento ceder ao poder vigente da época. Seu método educacional atingia diretamente a juventude e o governo ditatorial enxergaram no Escotismo a possibilidade de ampliar os domínios ideológicos, principalmente na educação da juventude.

A Promessa Escoteira instituída pelo criador do Movimento, Baden-Powell e que todo escoteiro deveria prestar para iniciar e permanecer no Movimento soava afirmativamente de maneira divergente com o que era proposto pelo governo militar em que se buscava o patriotismo exacerbado e o civismo sem recusa: “Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para: cumprir meus deveres para com Deus e a minha Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer à Lei Escoteira” (BADEN-POWELL, 2006, p. 24).

O Movimento Escoteiro e suas representações caracterizavam na época o perfil ideal do jovem cidadão, que fosse fiel aos ideais que o governo da época cobrava. Sob a ideologia do patriotismo e a exaltação a pátria e seu conjunto cívico. Os ensinamentos que esses jovens aprendiam no Movimento Escoteiro dialogavam com as propostas que a Ditadura Militar conduzia na época. O Escotismo se apresentava como projeto educativo, com um método bem definido a ser seguido baseado em princípios, organização e regras de conduta dos participantes, por isso o governo identificava como um Movimento adequado as suas pretensões.

Eram realizadas atividades tanto na escola como nos encontros escoteiros, justamente para se estudar esse conjunto de ensinamentos patrióticos de cunho nacionalista, como também fazer exercícios de memorização para a fixação do conhecimento. Acreditava-se que decorando o conteúdo o jovem estava preparado para ser um bom cidadão que ama sua pátria e cumpre as regras estabelecidas.

A utilização dos livros didáticos de Educação Moral e Cívica nas escolas, fomentaram ainda mais o discurso patriótico que se utilizava de conteúdos que direcionavam o jovem a aprender como se comportar, ter amor à pátria e civismo para com ela. Nessa perspectiva escolar, o Escotismo foi um projeto direcionado aos jovens baixienses para marcar uma referência cultural, que dava suporte a formar um indivíduo ativo com princípios de coletividade, que se adequassem as normas que eram propostas pelas instituições políticas da época em questão.

É nesse cenário que o Grupo de Escoteiros São Francisco é implantado na cidade de Baixio, Estado do Ceará. Por meio de atividades que geralmente aconteciam aos finais de semana no Centro Comunitário da pequena cidade, os escoteiros baixienses desenvolviam ações sociais que foram ao longo do tempo na pequena cidade, que ajudaram ainda mais a construir uma imagem de um projeto educacional que contribuía para a sociedade baixiense, tornando assim um grupo bem aceito pela sociedade e ganhando confiança das autoridades locais que viam no Escotismo o projeto ideal para atender os ditames do governo vigente.

Muitas crianças e jovens enxergavam no Escotismo uma forma de preencher o tempo livre aos finais de semana por meio de atividades atraentes que despertavam ao aprendizado das atividades escoteiras. Nas aulas esses jovens aprendiam posturas militares, marcha, hastear e arriar a Bandeira Nacional, nós e amarras etc. Era comum também durante as atividades serem realizadas aulas de teatro, voleibol, futebol e outras atividades lúdicas. Foi assim que muitos jovens se sentiram atraídos em participar do Grupo de Escoteiros da pequena localidade.

A recessão econômica que o Baixio vinha enfrentando, alimentado por um discurso nacionalista do período em questão, proporcionou uma maior estabilidade para que emergisse um Movimento que despertasse nos jovens da cidade o interesse para a sua prática, assim surgiu o Grupo de Escoteiros São Francisco sob a pedagogia do Escotismo e seu conjunto simbólico. Embora sob o prisma de um discurso nacionalista interpretado de maneira divergente de sua proposta original, em Baixio, o Escotismo foi usado para atender o interesse dos poderosos em enxergar nessa prática um mecanismo de controle e direcionamento para as práticas do civismo.

O trabalho do Grupo de Escoteiros São Francisco não se limitava apenas a participação de eventos cívicos ou da administração local da cidade, havia também campanhas em prol de benefícios da própria sociedade como o caso da campanha do Natal sem Fome¹³, que consistia basicamente na arrecadação de alimentos e distribuição às famílias que estavam em situação de risco em decorrência dos problemas econômicos que eram tão comuns na época.

Muitas famílias que moravam na zona rural deixaram o campo em decorrência da queda da produção do algodão e começaram a migrar para a pequena cidade em busca de algum serviço. Essas famílias começaram a passar necessidades básicas em decorrência da falta de emprego. O Grupo de Escoteiros São Francisco buscava por meio de uma seleção, identificar essas famílias que estavam em situação precária e destinar cestas básicas aquelas que se apresentavam em situação de risco.

Outra campanha que era realizada era a “Campanha do Agasalho”¹⁴, que consistia em angariar roupas para serem doadas a essas mesmas famílias que estavam passando necessidades. Então de certa maneira, o grupo ia de encontro com alguns problemas sociais e econômicos que as famílias baixienses passavam no período que abrange sua atuação na cidade.

¹³ Projeto idealizado pelo Grupo Escoteiro São Francisco que consistia em os jovens saírem as ruas pedindo contribuições para compra de produtos de cesta básica que consequentemente seriam destinados a famílias carentes da cidade.

¹⁴ Os escoteiros arrecadavam roupas para destinarem às famílias carentes da cidade.

Talvez por essa e por outras campanhas o grupo obteve aceitação na cidade e começou a incorporar sua pedagogia educacional no cotidiano da sociedade baixiense.

Esse conjunto de ações pode ser o catalisador para que a sociedade conhecesse o trabalho do Escotismo na cidade. Era uma forma estratégica das pessoas conhecerem como atuava o grupo de escoteiros na cidade. Era a construção de uma imagem em torno do Grupo de Escoteiros São Francisco por meio de atividades com as instituições públicas e a sociedade em geral, foi por isso que a sociedade baixiense começou a compreender esse projeto de jovens que atuava na cidade. A condução dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo escoteiro foi bem aceito pela sociedade da época e levou o senhor Esmeraldo de Assis Santana¹⁵ ter um reconhecimento entre os cidadãos de Baixio.

Então comecei a me articular, falando com alguns políticos na época. As coisas eram muito difíceis, não era como hoje, mas consegui montar o grupo de escoteiros em Baixio, no qual estive à frente mais de um ano. Eram todos uniformizados. Eu fui um pioneiro em formar esse grupo na cidade. Eu sempre fui muito bem recebido pelos familiares dos meus escoteiros e pelo povo de Baixio. [sic].¹⁶

Com base nos relatos do senhor Esmeraldo de Assis Santana é possível identificar alguns pontos importantes em relação à aceitação que o Grupo Escoteiro São Francisco teve tanto pela sociedade como também pelo poder público da cidade de Baixio. Pelo menos é o que foi abordado pelo entrevistado. O Escotismo rapidamente foi traçando suas metas e disseminando os ideais do Escotismo na pequena cidade, de modo a se tornar bem visto pelas esferas sociais e conseqüentemente ser apoiado pela sociedade de maneira positivas nas suas práticas que eram realizadas.

O poder público percebeu na proposta educativa extraescolar no Escotismo a chance de propagar práticas educacionais que davam respostas aos anseios da época. O grupo escoteiro era tido como um projeto que mudaria a forma de lidar com os jovens problemáticos e conduzi-los ao caminho da boa ação. Era visto nesse movimento uma forma disciplinadora de agir com os jovens e conduzi-los ao amor para com Deus, Pátria e o próximo. Ao mesmo tempo o Escotismo também foi utilizado de maneira interessada e ideológica para disciplinar os jovens

¹⁵ Esmeraldo de Assis Santana foi o idealizador do Grupo de Escoteiros São Francisco juntamente com outros adultos. Se inspirou no Grupo de Escoteiros Padre Alzir Sampaio que teve sua fundação no ano de 1976 e tinha como Chefe Escoteiro na época, o senhor Raimundo de França, Chefe Raimundo.

¹⁶ Entrevista de Esmeraldo de Assis Santana, concedida ao autor no dia 04/07/2018.

em uma espécie de adestramento que os limitava os jovens as tomadas de decisão no conjunto educacional.

O Escotismo e seu projeto educacional forneciam ensinamentos para o desenvolvimento dos jovens com base no amor à Deus e à Pátria, o respeito ao chefe de Estado, as leis da nação, o culto a honra, o sentimento de dever e de responsabilidade, a disciplina, a iniciativa, o trabalho, o civismo, a preparação física e psicológica dos jovens que mais tarde seriam adultos defensores da Pátria. Podemos compreender que, com base nessas ações que o Escotismo desenvolvia, as autoridades puderam perceber que apoiar o Movimento Escoteiro na cidade era um investimento que poupava gastos financeiros e retorno favorável em pouco tempo.

Os pais e as mães dos escoteiros baixienses, viam no movimento escoteiro uma forma de educação extraescolar que resolvia certos problemas de natureza familiar e de comportamento desses jovens. Ou seja, os pais viam no Escotismo um aparato disciplinador que conduzia os seus filhos a obediência e ao bom comportamento. A família também deveria se interessar pelos assuntos relacionados a esse programa educacional de condicionamento da juventude, com o intuito de elevar o nível moral e cívico dos jovens baixienses. Aconteciam reuniões com os pais nas quais eram apresentadas as propostas de condução das atividades e a forma da família ajudar o jovem a permanecer no Escotismo.

Os jovens escoteiros baixienses possuíam uniformes próprios em conformidade com o modelo exigido pela União dos Escoteiros do Brasil. Constituído de boina, lenço, camisa, short, cinto, meias longas pretas e tênis preto. Todos seguiam esse padrão de uso do uniforme.



**Figura 1 – Escoteiros pousando para foto oficial, no ano de 1983.
Fotografia doada pelo senhor Sérgio Maurílio Holanda Farias.**

Sobre o uniforme Laszlo Nagy¹⁷ apresenta a seguinte afirmativa:

O Uniforme é uma característica do Movimento. Calças curtas e chapéu caqui de abas largas, lenço de pescoço e bastão de escoteiro tem criado uma figura familiar e possivelmente contribuiu em produzir mais propriamente uma imagem popular a vista do povo. Hoje em dia, o azul, laranja, vermelho e verde muitas vezes substituem a cor caqui. O uniforme tem sido alterado, porém continua sempre em uso assemelhando-se aos hábitos dos países e raças e faz sentirem-se todos membros cada um da grande Fraternidade Universal conforme as palavras de B. P. pronunciadas no Jamboree em 1938. Também disse que não usava calças curtas por serem mais confortáveis, mas sim pelo motivo de serem usadas pelos jovens que contribuem para reduzir as distâncias entre o adulto e pessoas jovens. (NAGY, 1987, p. 45).

Percebe-se que na imagem que apresenta os escoteiros baixienses é utilizado o uniforme em cor caqui, e em vez do uso de chapéu é utilizada a boina da mesma cor do uniforme. A foto apresenta um momento de descontração que não remete a um perfil “militarizado” dos escoteiros, mesmo que em determinadas atividades esse perfil fosse apresentado pelas suas

¹⁷ Laszlo Nagy é natural da Suíça, pesquisador, sociólogo, historiador e doutor em Ciências Sociais. Publicou o livro *250 Milhões de Escoteiros*, que apresenta um apanhado historiográfico sobre o Movimento e sua trajetória até o final do ano de 1970, ano que a obra foi publicada.

disciplinas e ensinamentos. Dessa maneira, o uso do uniforme representa pertencimento a determinada instituição que envolve pessoas com o mesmo propósito. A unicidade do uso da vestimenta conduz a uma representação de elo existente entre os membros, ou seja, a união em torno de um grupo em seus aspectos culturais e sociais.

Analisando a fotografia percebe-se que os escoteiros estão sentados em uma escadaria que aparentemente pode ser a da Igreja de São Francisco, reforçando o vínculo religioso que o grupo possuía, participando dos eventos religiosos e também levando representando o santo por meio do nome utilizado no grupo de escoteiros.

A participação dos escoteiros no âmbito religioso é uma característica do Escotismo, faz parte dos ensinamentos que o criador do Movimento desenvolveu ao longo dos anos iniciais do século XX, no qual chamou de princípios religiosos. Desenvolver a parte religiosa é um dos objetivos que o Escotismo possui. No início de sua criação, O Escotismo não definiu sua religião oficial, preferiu-se compreender que a religião é parte importante do indivíduo e o movimento educacional tinha a responsabilidade de desenvolver atividades que valorizassem e apoiassem a crença religiosa.

Com bases nos relatos orais, compreendemos que os escoteiros baixienses eram, em sua maioria, praticantes do catolicismo, participavam dos eventos da Igreja de São Francisco como romarias, novenas, missas, velórios e no dia quatro de outubro a presença era indispensável na procissão do padroeiro da cidade que levava o nome do grupo.

Ainda sobre o uso do uniforme, o criador do Movimento Escoteiro, Baden-Powell quando idealizou o uniforme escoteiro no início do século XX, tinha como referência o modelo de uniforme adotado pela Polícia da África do Sul, país que trabalhou como militar em campanhas pela coroa britânica. Baden-Powell em seu livro *Escotismo para Rapazes* de 1908 apresenta que o uniforme:

É muito semelhante ao usado pelos meus soldados da “Polícia da África do Sul”, quando eu a comandava. Eles sabiam o que era confortável, útil e capaz de oferecer boa proteção contra o mau tempo. Por isso, os Escoteiros têm uniforme quase igual ao deles. (BADEN-POWELL, 2006, p. 36).

1.3. Expressões do nacionalismo: a questão do Grupo de Escoteiros São Francisco

As representações da imagem dos jovens escoteiros remetem a um movimento educacional, como também a um conjunto de imagens e símbolos que o Movimento Escoteiro

carrega ao longo de sua história. Nesse sentido, o conceito de representações de Chartier (1990) compreende que essas representações do Escotismo são construídas em determinados contextos sociais para explicar a realidade vivida e construída pelos atores. Ainda se utilizando do conceito de prática e representações é possível compreender as relações e contextos em que os atores se inserem no processo histórico.

O Grupo de Escoteiros São Francisco na época de sua fundação teve algumas dificuldades em relação à confecção do uniforme para os jovens, na época, pois, havia uma acentuada dificuldade financeira dos membros do Movimento e a maioria das famílias que tinha seus filhos no Escotismo eram compreendidas como famílias de baixa renda. Segundo o entrevistado Esmeraldo de Assis Santana o Grupo de Escoteiros São Francisco só conseguiu adquirir os uniformes porque na época foram realizadas campanhas de arrecadação de doações e também foram realizados bingos para arrecadação de recursos. A gestão municipal da época também contribuiu com uma quantia significativa que não é declarada na entrevista, mas que ajudou no processo de aquisição do uniforme escoteiro.

Outro detalhe que está associado a confecção do uniforme é dele ter sido produzido com base nos uniformes utilizados pelos escoteiros do Grupo de Escoteiros Padre Alzir Sampaio na época situado na cidade de Lavras da Mangabeira.



**Figura 2 – Escoteiros de Lavras da Mangabeira, ano de 1978.
Foto doada por Raimundo de França.**

O uniforme dos jovens escoteiros baixienses foram confeccionados por costureiras da comunidade local. Então por esse pequeno detalhe compreendemos que o Grupo de Escoteiros São Francisco possuía uma relação direta com o grupo escoteiro de Lavras da Mangabeira e o mesmo influenciava em aspectos do grupo vizinho da cidade de Baixio.

O grupo escoteiro de Baixio era constituído majoritariamente pelo sexo masculino, desde os dirigentes, escotistas e escoteiros. Na época o Movimento Escoteiro Mundial já admitia escoteiras (sexo feminino), mas no caso do Baixio, talvez por atribuir uma representação de militarização infantil na época e com base no que acontecia no Estado do Ceará fez-se a opção de somente compor o grupo escoteiro com pessoas do sexo masculino.

É certo que esses jovens participaram de muitas atividades que envolvessem os ensinamentos do Escotismo, vida ao ar livre e disciplinamento. O Grupo de Escoteiros São Francisco da cidade de Baixio em seu trabalho funcionou como uma instituição extraescolar que complementava o campo educacional, baseado no conjunto educacional que o próprio criador do Movimento Escoteiro desenvolveu no início dos anos de 1908. Com base nos estudos de Julia (2001), o Escotismo compreende uma cultura extraescolar, pois baseado em um conjunto de parâmetros, organização e regras que condiciona o jovem a incorporação e aceitação de participação nesse Movimento.

O Escotismo e sua pedagogia educacional que foi pensada no início do século XX, baseada no disciplinamento dos jovens, na fixação de valores, no desenvolvimento das habilidades e principalmente na difusão de conhecimentos, foi forte difusor de práticas educacionais até então pouco exploradas pelo Estado brasileiro no início do século XX, mas que por meio das reformas educacionais promovidas pelos governos autoritários da Ditadura Militar foi ao longo do tempo se tornando uma possibilidade viável de introduzir na sociedade uma plataforma que atendesse aos interesses nacionalistas daquele período. Embora o Escotismo em sua gênese fosse pensado e gestado sob as bases educacionais como uma possibilidade democrática, nos governos autoritários se não foi expulso, foi modificado para atender aos interesses próprios de cada governo. Foi assim que ao longo da história do Escotismo sua imagem foi se construindo a uma ligação com o Estado e seus interesses.

Juntamente com a família, escola e a religião, o Escotismo constitui-se no chamado “Terceiro Setor” da sociedade:

A organização do Escotismo é enquadrada na função de “Terceiro Setor” da sociedade, que complementa a função da família, da escola e da religião, desenvolvendo para o jovem o caráter, a personalidade, e a boa cidadania, objetivava desenvolver um comportamento baseado em valores éticos, por meio da vida em equipe, do espírito comunitário, da liberdade

responsável e do estímulo do aprimoramento da personalidade, que no campo individual, quer no campo coletivo (THOMÉ, 2006, p. 174).

Anterior ao governo da Ditadura Militar, o Escotismo brasileiro foi reconhecido perante ao Estado por meio do Decreto de Lei n. 8.828/1946 que o assegurava como uma instituição extraescolar destinada a condução do Escotismo no Brasil por meio da UEB – União do Escoteiros do Brasil – órgão maior de representação do Escotismo no país.

Art. 1º - Fica reconhecida a União dos Escoteiros do Brasil no seu caráter de instituição destinada à educação extraescolar, como órgão máximo de escotismo brasileiro.

Art. 2º - A União dos Escoteiros do Brasil manterá sua organização própria com direito exclusivo ao porte e uso dos uniformes, emblemas, distintivos, insígnias e terminologia adotados nos seus regimentos e necessários à metodologia escoteira.

Art. 3º - A União dos Escoteiros do Brasil realizará, mediante acordo, suas finalidades em cooperação com o Ministério da Educação e Saúde.

Art. 4º - A União dos Escoteiros do Brasil será anualmente concedida no orçamento geral da República, a subvenção necessária para a satisfação dos seus fins. (THOMÉ, 2006, p. 175).

Percebe-se por meio desse decreto que o Escotismo e sua ligação com o Estado Nacional é institucionalizada por meio do decreto e do reconhecimento da UEB como órgão máximo de difusão do Escotismo e suas práticas no Brasil. A UEB é reconhecida como instituição extraescolar responsável para dar prosseguimento aos ideais de Baden-Powell.

O ingresso no Grupo de Escoteiros São Francisco era realizado por meio de uma seleção sobre conhecimentos relacionados ao Escotismo. O idealizador do grupo, Esmeraldo de Assis Santana de início ia à procura de jovens nas escolas da cidade. Posterior a formação do Grupo de Escoteiros, a procura para ingressar no Movimento baixiense se tornou maior em decorrência do conhecimento das atividades que eram realizadas com os jovens e também pelos pais enxergarem no movimento um direcionador da disciplina voltada para os jovens.

Sobre a seletividade para a participação no Grupo de Escoteiros São Francisco, o senhor Esmeraldo de Assis Santana apresenta sua versão:

Na verdade, sempre gostei de ensinar. Por um tempo fui professor nos colégios aqui na cidade [Baixio]. Consegui alguns materiais com Chefe Raimundo em Lavras da Mangabeira e com base nesses materiais eu elaborei uma espécie de seleção para o ingresso do jovem no Movimento Escoteiro da nossa cidade. Eu achava necessário por que se o jovem que queria ingressar no Escotismo, ele precisava conhecer sobre a História do Movimento e seu método educacional, que na época não era tão simples. Os escoteiros faziam as

avaliações eu mesmo corrigia, eu fazia e elaborava umas provas para eles. [sic].¹⁸

Participar do Grupo de Escoteiros da cidade, estabelecia um privilégio para os jovens, visto que o Movimento tomou uma proporção de aceitabilidade na sociedade baixiense e as autoridades locais enxergaram no Escotismo uma forma de construir a juventude com base nos valores morais e cívicos que eram tão evocados no período. Esses jovens começaram a ser vistos pela sociedade como jovens que cultuavam o valor à Deus, Pátria e Família, slogan da Ditadura Militar do período. Por mais que distorcidamente o Escotismo tivesse sido modificado para atendimento dos interesses dos governantes, os moradores da pequena cidade viam no Movimento uma forma de construção de uma juventude ativa, mesmo com o desconhecimento por parte do que era o período de Ditadura Militar e seu regime repressivo.

O Grupo de Escoteiros São Francisco após sua fundação conseguiu obter a aceitação necessária para dar continuidade ao Escotismo na pequena cidade de Baixio. A busca pela interação entre a instituição e a sociedade fortaleceu a imagem do Escotismo e com isso o grupo conquistou a estabilidade necessária para conduzir as práticas do Escotismo na cidade.

O Grupo de Escoteiros São Francisco possuía na época três Ramos¹⁹ de atuação: os Lobinhos de faixa etária que vai dos 7 anos aos 10 anos de idade, o Ramo Escoteiro que vai dos 11 aos 14 anos de idade, os Chefes Escoteiros que compreenderam a idade acima de 21 anos. No Baixio houve uma maior atuação do Ramo Escoteiro que compreende a faixa etária descrita acima.

O Escotismo possui outros Ramos de atuação em seu programa educativo:

RAMO	IDADE	ÊNFASE EDUCATIVA	FUNDO MOTIVADOR
 Ramo Lobinho	6,5 anos a 10 anos	Socialização	Mogli, o menino lobo
 Ramo Escoteiro	11 anos a 14 anos	Autonomia	Aventuras
 Ramo Sênior	14 anos a 17 anos	Identidade	Desafios
 Ramo Pioneiro	18 anos a 21 anos	Projeto de Vida	Serviço
 Chefes (adultos)	Acima de 21 anos	Voluntariado	Educação

Tabela 1 – A organização em ramos do Escotismo. (Fonte: UEB, 2013).

¹⁸ Entrevista de Esmeraldo de Assis Santana, concedida ao autor no dia 04/07/2018.

¹⁹ As unidades escoteiras possuem Ramos que são delimitados por faixa etária. As alcateias são unidades que comportam o Ramo Lobinho e Lobinha que atende as idades de 7 a 11 anos. As tropas escoteiras são compostas de escoteiros e escoteiras com idade de 11 a 15 anos. Os chefes, adultos responsáveis pela condução do grupo de escoteiros compreende a idade acima de 25 anos.

O Ramo Lobinho possuía na época poucas crianças atuando, mas os Escoteiros eram em maioria dos integrantes do Grupo de Escoteiros São Francisco. Ao longo dos 5 anos de atuação, o grupo escoteiro desenvolveu esses dois Ramos que se adequam as normas dos parâmetros, organização e regras da União dos Escoteiros do Brasil.

Os escoteiros de Baixio desenvolviam diversas atividades compreendidas pela faixa etária de atuação dos Ramos que possuía. Acampamentos, jornadas, bivaques²⁰ e diversos tipos de atividades sempre eram comuns. Baixio possuía um enorme território rural que facilitava a prática do Escotismo em diversas possibilidades no uso dos espaços rurais das regiões próximas a cidade. Os escoteiros sempre acampavam próximos à cidade pelo fato de poupar com a despesa de locomoção, pois muitos acampamentos foram realizados em que os escoteiros se dirigiam ao local a pé. A escolha do percurso era muito importante para não cansar demais os garotos para que conseguissem desenvolver as atividades campais.

Os acampamentos do Grupo de Escoteiros São Francisco na maioria das vezes se concentravam em locais que possuíam um aparato seguro para o acontecimento. Um local arejado que possuísse lenha suficiente para se fazer uma fogueira era o local ideal para um acampamento escoteiro. Antes de se dirigir ao local de acampamento, os chefes escoteiros e os escoteiros se dirigiam ao proprietário afim de conseguir autorização para usar o espaço de propriedade privada. Outro fator que era diagnosticado pelos chefes escoteiros era a proximidade com açudes que facilitavam a prática de natação e atividades aquáticas.

Acampar representa um marco no Escotismo, pois as atividades ao ar livre estão historicamente ligadas ao Movimento Escoteiro que em sua história apresenta o acampamento como um campo experimental para pôr em prática ensinamentos que são desenvolvidos ao longo das reuniões. Acampar representa sobrevivência em meio ao ambiente inseguro que está permeado pelo perigo e pela aventura. O escoteiro tem que ter o atributo de sobreviver em meio ao ambiente desconfortável assim como em um treinamento militar onde são testadas as aptidões dos soldados. Segundo o criador do Movimento Escoteiro Baden-Powell, o acampamento é responsável por desenvolver aptidões nos jovens, como a espiritualidade, o físico e o intelecto.

Esmeraldo de Assis Santana, chefe escoteiro do Grupo de Escoteiros São Francisco em entrevista concedida ao autor descreve como era o cotidiano de um acampamento escoteiro:

²⁰ Atividade que compreendia o dia todo, porém não havia pernoite (dormida em acampamento), como o caso da modalidade de acampamento escoteiro.

Nós fazíamos também acampamentos para treinar as técnicasadeiras assim como o fundador definiu no seu manual. Nos levávamos as coisas de casa, cada escoteiro levava alimentos não-percíveis, arroz, macarrão, as panelas. Nós fazíamos as comidas no mato mesmo, isso que era acampamento. Fazíamos atividades de sinais de pistasadeiras, comidasadeiras, caça ao tesouro na mata, eram muitas atividades que desenvolvíamos. Eram técnicas de sobrevivência para eles aprenderem. Uma vez comemos uma Gia, um sapo que costuma ficar nos cacimbões dos locais que acampávamos. Você sabe que no exército e na polícia tem desses treinamentos que os recrutas fazem. Geralmente eu dava tarefas para os escoteiros executarem, por exemplo de atividades de construir uma fogueira, uma barraca, fazer um mastro de madeira para o hasteamento da bandeira, eram esses tipos de atividades que nós fazíamos nos acampamentos. Era pura diversão, mas também com muito aprendizado. Os jovens também aprendiam nado, por que o escoteiro na época precisava saber nada para qualquer tipo de problema. Treinávamos salvamento de vítimas de afogamento, e o escoteiro precisava saber como salvar a vida de uma pessoa que estava se afogando. Fazia atividades de simulação, fulano de tal caiu em um avião em tal ponto da mata está vendo aquele local que está saindo fumaça? Aí eu pedia para os escoteiros irem até o local e socorrer as vítimas do acidente. Eles procuravam até encontrar o local onde eu fazia uma pequena fogueira. Era aprender a sobreviver futuramente em situações de risco. [sic].²¹

O Escotismo foi pensado para o disciplinamento dos jovens por meio de atividades que possuem esse propósito de formar cidadãos obedientes e disciplinados, segundo a Lei do Escoteiro de número sete do livro *Escotismo para Rapazes*, escrito por Baden-Powell: “O escoteiro é obediente e disciplinado”.²² Então dessa forma e com base nos escritos do criador do Movimento, documentos expedidos pela UEB²³ e também no que o chefe escoteiro Esmeraldo de Assis Santana apresenta, entendemos que o Movimento Escoteiro possui em sua base esse programa disciplinador se constituindo com a aproximação do que Foucault (1987) definia como uma instituição disciplinar, pois através dos seus métodos e controle que se caracterizam como dispositivos de poder, o Escotismo forma o jovem obediente e controlado pela disciplina constituída em seu método utilizado.

Os acampamentos faziam parte desse controle disciplinador, mas há também um aparato que possibilita a realização dessas ações. O uso de um dos espaços mais prestigiados da sociedade baixiense, o Centro Comunitário é o lugar que o grupo escoteiro de Baixio promovia suas atividades teóricas e práticas. A sua primeira sede ficou sendo em uma das salas do Centro Comunitário, local que funcionava também a Junta de Serviço Militar que o Chefe escoteiro

²¹ Entrevista de Esmeraldo de Assis Santana, concedida ao autor no dia 04/07/2018.

²² Sétimo artigo da Lei Escoteira. BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. Escotismo para rapazes. Edição comemorativa ao centenário do Movimento Escoteiro. Curitiba, PR: Editora Escoteira da União dos Escoteiros do Brasil, 2006.

²³ União dos Escoteiros do Brasil.

Esmeraldo de Assis Santana trabalhava. Então com base nesse conjunto de informações compreendemos a aceitação por parte dos poderes públicos e sua vontade que o grupo desenvolvesse suas atividades na cidade de Baixio.

As autoridades locais percebiam no Movimento Escoteiro um programa educacional disciplinador e modelador de uma juventude obediente sob as bases de um programa que conduzia o jovem ao dever com Deus, Pátria e Família. Essa aproximação com a sociedade e principalmente com os poderes públicos caracterizou uma aliança em torno da causa do Escotismo na cidade de Baixio, e dessa aliança houve trocas mútuas entre o poder local e o poder disciplinador do Escotismo. Evidente que o Escotismo em sua origem foi forjado nos princípios da nascente democracia, porém ao longo de sua história foi utilizado como um aparato disciplinador para atender os interesses dos governantes muitas das vezes de maneira autoritário e no caso do Brasil, usado pela Ditadura Militar como forma de disciplinamento. Iremos explorar esses questionamentos.

O discurso disciplinador do Escotismo convergia com os anseios que o poder político na época objetivava. O Escotismo e seu projeto buscavam desenvolver no jovem um conjunto de aprendizados e civismo, condicionando o jovem a seguir as doutrinas que eram impostas. O projeto educacional tinha em suas mãos a participação de um número significativo de jovens que serviam de experimento para a prática do Escotismo. Os Escoteiros eram sempre solicitados para participar de eventos que a administração local promovia, pois, os poderes públicos viam no Movimento uma forma de receber um retorno de investimento que o mesmo direcionava aos jovens, reforçando assim a aliança entre ambos.

A modernidade educacional que o Escotismo representava na cidade possibilitou ampliar os espaços de aceitação. O aprendizado por meio de brincadeiras e o lema “aprender fazendo” ampliava as chances de o jovem ser “bem visto” pela sociedade e atender aos interesses dos governos em ambas as esferas. A ênfase educacional proposta pelo Escotismo e seu conjunto educacional, possibilitou que a população de Baixio conhecesse mais a proposta, e aqueles que tinham filhos tiveram a pretensão de inicia-los no grupo escoteiro, pois acreditavam que era a melhor proposta extraescolar que a sociedade apresentava para lidar com os jovens e encaminha-los aos deveres cívicos tão cobrados no período em questão.

A disciplina que era aplicada no Grupo de Escoteiros São Francisco possibilitou que as pessoas vissem no Escotismo uma escola de formação não-militarizada que condicionava o jovem ao civismo, como atesta o senhor Esmeraldo de Assis Santana:

Nesse período a sociedade baixiense recebeu muito bem, por que se não fosse aceito as mães não aceitariam os seus filhos a saírem e ficarem um dia fora de

suas casas. Eu me sentia responsável, sou ainda até hoje nas tarefas que faço. As famílias viam no Movimento Escoteiro, um Movimento responsável e comprometido para eles. Talvez por isso nós fomos bem aceitos aqui no Baixio. Nunca tive nenhum problema com pai ou mãe de escoteiro durante minha administração do grupo. Eu comandava assim como se fosse o chefe do batalhão, tinha respeito e admiração pelo povo de Baixio. Ainda hoje sinto saudade das atividades que realizávamos aqui. [sic].²⁴

O Escotismo como uma proposta extraescolar, que participou ativamente no período que esteve em atividade (1980-1985) na cidade de Baixio, conseguiu obter êxito em relação a sua aceitação na cidade e aceitação dos poderes públicos da época. Articulando minuciosamente o seu discurso e se apresentando de maneira eficiente no que diz respeito ao atendimento dos interesses governamentais, conseguiu aparecer como um Movimento revolucionário que coadunava com os anseios da época e formaria uma nova juventude baixiense baseada no amor à Deus, Pátria e Família. Era o slogan do Estado Moderno que estava em plena ascensão no período e assim as autoridades e os populares viam nessa proposta o futuro. O slogan utilizado pela Ditadura Militar da época foi utilizado para associar o Escotismo ao projeto político nacional.

O propósito do Movimento Escoteiro baixiense era contribuir na formação do jovem, buscando ampliar seus conhecimentos e fornecendo suporte a escola, família e a igreja e a comunidade em geral. De maneira geral era transformar o jovem considerado preguiçoso com tempo livre em um jovem disciplinado que atendesse os interesses governamentais e servisse de maneira eficaz ao país na condição de seguir a educação moral e cívica exigida na época. O método complementar do Escotismo forneceu assim uma educação de cunho nacionalista que se apresentava como solução dos problemas emergentes do período. Embora sob o prisma do autoritarismo e do disciplinamento exacerbado comuns do período, foi tomando espaço e se construindo como um movimento complementar a formação do jovem baixiense do período.

As representações de uma cultura nacionalista eram comuns nas práticas do Escotismo na cidade de Baixio. No decorrer dos períodos de atividades, buscava-se compreender um conjunto de ensinamentos que exaltassem os modelos políticos da época, através de celebração de datas cívicas, ensinamentos disciplinadores para as formas de conduta, direcionamento de práticas para a cidadania, e sobretudo o trabalho voluntário por meio de atividades na cidade. O Escotismo baixiense, dessa forma conduzia uma representação de civilidade e moralismo. Nesse sentido, Souza (2000) afirma que as práticas do conteúdo cívico-militar também se transformaram nesse período, mantendo, não obstante, a ideologia patriótica e de construção da

²⁴ Entrevista de Esmeraldo de Assis Santana, concedida ao autor no dia 04/07/2018.

nacionalidade. Era um programa educacional extraescolar baseado diretamente no discurso nacionalista.

O idealizador do Grupo de Escoteiros de Baixio, Esmeraldo de Assis Santana possuía uma boa relação com as autoridades municipais e os funcionários públicos. Conseguiu em encontros com essas pessoas apoio que maximizou o campo de atuação do grupo de escoteiros. Viu que seu trabalho influenciava na forma como as pessoas enxergavam o Movimento e a partir de sua boa relação com as autoridades conseguiu o apoio necessário para a realização das atividades do Grupo de Escoteiros São Francisco.

Na época a prefeitura municipal nos recebia muito bem, praticamente nunca foi negado nada. Eu consegui através da Doutora Fátima, juíza da comarca de Baixio o uso autorizado de uma carteirinha que dava desconto em cinemas, circos, na época vinham circos para a cidade e o escoteiro não pagava, entravam de graça com uso dessa carteira com a assinatura. Na carteirinha tinha a minha assinatura e assinatura da juíza da comarca. Outra questão importante foi conseguir a autorização do uso dos canivetes e cordas no uniforme, e a juíza acatou nosso pedido e autorizou o uso por partes dos escoteiros de Baixio. [sic].²⁵

Com base no conjunto de relatos que colhemos ao longo de pesquisa, a senhora Fátima na época trabalhava na cidade de Baixio, era juíza da comarca e membro titular do juizado de menores da cidade. Ela autorizou os jovens a praticarem o Escotismo e a usarem no seu uniforme canivetes e cordas para as atividades, possibilitando assim o grupo desenvolver atividades que envolvessem o uso de armas brancas como machados, facas e canivetes.

Neste primeiro capítulo buscamos compreender quais os meios que permitiram a implantação do Grupo de Escoteiros São Francisco, como também podemos refletir sobre a maneira que foi conduzida as práticas do Escotismo na cidade de Baixio sob o prisma de influências governamentais da pequena cidade.

Compreendemos que o Grupo de Escoteiros São Francisco corroborava com os intentos governamentais presentes no período e além disso buscava a educação por meio de seu conjunto educacional e prático afim de complementar a educação do jovem participante do Escotismo sob as bases do disciplinamento. Considerado uma instituição educacional disciplinadora, o Escotismo e os ideais do fundador do Movimento Baden-Powell foram propagados na pequena cidade de Baixio sob a influência de sua pedagogia que necessariamente necessita ser apresentada no próximo capítulo para entendimento maior sobre o surgimento e consolidação

²⁵ Entrevista de Esmeraldo de Assis Santana, concedida ao autor no dia 04/07/2018.

desse Movimento no mundo e suas relações com o ensino e aprendizagem de jovens que teve sua origem na Inglaterra do início do século XX. O Movimento Escoteiro possui vasta documentação e aporte bibliográfico que nos fornece matéria prima para a escrita acadêmica sobre o tema, sendo assim importante para estudo.

CAPÍTULO 2

O ESCOTISMO E O SEU PROJETO EDUCACIONAL: A PEDAGOGIA DE BADEN-POWELL

O Escotismo e seu projeto educacional voltado para os jovens de Baixo dos anos de 1980, tinha como um dos objetivos principais o condicionamento dos jovens ao patriotismo e civismo por meio de ensinamentos que exploraram esses discursos. Compreendemos que o projeto educativo extraescolar do Escotismo na época em questão, contribuiu com um tipo de educação que produzia, sobretudo, sujeitos aptos aos ideais nacionais com base no que era aprendido nas atividades. Por isso, se faz necessário analisarmos quais as bases que permitiram o surgimento desse Movimento no mundo e também a sua relação com o ensino e aprendizagem dos jovens, permitindo assim um comparativo entre as práticas que foram executadas ao longo do tempo e o que foi desenvolvido no Grupo de Escoteiros São Francisco.

Para se compreender o Escotismo e seu surgimento, se faz necessário também perpassarmos pela biografia do seu criador Baden-Powell, militar inglês que deu origem ao Escotismo. Utilizamos os estudos de Boulanger (2011) para compreender sobre a biografia do criador do Movimento Escoteiro. Segundo Boulanger (2011), Robert Stephenson Smyth Baden-Powell nasceu no dia 22 de fevereiro de 1857, em Londres, Inglaterra. B-P era filho do reverendo e professor Baden-Powell e de Henrietta Grace Powell. O casal teve oito filhos, porém apenas cinco conseguiram sobreviver a idade infantil.

Ainda segundo Boulanger (2011), o pai de Baden-Powell faleceu nos seus três anos de idade. A educação inglesa no período era marcada por uma seletividade econômica, pois a maioria das instituições de ensino privadas, mas diante da dificuldade, Henrietta (mãe de B-P) conseguiu escolarizar os seus filhos. A mãe de Baden-Powell teve grande importância na sua vida como a principal incentivadora para o progresso da sua prole.

Baden-Powell apresenta sua mãe como sua maior influenciadora:

O segredo do meu sucesso na vida sempre foi a influência de minha mãe. A maneira pela qual aquela extraordinária mulher conseguiu educar-nos, sem que nenhum de nós tenha sido um fracasso; e a maneira pela qual não sucumbiu à ansiedade e às tensões de toda ordem escapa à minha compreensão. Foi sua influência que me guiou pela vida afora muito mais do

que quaisquer preceitos ou qualquer disciplina aprendida na escola. (BADEN-POWELL, 1985, p. 53).

A infância de Baden-Powell foi marcada pela ausência afetiva do pai, mas que com seus irmãos conseguiu, segundo o autor, desfrutar uma vida repleta de aventuras e conhecimentos na metrópole inglesa. Oliveira (2011), em sua escrita monográfica, apresenta que B-P teve uma vida agitada participando de diversas atividades, acampamentos, caçadas que em sua maioria eram realizadas nas florestas londrinas juntamente com seus irmãos. O jovem B-P gostava de atividades ao ar livre, se sentia bem ao observar a natureza e dela se beneficiava para escapar da tensão que era imposta nos colégios da época. Talvez por esse motivo e com base nas experiências de vida enquanto criança e adolescente, B-P desenvolveu o apego aos jogos ao ar livre que aparentemente lhe servirá posteriormente como conhecimento prévio para desenvolver seu programa educacional denominado Escotismo.

Segundo Oliveira (2011), aos treze anos de idade B-P deixou sua casa e foi estudar na escola Charterhouse. Não era um aluno considerado “eficiente” mas possuía grande domínio nos esportes e desenvolveu o talento no teatro, música e pintura. As matérias tradicionais sempre foram consideradas o ponto “fraco” do jovem B-P, mas sua eficiência nas demais o fizeram se tornar um aluno popular naquele período. Ao tentar ingressar em Oxford no ensino secundário B-P teve uma nota fora do padrão de ingresso na referida instituição. Decidiu ingressar no exército inglês e obteve sucesso sendo nomeado subtenente do 13º Regimento de Cavalaria dos Hussardos em Lucknow na Índia em 1876. A Índia até então era um país explorado pelos britânicos e muitos oficiais ingleses foram deslocados para o referido país para prestar serviço à coroa inglesa.

Segundo Nagy (1987), o ingresso de Baden-Powell no exército é compreendido como um marco que abria os caminhos para se pensar a prática do Escotismo. As experiências militares que Baden-Powell desenvolveu no exército serviram de aporte para se pensar a mística e o programa educacional do Escotismo. O contato com diversos povos do oriente lhe rendera uma bagagem cultural acentuada e dessas experiências surgiram elementos que foram incorporados ao seu projeto educacional.

2.1. Baden-Powell: do ideário militar ao disciplinamento de jovens

O Escotismo teve seu surgimento início do século XX, especificamente no ano de 1907. Com base em um conjunto bibliográfico que trata da temática do Escotismo é possível compreender seu surgimento e sua consolidação na Europa, principalmente encontrar eixos de compreensão acerca da sua difusão no mundo, que fez do Escotismo ser um dos movimentos educacionais extraescolares mais prestigiados do período.

A Inglaterra é o país palco do surgimento de um Movimento que ultrapassou os tempos tornando-se centenário (1907-2007). O Escotismo foi construído ao longo da história baseado nas experiências de um velho militar inglês²⁶ que incorporou seus aprendizados do militarismo criando uma plataforma de ensinamentos direcionados à jovens do seu país que consequentemente tomou uma rápida ascensão e se expandiu por quase todo o mundo. Seu criador foi o militar inglês Robert Stephenson Smyth Baden-Powell, que por meio de seus aprendizados, ao longo de sua carreira militar e suas expedições por países do Oriente Médio, Ásia e África e também influenciado por correntes do campo educacional, desenvolveu um projeto que segundo o idealizador ia de encontro aos anseios da Inglaterra do início do século XX. Baden-Powell foi responsável por desenvolver um conjunto bibliográfico que forneceu o Norte para a prática do Escotismo e principalmente sua difusão pelo mundo.

Baden-Powell possuía um vasto conhecimento sobre o militarismo e atividades práticas que ao longo da sua carreira foram desenvolvidas, principalmente na área de observação e exploração, componentes que mais tarde iriam fornecer o conteúdo para os primeiros ensinamentos do Escotismo. Baden-Powell queria construir um Movimento que não fosse militarizado, mas que de certa forma contribuísse aos aprendizados dos jovens ingleses que queriam ingressar nas fileiras das forças armadas, por isso, Baden-Powell observou que a juventude inglesa necessitava de um impulso necessário para retornar aos velhos moldes que anteriormente possuía. Por isso decidiu em 1907 desenvolver um acampamento experimental para treinar vinte jovens aos aprendizados do *Scouting*, traduzido posteriormente como Escotismo. Foi o início da jornada do Escotismo no mundo.

²⁶ Baden-Powell incorporou seus aprendizados do militarismo e de suas incursões em defesa dos territórios britânicos para formar o Escotismo. Outro fator que leva o surgimento do Movimento são as revoluções no campo educacional como o movimento Escola Nova.

O primeiro acampamento escoteiro aconteceu no ano de 1907 na ilha de Brownsea²⁷, no canal da mancha. Cerca de vinte jovens participaram desse evento que simbolizou o início das atividades do Movimento Escoteiro no mundo. Sob as ordens de Baden-Powell esses jovens foram os primeiros escoteiros do mundo, dando início ao que viria ser o Escotismo. Baden-Powell desenvolveu o Escotismo dentro de um contexto histórico marcado por um forte nacionalismo e a busca da consolidação dos grandes países que buscavam e defendiam a ascensão comercial e o domínio dos mercados.

Na época, o império britânico marcado pela expansão dos mercados e por sua conquista de territórios no mundo tornou a Inglaterra uma potência, porém com a recessão que se encontrava a Europa do início do século XX, culminou em uma decadência que afetou diretamente o povo inglês. A nação se via abalada por uma forte crise, não somente econômica, mas também de identidade nacional. As potências europeias observaram nessa crise uma decadência acentuada da população jovem e seu desânimo para reerguimento da nação. Baden-Powell ao retornar de sua missão na África do Sul como um herói de guerra²⁸, viu que sua juventude estava despencando ao abismo da falência.

B.P. estava particularmente surpreso à vista de mendigos e indigentes, nas ruas das grandes cidades. A princípio, não podia acreditar que cerca de um terço da população de Londres era formada por subnutridos, ou que o alcoolismo, o vandalismo e o crime estavam cada vez mais violentos devido ao crescente desemprego. A despeito do suntuoso estilo de vida dos iguais a ele, que estavam recebendo o exemplo de cima, não podia deixar de reconhecer o que estava vendo (NAGY, 1987, p. 54).

Baden-Powell retorna a sua nação e começa a observar os problemas que afetam o seu povo. Com base nesses problemas diagnosticados por ele, buscou idealizar um movimento educacional que fosse de encontro à juventude inglesa. A crise em que o país se encontrava condicionava a juventude aos problemas de natureza moral, que conseqüentemente desencadeava um mal-estar na população levando a um desânimo por parte da camada jovem da sociedade. O uso de bebidas, cigarros e outros malefícios tornaram a juventude inglesa mal condicionada e indisposta ao serviço patriótico tão cobrado para o reerguimento da nação na época.

²⁷ A Ilha de Brownsea se localiza na Baía de Poole, na Costa sul da Inglaterra, possui aproximadamente três quilômetros de extensão e dois de largura, com muitos bosques e lagos, é propícia para a experiência da vida ao ar livre. Sobre a Ilha de Brownsea ver <https://www.google.com.br/#q=ilha+de+brownsea+>>: Acesso em 11/04/2018.

²⁸ Baden-Powell participa de diversas campanhas militares em defesa dos interesses da coroa inglesa. Rapidamente sua ascensão como militar o torna um herói nacional.

Sua experiência no exército inglês e a preocupação com a formação da juventude inglesa lhe fizeram idealizar “um plano para a formação de rapazes, que seguia de perto o programa dos exploradores militares” (BADEN-POWELL, 1986, p. 51).

Em meio a um cenário caótico é criado o *Scouting* (Escotismo), tendo como seu líder maior o militar inglês Baden-Powell. O Escotismo rapidamente conseguiu difundir seus ideais na Inglaterra e que posteriormente difundiria suas práticas no mundo.

Antes do Escotismo, Baden-Powell fez uma tentativa de fazer ajustes em um programa educacional que estava em atividade na Inglaterra chamado Boys Brigade²⁹ (Brigada de Rapazes). A participação de Baden-Powell como consultor da Brigada de Rapazes era a de tentar, como havia dito antes, ajustes necessários para tornar o Movimento atraente e que fosse difundido por toda a Inglaterra, adequando assim o jovem ao serviço do país seja como militar ou como funcionário.

A ideia de criar um movimento educacional que fosse de encontro aos anseios e problemas dos jovens ingleses foi a ambição maior de Baden-Powell. Sua ideia principal era compor um programa que preencheria o tempo livre da juventude e ao mesmo tempo o trabalho voltado aos valores morais, principalmente por meio de uma educação diferente dos moldes tradicionais, que projetasse a nova juventude inglesa com base no amor à Deus, Pátria e ao próximo. A experiência que Baden-Powell obteve enquanto consultor da Brigada de Rapazes, fez com que essas ideias ampliassem em sua mente ao ponto de ele mesmo elaborar ideias para o surgimento do seu movimento educacional. Foi o passo inicial para a criação de sua proposta educacional, o *Scouting* (Escotismo).

Com base nas experiências que teve na Brigada de Rapazes, Baden-Powell começou a escrever seu projeto influenciado pela proposta da Brigada, porém via que o movimento educacional que tinha como referência possuía uma infinidade de problemas. Os jovens eram muito ligados ao meio urbano, possuíam um extremismo religioso e militarismo exacerbado. Então, diante dessas situações, teve a ideia de criar um movimento que fugisse desses problemas diagnosticados pelas suas experiências como consultor. Começou a organizar suas ideias e posteriormente publicou um folheto que propôs a criação de um movimento educacional que consistia em desenvolver com esses jovens a disciplina, observação, moralidade, patriotismo e

²⁹ The Boys Brigade foi um movimento juvenil militarizado fundado em 1883 por William Alexander Smith (1854-1914), regido por um código voltado ao militarismo e profundamente religioso, ligado à Igreja Presbiteriana (Nagy, 1987, p. 35).

civismo. Esse folheto foi vendido em bancas de jornais na época e impulsionou nos jovens a vontade de praticar o *Scouting*.

Baden-Powell (2006, p. 79) investiu firmemente em suas ideias e acreditava que depois que o jovem tivesse contato com o Escotismo e seu programa educacional, se tornaria diferente dos demais em decorrência da qualidade dos ensinamentos. “Todos os rapazes que praticarem o Escotismo com ardor terão o direito de, no fim de certo tempo, se considerarem Escoteiros e Homens, por que já não terão dificuldades em cuidar de si próprios”.

No início do Movimento Escoteiro só poderiam ingressar pessoas do sexo masculino, mas depois de algum tempo o Movimento de Guias foi o movimento ligado ao Escotismo encabeçado por moças e mulheres que posteriormente foi incorporado a proposta principal tornando aceito ambos os sexos.

A passagem de B-P na Boys Brigade era de tentar transformar aquele movimento considerado tradicional em um movimento mais aberto e que fosse atrativo aos jovens ingleses no período em questão. Era necessário transforma-lo para se obter o resultado adequado, mas que pouco foi mudado pela passagem de B-P como consultor por entraves ocasionados pela própria instituição.

Na época, Baden-Powell queria que a Brigada de Rapazes fizesse o ajuste necessário para se tornar um programa educacional mais atrativo, e até propôs isso por meio de um conjunto de ideias escritas em um livro chamado *Aids to Scouting*³⁰.

Segundo Nagy (1987):

A impressão de Smith era que B.P. estava tentando insinuar que seu Movimento deveria desenvolver-se dentro das coordenadas estabelecidas no "Aids to Scouting" (Ajudas ao Escotismo) e, portanto, enfatizou ao general a necessidade de adaptar seu livro às exigências da "Boys Brigade". Todavia, o que B.P. queria dizer era exatamente o oposto. No pensamento dele, o Movimento devia ser desmilitarizado, pois, por experiência própria sabia que a disciplina militar destrói a individualidade. A sua ideia era tornar o Movimento mais espontâneo, mais alegre, e introduzir um conceito de "natureza e ar livre", bem como treinamento de jovens em vigilância e observação. (NAGY, 1987, p. 57).

Porém com a dificuldade que teve em relação a conseguir essas mudanças optou por criar ideias e adaptações em outros movimentos da sociedade. De acordo com Nagy (1987), a

³⁰ O livro *Aids to Scouting* (Ajudas ao Escotismo), foi publicado no ano de 1899, seu conteúdo aborda ensinamentos militares, sugerindo que os jovens se dividissem em pequenos grupos de treinamento militar. Tinha também o objetivo de por meio de jogos ao ar livre tornar a juventude mais próxima e entusiasmada.

ideia de Baden-Powell era tornar as organizações sociais da época que já existiam em organizações mais atrativas para a juventude por meio de um programa que melhorasse o caráter, a disciplina e sobretudo formasse uma nova juventude inglesa. Era adequar esses jovens ao Estado moderno que estava aflorando ainda na lógica do imperialismo.

2.1.1. Na Ilha de Brownsea: o primeiro acampamento escoteiro

Baden-Powell montou o cenário ideal para a experimentação de suas ideias que foram desenvolvidas ao longo de suas experiências militares. No dia 9 de agosto de 1907, organizou o que viria a ser o primeiro acampamento escoteiro que se tem notícia no mundo. O acampamento escoteiro contou com a participação de vinte jovens ingleses que o próprio Baden-Powell selecionou. Esse acampamento representa o marco inicial do Movimento Escoteiro no mundo, por trazer a afloração e realização concreta de suas ideias diretamente com a participação de jovens ingleses. Era o pontapé inicial para o que viria ser o Escotismo propriamente dito.

Segundo Nagy (1987), no primeiro acampamento escoteiro Baden-Powell desenvolveu diversas atividades em conjunto com os jovens participantes. Começou a distribuir fitas coloridas para identificação de cada patrulha escoteira sendo elas: Maçaricos – amarelo, Corvos – vermelhos, Lobos – azul e Touro – verde. Depois da distribuição dessas fitas coloridas, B-P decidiu distribuir funções entre os jovens para desenvolver especialidades que são importantes no Escotismo como: lenhador, cozinheiro, enfermeiro, etc. Também distribuiu os cargos de monitor e sub-monitor das patrulhas, que seria encarregado de liderarem os jovens durante as atividades ao livre na Ilha de Brownsea em 1907. O primeiro acampamento foi um sucesso sendo divulgado amplamente pela os jornais da época.

Posterior ao primeiro acampamento escoteiro, Baden-Powell com base nas atividades que desenvolveu em sua experiência com os jovens, teve a ideia de lançar fascículos quinzenais que abordassem a temática do Escotismo, como forma de atrair a sociedade inglesa e principalmente a juventude que era o perfil alvo de seu programa educativo. Começou a escrever e logo estava nas bancas dos jornais ingleses esse material para compra e consulta das

práticas do Escotismo³¹. Com base no acampamento financiado por Arthur Pearson³², o Movimento Escoteiro rapidamente tornou-se conhecido e Baden-Powell decidiu explorar ainda mais a temática publicando um livro denominado *Scouting for Boys* (Escotismo para Rapazes), que consiste na compilação desses textos que foram publicados nos fascículos quinzenais. O livro rapidamente foi difundido na sociedade inglesa, sendo um eficaz difusor das ideias do Movimento que surgia por meio das experiências de um militar do exército britânico que na época possuía um grande reconhecimento do povo inglês por se considerado um herói de guerra em defesa das causas da coroa britânica.

O objetivo de Baden-Powell com o Escotismo era desenvolver um programa atrativo voltado aos jovens, que fosse de encontro aos problemas que a Inglaterra enfrentava no período, usando jogos e atividades ao ar livre que na sua maioria eram feitos em florestas e parques. Diante disso, Baden-Powell apresenta que a finalidade do Escotismo era:

Procurar melhorar o padrão dos futuros cidadãos, especialmente seu caráter e saúde. Era preciso descobrir os pontos fracos do caráter nacional, e esforçar-se por erradicá-los, substituindo-os por virtudes equivalentes que os programas escolares não mencionavam. (BADEN-POWELL, 1986, p. 53).

Para Boulanger (2011), o Escotismo se tornou um fascínio, principalmente entre os jovens ingleses que viam no Movimento uma representação do militarismo (embora não fosse uma proposta militarizada), do poder e também por ter sido criado por um dos maiores heróis militares da época. Evidente que no início das atividades, o Escotismo foi resultado de um encantamento por parte da juventude inglesa que enxergou no Escotismo uma forma de diversão e aprendizado por meio dos jogos ao ar livre. A literatura escrita por Baden-Powell foi outro fator que difundiu ainda mais a vontade da juventude inglesa em participar desse Movimento. O manual escrito por B-P difundiu sua pedagogia e apresentou para os jovens um universo de possibilidades de se explorar as florestas por meio de excursões e acampamentos. Era uma nova forma educativa além da escola que promovia o aprendizado por meio dos jogos ao ar livre.

Segundo Baden-Powell (2006), para garantir que os jovens se sentissem atraídos pelo Escotismo era necessário que as atividades fossem atrativas. Por isso fez diversas críticas à

³¹ O significado da palavra Escotismo é derivado da palavra Scout, ao qual o criador do Movimento define como *Scouting*, “Esclarecimento militar, exploração das regiões selvagens e desconhecidas” (BADEN-POWELL, 2006, p. 8).

³² Arthur Pearson era editor e promovia investimentos diversos no período de surgimento do Escotismo. Viu no Escotismo uma forma de investimento e lucro rápido. Percebeu que no modelo educacional proposto por Baden-Powell teria a oportunidade de ficar ainda mais famoso na Inglaterra (NAGY, 1987).

escola tradicional inglesa que segundo ele formavam o indivíduo, mas sem iniciativa, imaginação e disposição. A ideia essencial de B-P era introduzir o jovem ao *Scouting*, dando ensinamentos para os jovens se tornarem exploradores por meio de uma plataforma educacional baseadas na autoconsciência e autoeducação.

De acordo com Suffert (1995), o Escotismo de início se apresentou como uma proposta inovadora que valorizava a participação de jovens de todas as origens sociais, raças e crenças, de acordo com os propósitos, os princípios e o método escoteiro proposto pelo criador Baden-Powell.

A pedagogia do “aprender fazendo” tornou o Escotismo um Movimento bastante buscado pela juventude inglesa. Segundo Ávila (1967), o Escotismo se apresentou como um idealismo sincero, apresentando metas do domínio de si mesmo e a dedicação aos outros, através de uma simples e plena participação dos jovens em contato com a natureza.

Oliveira (2011) apresenta em seu trabalho que o Escotismo consiste em habilidades manuais, atividades ao ar livre que o jovem em contato com a natureza desenvolve suas potencialidades e ampliam suas visões de mundo e experiências. Baden-Powell explorou essas temáticas ao máximo em seus trabalhos bibliográficos que publicou ao longo de sua vida para que os seus escritos fossem o Norte das práticas do Escotismo.

A literatura criada por Baden-Powell foi um elemento de disseminação dos seus ideais primeiramente na Inglaterra, posteriormente no mundo. Um catalisador das práticas do Escotismo para que os jovens do mundo inteiro conduzissem suas práticas do Escotismo embasados pelas literaturas fundantes.

2.1.2. *Scouting for Boys* e outras literaturas escoteiras

Em 1908 posterior ao primeiro acampamento escoteiro que foi realizado na Ilha de Brownsea, Baden-Powell decidiu que era o momento propício para se criar uma literatura responsável por conduzir os jovens à prática do Escotismo. Decidiu escrever pequenos fascículos quinzenais com o intuito de difundir suas ideias. Deu certo, mais de 110 mil exemplares do *The Scout* foram vendidos nas bancas de jornais ingleses. (NASCIMENTO, 2004, p. 26).

Segundo Nagy (1987), B-P sabendo do sucesso dos fascículos quinzenais decidiu por compilar todos e publicar um livro que se tornou a bíblia do Escotismo com o nome *Scouting for Boys*, publicado em 1908. Nagy ressalta que o livro de B-P foi o grande difusor de suas ideias e o norte para a criação de diversas associações escoteiras no mundo inspiradas sob a leitura do livro que deu origem ao Movimento Escoteiro.

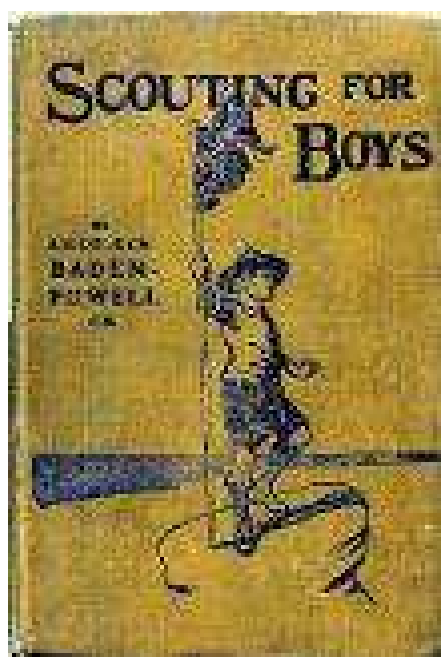


Figura 3 – Capa do livro Scouting for Boys.

(Fonte: <http://www.escoteirowikia.com>: acesso em 02/04/2019)

No livro *Scouting for Boys*, Baden-Powell apresenta que o Escotismo possui uma gama de vantagens ao jovem que dele pratica e também apresenta inúmeras atividades que podem ser desenvolvidas por um grupo de pessoas no qual ele chama de patrulhas. Basicamente o sistema de patrulhas é o que mantém a unidade escoteira, sendo composta por cinco ou oito pessoas. O manual serviu de inspiração para alavancar a popularidade do Movimento que rapidamente foi aumentando o seu número de adeptos.

Em 1908 o fundador do Movimento Escoteiro, com base nas suas experiências militares, como também pela sua passagem na *Boys Brigades* como consultor, decidiu criar uma literatura que fosse responsável por alavancar o Escotismo, com base em ensinamentos e propostas práticas para serem realizadas pelos jovens ingleses. O nome do livro que se tornou base do Movimento Escoteiro se chamou *Scouting for Boys* (Escotismo para Rapazes), teve a primeira edição publicada no ano de 1908. O livro constitui-se de um compilado de escritos dos fascículos quinzenais que havia publicado antes com o nome *The Scout* (O Escoteiro). O livro

pode ser considerado um manual prático de atividades para serem desenvolvidas nos grupos escoteiros, pois apresenta ensinamentos essenciais para a prática do Escotismo propriamente como um conjunto de jogos e ações que os grupos podem desenvolver ao longo de suas atividades. Sobre essas atividades, Baden-Powell acreditava que a leitura de *Scouting for boys* fornecia ações voltadas para o autodesenvolvimento do jovem participante do Escotismo, regidos pelo conjunto moral e disciplinador que o movimento evocava.

Baden-Powell se preocupava com a formação do caráter da juventude inglesa naquele período, cujo estilo de vida foi afetado em decorrência da recessão econômica que se encontrava a Inglaterra e sobretudo do que estava em plena transformação tecnológica no meio urbano que afetou o cotidiano das pessoas e sua relação com a natureza:

Com o aumento atual da cidade, vilas e fábricas, com a multiplicação das grandes rodovias asfaltadas, com o telegrafo, o telefone e a eletricidade espalhados por todo o país, o que nós chamamos de “civilização” vem empurrando o homem para longe da natureza, que fica cada vez mais inacessível a maioria das pessoas. Assim a percepção da beleza e da maioria da criação, cada vez se perde mais no materialismo da vida gregária, com suas tristes condições de trabalho e agitada busca de prazer num cenário árido de tijolos e argamassa. O artificial parece estar substituindo o natural em nossas vidas, graças aos automóveis, às bicicletas e aos elevadores. Nossos membros e nossas mentes vão se atrofiando por falta de exercício e nossos filhos terão menos iniciativa e menos músculos do que nós (BADEN-POWELL, 1986, p. 50).

No livro *Scouting for Boys* (Escotismo para Rapazes), publicado em 1908, Baden-Powell definiu seu entendimento sobre o Escotismo: “O Escotismo é uma escola de cidadania através da destreza e habilidades em assuntos mateiros” (NAGY, 1987, p.13). Na prática, quis dizer que o seu Movimento se tornou atrativo justamente por desenvolver a cidadania nos jovens por meio de jogos e ações em atividades ao ar livre, elementos pouco evidenciados pela escola tradicional. Baden-Powell observou que a sociedade ao longo do tempo e da lógica moderna ficava muito tempo nas cidades e nas fábricas onde o pouco tempo era distribuído para o lazer e o divertimento na natureza. Sendo assim, o Movimento Escoteiro criado por B-P logo se tornou atrativo entre a juventude inglesa da época, despertando o fascínio e a motivação dos jovens em iniciar no Movimento.

O que se tornou atrativo no livro "Escotismo para Rapazes" era que ele continha um quase-automático apelo aos jovens que somente recentemente tinham sido sujeitos à escolarização compulsória, e que possuíam pouca ou quase nenhuma instrução. É um manual

objetivo e esclarecido sobre as práticas do Escotismo. Um livro de cabeceira que todo escoteiro devia possuir para bem compreender os funcionamentos de seu grupo escoteiro ou de sua unidade escoteira local.

O livro escrito pelo criador do Movimento Escoteiro aborda diversas temáticas que são bases para a prática do Escotismo. Funciona como uma espécie de manual de consulta para que os que praticam o Escotismo tenham informações como deve se proceder no cotidiano escoteiro. Pode ser considerado um sistema adaptado para os jovens para a formação física e moral que permite pessoas de origens sociais distintas, de diferentes religiões a partilharem juntos os aprendizados do Escotismo. Os elementos que dão base ao movimento são: os ensinamentos por meio de jogos ao ar livre, o simbolismo indígena parte de experiências do criador em explorações que realizou na África e em outros continentes, a hierarquia interna do Movimento, o sistema de patrulhas escoteiras, os códigos morais, técnicas de exploração e rastreamento.

O livro inaugura uma série de aplicações com base no Método Escoteiro e também por ser um trabalho escrito que se tornou uma ferramenta de fácil acesso com suas vendas nas bancas de jornais e livrarias da época. O Movimento teve seu início disperso e o livro facilitou o acesso as informações criadas por Baden-Powell, onde se tornou uma obra bastante lida no período e também por ter sido traduzida em diversos idiomas que conseqüentemente contribuiu na difusão dos seus ideais no mundo inteiro, inclusive no Brasil.

O livro *Scouting for boys* (Escotismo para rapazes) teve rápida difusão na Inglaterra e se tornou uma literatura essencial para a prática do Escotismo, sendo assim considerado a bíblia do Movimento Escoteiro, sendo ainda um dos livros dedicados ao público juvenil mais vendidos no mundo (OLIVEIRA, 2011 p. 26).

Baden-Powell por se tornar general do exército inglês ainda jovem e também por ter lutado em campanhas importantes para a coroa britânica como o cerco de *Mafeking*³³, se tornou uma figura ilustre nos meios militares e também na sociedade inglesa. Tomou rapidamente a fama de um bom militar e sua proposta educacional foi bem aceita pela sociedade em grande parte pela sua história de contribuição aos interesses da Inglaterra. O seu prestígio foi um fator

³³ Foi um cerco e ataque a cidade sul-africana de Mafeking em 1899, cidade no período pertencente a colônia britânica. Durante 217 dias, Baden-Powell foi designado para comandar os militares para resistirem ao ataque e controlarem a ocupação inglesa na cidade. Foi nessa batalha que BP se tornou um herói de guerra britânico, resistiu e venceu o confronto contra os revoltosos.

determinante na potencialização e condução do Escotismo não somente na Inglaterra, mas no mundo.

Segundo Nagy (1987), ao elaborar o método escoteiro, Baden-Powell objetivava transformar seu Movimento em um sistema educativo extraescolar que contribuísse diretamente com os anseios sociais da época relacionado aos jovens, como também agradar os interesses da coroa em aumentar o número de jovens aptos ao serviço militar. Embora que o seu programa educacional não fosse caracterizado por ser uma proposta militar, mas em muitas práticas realizadas é possível observar os usos de técnicas militares, como o caso de observação e rastreamento. A herança das experiências militares que Baden-Powell aprendeu no exército foram incorporadas em tom suave ao seu Movimento. Embora carregado de atividades semelhantes as velhas práticas educacionais militares.

2.1.3. Aspectos militares incorporados ao Escotismo

Mesmo sendo um programa educacional extra-escolar, não-militarizado, o Escotismo no início do século XX possuiu afinidades com as propostas educacionais militares da época, mesmo que de maneira indireta. Compreendemos que a relação entre o Escotismo e o meio militar possuiu relações próximas em decorrência de interpretações que fizemos ao longo desta pesquisa. Há trabalhos acadêmicos que reforçam a ideia de que o Movimento Escoteiro possui forte afinidade com o militarismo sendo uma proposta de “militarização da infância” pela sua influência de aprendizados militares. Souza (2000) apresenta que o Escotismo possui forte relação como o militarismo por levar em consideração aspectos “de uma expressão do militarismo e nacionalismo na educação extra-escolar” (SOUZA, 2000. p. 105). Dessa forma há pontos a serem analisados para compreendermos tais constatações e compreender como essa lógica foi inserida no Escotismo.

Em uma análise sobre a Inglaterra, local e país de sua criação, o Escotismo foi gestado sob as bases militares e possuiu fortes características ligadas ao exército embora posteriormente o próprio criador do Escotismo afirmou que não se tratava de uma educação aos moldes militares. A própria origem do Movimento revela tais características, pois, a base do pensamento escoteiro foi idealizada para o treinamento de jovens militares, mas que ao longo dos tempos sofreu adaptações que mudariam a forma de procedimento das atividades (NASCIMENTO, 2004, p. 47). Essas modificações foram responsáveis para o Movimento se

distanciar do que era aprendido nas escolas militares no que diz respeito a aprendizados em atividades ao ar livre.

Baden-Powell criador do Movimento Escoteiro, acreditava que a nação deveria ser construída à base da disciplina e posteriormente regida pela autogestão. Queria desenvolver isso na juventude inglesa e a partir de tais práticas construir um caráter fundamental segundo ele para desenvolver nos jovens o desejo de serem cidadãos atuantes no seu país. Acreditava na disciplina como pilar fundamental para construir um novo país de maneira coletiva:

Para uma nação prosperar precisa de disciplina. Você só terá disciplina coletiva se obtiver, inicialmente, disciplina individual. Por disciplina eu quero dizer obediência à autoridade e a outros ditames do dever. Isto não pode ser obtido por medidas repreensivas, mas sim pelo estímulo e educação dos jovens, inicialmente em autodisciplina e espírito de renúncia a seus próprios prazeres e egoísmo dos demais (BADEN-POWELL, 2008, p.47).

O uso do uniforme escoteiro também pode ser considerado uma representação militar no Escotismo, pois possui forte incorporação nos detalhes e forma de utilização semelhante aos militares. Baden-Powell em suas campanhas realizadas na África viu que o uniforme que se adequava mais ao movimento de rapazes era o que foi utilizado pela polícia da África do Sul como propriamente atesta ao adotar as cores no uniforme escoteiro:

O uniforme escoteiro é muito semelhante ao usado pelos meus soldados da Polícia da África do Sul, quando eu comandava. Eles sabiam o que era confortável, útil e capaz de oferecer em proteção contra o mau tempo. Por isso, os escoteiros têm uniformes quase igual aos deles (BADEN-POWELL, 1986, p. 54).

O que reforça tal relação é que no início do século XX as grandes potências foram marcadas por essa forte ascensão dos meios militares tornando-se uma questão importante de cada nação. Essa maneira de pensar o programa educacional do Escotismo sob as bases das experiências de Baden-Powell foi fator importante para sua consolidação no Ocidente, visto que a Inglaterra confiava e creditava apoio na concretização da proposta pensada por um de seus heróis de guerra. Baden-Powell teve a missão de conduzir sua proposta educacional para formar a nova juventude inglesa e consolidar seu programa que rapidamente obteve êxito em sua expansão no mundo. O Escotismo tornou-se um modelo educacional extraescolar muito atrativo à juventude, era muito comum ver jovens vestidos com uniformes escoteiros praticando o Escotismo nas cidades e nos espaços ao ar livre, principalmente em florestas.

O nacionalismo que emergia no início do século XX fez com que políticos e ideólogos de direita conduzissem tais discursos que desencadeariam transformações nos meios sociais da

época. O discurso estava pautado contra os estrangeiros, liberais e comunistas, sendo assim necessário reforçar uma frente em defesa dos considerados males da nação em uma ótica nacionalista. A ideologia da defesa e construção da nação foi uma resposta à crise pelo qual passava o Velho Mundo (HOBSBAWM 2012, p. 206).

A representação do Escotismo durante o seu período de criação tinha forte ligação ao militarismo mesmo o seu criador descartando tais possibilidades de associação. Analisando o Movimento Escoteiro ao longo dos tempos, podemos compreender aspectos que são utilizados nos moldes militares como também no Escotismo. O uso da saudação escoteira lembra muito a continência militar, o uso do uniforme, comandos de firme, cobrir, descansar etc. São características semelhantes ao que é usado nos meios militares.



Figura 4 – Saudação Escoteira
(Fonte: <http://www.escoteirowikia.com>: acesso em 02/04/2019)

Outro ponto importante que podemos elencar nesse conjunto que atribui tais relações é sem dúvida o fato do Movimento ter sido criado e conduzido durante anos por um militar. Baden-Powell era militar e incorporou seus aprendizados militares à sua proposta educacional. Então dessa forma, assim apresenta o criador do Escotismo sobre as técnicas de exploração e rastreio:

Em poucas palavras, é a arte ou ciência de conseguir-se informação. Antes ou durante uma guerra informa-se sobre os preparativos do inimigo, sobre sua força, suas intenções, seu terreno, suas circunstâncias e seus movimentos, é essencial e vital para que um comandante ganhe a batalha (BADEN-POWELL, 1986, p. 15).

O Movimento Escoteiro possui uma relação forte com o militarismo na medida que foi criado por um militar e que encorpou aspectos relacionados ao modo como se aprende a desenvolver suas atividades.

Segundo Adalson Nascimento,

De forma geral, o Movimento Escoteiro apresentou características bastante evidentes de formação pré-militar. [...] algumas atividades desenvolvidas (marchas e evoluções durante cerimônia cívicas e acampamentos) e o uniforme denunciam aspectos militares. Além disso, o ideal de formação valorizava a hierarquia, a disciplina, a ordem e uma rígida moral, características das instituições militares (NASCIMENTO, 2004, p. 100).

A realidade histórica de aparecimento do Escotismo no início do século XX conduz a nossa compreensão de que o Movimento Escoteiro sobretudo foi baseado em experiências militares do criador como também uma proposta que buscava fortalecer os ideais e sobretudo a defesa imperial por meio de aprendizados belicistas. Em outras palavras, era a capacitação da juventude por meio de aprendizados que reforçassem tais necessidades de adequação configurando assim a pretensa de ser um projeto político instrutivo para alimentar o nacionalismo de seus praticantes.

Ao longo dos tempos o Escotismo foi se modificando em decorrência das mudanças em que o mundo sofria, seja política, cultural etc. Mas é importante salientar que o Movimento Escoteiro no início de sua criação apresentava um ideário muito semelhante aos aprendizados militares e por ter sido fundado por um militar essas características se tornaram perceptíveis em consideração ao conjunto analisado.

Contudo o Movimento Escoteiro trilhou seu próprio caminho embora esteja tão intimamente ligado ao militarismo no início de sua criação. Baden-Powell viu a sociedade passar por transformações importantes e delas extraiu maneiras de manter o Movimento em constante modificação acompanhando o processo da sociedade e principalmente dos meios educacionais. Configurou ajustes que marcariam as maneiras como o Escotismo era conduzido, sobretudo por ter acesso aos meios educacionais de seu tempo e pela influência de novas correntes teóricas da educação que cada vez mais distanciou o seu Movimento de um possível militarismo.

2.2. A pedagogia e o Método Escoteiro idealizado por Baden-Powell e sua difusão no Mundo

O Escotismo e seu método criado por Baden-Powell não foi algo que surgiu sem bases ou sem algum fundo teórico que forneceu os caminhos para se trilhar e conseqüentemente se consolidar como proposta educacional extraescolar. Baden-Powell era um cidadão que via as mudanças ocorrerem na Inglaterra, como viajava muito, conhecia as mais diversas culturas e costumes de povos de outros lugares. Cambi (1999) apresenta que no período do final do século XIX e início do século XX um movimento educacional estava em forte ascensão que tinha como principal objetivo transformar a escola em um ambiente que promovesse o protagonismo do jovem, o aprender fazendo. A escola era vista como um ambiente de conhecimento voltado as elites, e a renovação que consistia nessa nova forma de conceber a escola se chamava de “Ativismo” ou simplesmente “Escola Nova”. Era a “revolução” no campo educacional que promoveu ao longo do tempo mudanças significativas na educação e por ventura influenciou na escola de B-P.

Cambi (1999) ainda apresenta em um de seus trabalhos que o movimento Escola Nova emerge por via das transformações desencadeadas sobretudo por uma resposta à sociedade industrial e tecnológica. A Escola Nova representou uma ruptura da Escola Tradicional principalmente pelos seus ideais democráticos e libertários por meio de uma ideologia voltada a participação intensa dos cidadãos. Era um método ativo, mas não pretendia ser crítico.

O Ativismo se caracteriza por colocar a criança, o jovem no cerne do objetivo principal de promover a centralização do processo de educação no protagonismo dos alunos. O ensino era pensando como uma ação que o jovem devia promover, ao invés do modelo instrutivo que era o modelo da chamada pedagogia tradicional da época.

[...] os alunos são levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situações de sentido social e moral, reais ou simbólicos (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 151).

Podemos compreender que o ativismo se caracteriza também por ser uma proposta que possibilita o foco em um modelo democrático, que por sua vez, se insere em uma pedagogia contemporânea que valoriza o aprender fazendo dos seres que participam do processo. A democracia neste sentido está baseada na mútua participação dos membros que participam do processo e suas ações no conjunto coletivo.

O Movimento da Escola Nova contextualizado com o Escotismo, surgiu para mudar a educação tradicional e promover uma mudança significativa no que tange a uma efetiva educação através da experiência, dos jogos ao ar livre que pouco foi evidenciado nas escolas tradicionais inglesas do início do século XX.

O modelo praticado pela pedagogia tradicional evidenciou que a escola se configurava como um espaço fechado pelos muros, que pouco explorava a realidade social na qual os jovens estavam inseridos, perdendo assim um eixo do real que a sociedade vivenciava na época. A reformulação aconteceu no cerne de um contexto marcado por transformações que se faziam necessárias ao conjunto de problemas ao qual a instituição escolar europeia sofria. Era preciso mudar o cenário e transformar a escola em um espaço atrativo que trouxesse o jovem ao protagonismo por meio de um sistema pensado para cumprir com êxito tais atribuições.

Teóricos como John Dewey, Maria Montessori e tantos outros que defendiam uma intervenção no espaço escolar, baseados em estudos psicológicos que evidenciavam que a psique da criança difere da dos adultos, buscaram alternativas que transformassem o espaço escolar e que valorizassem o protagonismo juvenil baseado no aprender fazendo, como um processo de valorização da individualidade de cada pessoa. Em outras palavras, seria a mudança radical do processo em que a escola estava inserida, era a busca de trazer uma realidade mais pautada para dentro dos espaços escolares, ampliando assim a participação do alunado. A ideia era fazer com que o aluno fizesse parte do processo, de maneira a ser explícito a abertura ao protagonismo.

Dessa forma, o Escotismo carregado de semelhanças com o militarismo surge nesse processo de transformação que a educação está passando. A renovação no campo pedagógico em que o Ocidente, principalmente países da Europa e os Estados Unidos da América acontece de maneira regenerativa, constituindo mudanças no campo educacional com bases em estudos no campo da psicologia citando os autores acima descritos. O Escotismo como um método educacional extra-escolar surge em meio ao contexto de época da Inglaterra do início do século XX, e o criador teve influências do Movimento da Escola Nova para desenvolver um projeto educacional baseado sobretudo no protagonismo juvenil em suas atividades. Portanto, o movimento educacional do Escotismo teve influência em relação as novas formas de pensar uma educação mais democrática que colocasse o jovem no cerne do processo.

Ainda analisando a relação entre a Escola Nova e o Escotismo podemos compreender que o objetivo de Baden-Powell era desenvolver um programa educacional atrativo aos jovens

que diferenciasses os aprendizados da escola e desenvolvessem no jovem modelos de promoção na vida cotidiana:

O seu esquema possuía grandes afinidades com os princípios do Ativismo e pedagogias ativas propostas por Claparède, Freinet e Maria Montessori. Num ambiente social propício ao desenvolvimento de métodos educativos de promoção da saúde física, cívica e moral, Baden-Powell concebeu inicialmente o Escotismo como um jogo *self-government* para adolescentes (VICENTE, 2004, p. 32).

Nascimento (2008), analisa o Escotismo como uma pedagogia ativa, que busca objetivar o protagonismo dos participantes de modo a serem partes centrais do processo. O Escotismo foi um Movimento que embalou essas mudanças ocorridas no campo educacional do início do século XX, por isso foi uma marca inovadora no contexto educacional.

As grandes potências europeias começaram a compreender que era necessário um sistema educacional que valorizasse e retornasse os ideais nacionais que tanto estavam afastados dos jovens naquele período. A regeneração da sociedade tinha que ser conduzida por um sistema que compreendesse tais problemas e desenvolvesse uma forma de resolver tais questões por meio de uma pedagogia que atendesse aos anseios sociais e principalmente dos jovens. Com tais problemas, o aumento de instituições educacionais sinalizava que o Estado estava a enfrentar o problema (NASCIMENTO, p. 46. 2004).

Os princípios do Movimento Escoteiro estão sob as bases da promessa e da lei escoteira. Essas duas ‘colunas’ sustentam todo o projeto extraescolar do Escotismo, pois, caracterizam as atribuições ao qual cada escoteiro deve aprender e seguir. O ajustamento do jovem ao Movimento se faz essencialmente por esses princípios que são praticados durante todo o processo de participação do jovem no Movimento. Representam compromisso e aceitação do que é proposto nas práticas do Escotismo. Conforme a maturidade do jovem, mesmo ingressando em outros ramos do Movimento Escoteiro ainda continuará a seguir os princípios do Escotismo, pois é algo que dificilmente será modificado. Então compreendemos que o Movimento Escoteiro antes de tudo é um Movimento marcado pela complexidade e adequações que são necessárias de seus participantes cumprirem tais determinações.

Vejamos a promessa e a lei escoteira:

Promessa Escoteira

Por minha honra, prometo que farei o melhor possível:

- 1- Para cumprir o meu dever para com Deus e o Rei.
- 2- Para ajudar o próximo em todas as ocasiões.
- 3- Para obedecer a Lei do Escoteiro. (BADEN-POWELL, 2006. p. 24).

Lei do Escoteiro

- 1- A honra para o escoteiro, é ser digno de confiança
- 2- O escoteiro é leal ao Rei, a sua Pátria, aos seus escotistas, aos seus pais, aos seus empregadores e aos seus subordinados.
- 3- O dever do escoteiro é ser útil para ajudar o próximo.
- 4- O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros, não importando a que país, classe ou credo o outro possa pertencer.
- 5- O escoteiro é cortês.
- 6- O escoteiro é amigo dos animais.
- 7- O escoteiro obedece sem vacilar as ordens de seus pais, do seu monitor, ou do seu chefe escoteiro.
- 8- O escoteiro ri e assobia sob todas as dificuldades.
- 9- O escoteiro é econômico.
- 10- O escoteiro é limpo no pensamento, na palavra, e na ação. (BADEN-POWELL, 2006, p. 25).

Quando Baden-Powell escreveu o livro *Scouting for Boys* (Escotismo para Rapazes) em 1908 sabia que o Movimento precisaria de um código rígido de conduta, visto que o seu programa educativo possuía características semelhantes ao adestramento militar. Então dessa maneira, o Movimento durante muito tempo foi associado a um militarismo, dando a parecer um programa educacional desenvolvido pelo exército inglês para a juventude inglesa (NASCIMENTO, 2008, p. 15).

O Escotismo na sua origem é analisado como um fenômeno social que emerge da Europa ainda em um contexto de uma lógica imperialista, tendo como principal fundador um militar que trabalhou em campanhas militares pela defesa dos territórios e domínios comerciais de uma das maiores potências mundiais da época, a Inglaterra. A mudança no campo educacional também contribuiu para que o programa tomasse uma dimensão maior em seu conjunto pedagógico, onde o idealizador do Movimento viu as novas propostas educacionais como o ativismo e as colocou em prática no seu projeto educacional extraescolar, mesmo que

de maneira indireta, por ser uma educação pouco teórica e mais voltada aos jogos ao ar livre e aos jogos.

As pedagogias do século XIX contribuíram indiretamente na fomentação da proposta do Escotismo, teóricos embasados por estudos do campo da Psicologia viam na educação da época caracterizado por uma pedagogia tradicional um processo que tinha que se adequar as realidades existentes, sendo assim substituída a pedagogia tradicional por uma pedagogia transformadora que fosse atrativa ao jovem ativando aptidões físicas por meio de atividades e também intelectuais por meio de conteúdos direcionados.

A rápida ascensão do Escotismo no mundo por meio da difusão do livro *Scouting for Boys* (Escotismo para Rapazes) trouxe resultados inesperados até mesmo para o próprio criador do Movimento. Baden-Powell considerado um herói de guerra, rapidamente viu seu Movimento tomar dimensões aos quais não imaginava acontecer. B-P viu que seu projeto educacional foi aceito pelo governo e a sociedade inglesa da época e também aceito em países que buscavam exaltar o nacionalismo interno, pois no contexto de criação do Movimento Escoteiro as potências queriam assegurar a participação dos jovens em eventuais conflitos por meio de programas educacionais que condicionassem os jovens a moral e o civismo para com suas nacionalidades. Na prática era fomentar programas educativos e contribuíssem na formação de jovens para eventuais conflitos, dando aos jovens pré-requisitos para o serviço militar. Obviamente, o Escotismo do início do século XX se tratava de uma educação voltada as práticas de atividades ao livre, as excursões, os acampamentos, jornadas, mas que no fundo objetivavam o jovem a uma preparação para eventuais contribuições ao serviço militar do país.

A pedagogia utilizada e readequada por Baden-Powell assegurou o êxito no Movimento, pois o Escotismo no período de criação e consolidação funcionou como uma escola inicial aos moldes do militarismo apresentando características semelhantes ao modelo que era utilizado em escolas militares, embora que o criador defendia uma proposta que não era militarizada, mas que em nossa compreensão o Escotismo possui vínculos através de representações do militarismo na proposta educacional.

Ancorado em suas experiências no exército britânico e por suas viagens a muitos lugares do planeta, Baden-Powell adequou seus conhecimentos para criar o que seria o Movimento educacional extraescolar para a juventude a ter mais membros no século XX.

O Escotismo segundo seu criador Baden-Powell:

O Escotismo abrange tarefas um tanto diversas. Em poucas palavras, é a arte ou a ciência de conseguir-se informação. Antes ou durante uma guerra informar-se sobre os preparativos do inimigo, sobre sua força, suas intenções, seu terreno, suas circunstâncias e seus movimentos, é essencial e vital para que um comandante ganhe a batalha. (BADEN-POWELL, 1986, p. 15).

Ainda segundo Nagy (1987), o programa educacional do Escotismo buscou condicionar o jovem ao civismo e a cidadania por meio de seus aprendizados realizados durante a participação no Movimento, formar um cidadão ativo na sociedade lhe dando os suportes e conhecimentos necessários para executar tais atribuições. Em outras palavras, condicionar o jovem ao amor à pátria, Deus e ao próximo. A condição de participação do jovem era a sua promessa e fidelidade ao Movimento através do seguimento da metodologia escoteira que era aplicada pela unidade escoteira ao qual o jovem era vinculado.

O cenário de mudanças que ocorreram no início do século XX, principalmente no campo educacional promoveram influências nos movimentos educacionais que surgiam na época, principalmente por conduzir uma proposta que colocava o jovem no cerne do processo educativo tornando assim a educação e seu processo atrativo. Foi nesse contexto que o Escotismo recebeu influências do Movimento Escola Nova para aplicar esses novos moldes educacionais na pedagogia escoteira proposta por Baden-Powell.

O Escotismo gestado no início do século XX sob as bases dessas novidades pedagógicas foi desenvolvido na forma de um projeto ativo cujo objetivo principal é fornecer os aparatos necessários para o desenvolvimento físico, espiritual e intelectual de crianças e jovens. Nas palavras do criador do Movimento, era necessário adestrar os jovens para o bom desenvolvimento e a boa ajuda para com suas nações. Formar o jovem atuante na sociedade e prestativo aos interesses dos respectivos países. A proposta criada ao longo dos tempos teve o objetivo de acompanhar todas as etapas do crescimento das crianças até a fase adulta por meio dos ramos do próprio Movimento.

O Escotismo desde sua criação e mesmo passando por readequações ao longo dos anos e dos diversos lugares que foi praticado, pode ser entendido como um Movimento voltado para a cidadania apresentando tais características:

Pedagogia organizada durante a primeira década do século XX, falando em ensinar disciplina aos jovens, fixar valores, desenvolver habilidades e difundir saberes, conforme alguns padrões recorrentes às práticas da Pedagogia Moderna naquele período (NASCIMENTO, 2005, p. 252).

Por outro lado, o Escotismo carrega ainda o perfil de um sistema educacional extraescolar marcado por fios de características militares desde o seu surgimento na Inglaterra do início do século XX. Ainda é possível encontrar traços característicos do meio militar que são utilizados no Escotismo, mas que sua pedagogia difere totalmente de um aprendizado aos moldes militares.

2.2.1. O Escotismo no Brasil: traços históricos sobre o Movimento em território brasileiro

Mesmo não sendo um Movimento militarizado, o Escotismo possui uma grande relação com o militarismo brasileiro. O exemplo disso é a sua vinda ao Brasil, que diretamente estabelece uma relação com os militares brasileiros aos quais foram os responsáveis de trazer para o país a proposta educacional de Baden-Powell e difundi-la em território nacional.

O Escotismo como uma proposta educativa extraescolar está presente no Brasil desde 1910. Veio por intermédio de marinheiros brasileiros que estavam na época a serviço militar na Inglaterra e puderam ver de perto como funcionava as atividades e a pedagogia de Baden-Powell. Na Época esses militares estavam aguardando a finalização de dois navios militares brasileiros, que seriam utilizados pela frota naval da Marinha do Brasil.

Blower (1999) afirma que o Tenente Eduardo Henrique Weaver, militar da Marinha do Brasil se sentiu entusiasmado com o que viu na Inglaterra. Enxergou no Escotismo a possibilidade real de um Movimento que ia mudar a realidade dos jovens brasileiros, principalmente no que diz respeito aos aprendizados que são uteis para a pátria. O Escotismo segundo o próprio Weaver seria um programa educativo inovador, pois dava ênfase ao aprendizado do civismo, moldando o jovem ao serviço patriótico com base em um conjunto pensado para tal desenvolvimento.

Weaver quando retorna ao Brasil decide escrever sobre suas experiências com o Movimento escoteiro inglês em um artigo intitulado *Scouts e a Arte de Scrutar*³⁴. Apresenta um apanhado de informações sobre o Movimento inglês, principalmente enfatizando sua simbologia e sua disposição para com os ideais da pátria e do civismo que os jovens podem desenvolver ao participarem do Movimento. O artigo apresenta uma linguagem objetiva e direta

³⁴ Artigo publicado na Revista Ilustração Brasileira no ano de 1909. Considerada a primeira publicação sobre o Escotismo no Brasil.

sobre sua opinião acerca do Movimento Escoteiro e sua contribuição para fortalecimento dos ideais da pátria.

Weaver viu que a proposta do Movimento escoteiro não era a militarização da infância assim como ele atesta na seguinte citação:

Começaremos por bem frisar que os scouts não são militares nem ao menos militarizados; é essencial que cada moço se compeetre de sua independência, do que se espera de sua iniciativa própria, e da consciência de sua responsabilidade que são os elementos formadores do seu caráter. (BLOWER, 1999, p. 25).

O militar brasileiro percebeu que o Movimento por não ser militarizado era mais adequado aos aprendizados, visto que o seu método era mais flexível em relação as escolas militares que no Brasil possuía. O próprio criador do Movimento Escoteiro, o militar Baden-Powell, declarava que seu Movimento não possuía diretamente uma pedagogia utilizada em escolas militares. Mesmo possuindo características não-militares o Escotismo foi um programa educativo que possuiu uma infinidade de características ligadas aos aprendizados militares. No Brasil os militares foram os primeiros a impulsionar os ideais de Baden-Powell, principalmente fundado unidades escoteiras em diversos Estados do território nacional.

Segundo Nascimento (2004), o primeiro grupo escoteiro que se tem notícia em terras brasileiras foi fundado em 1910, pelos mesmos marinheiros que trouxeram os primeiros materiais para se trabalhar o *Scouting* (Escotismo) no Brasil. Denominou-se “Centro de Boys Scouts do Brasil”, ficou sediado na cidade do Rio de Janeiro e teve sua fundação totalmente influenciada pelos militares brasileiros. Nota-se que o Escotismo brasileiro desde o seu aparecimento em terras nacionais foi intimamente ligado ao militarismo por possuir fundadores ligados as forças armadas do país.

O caminho do Escotismo no Brasil foi direcionado por meio dos militares brasileiros que conduziram os primeiros grupos no país. O Escotismo foi um Movimento que surgiu de forma dispersa na Inglaterra, mas que no Brasil teve uma forte relação com o setor militar. Por ser um programa que envolve um sentimento patriótico, espiritual, físico e intelectual segundo seu criador, o Escotismo se adequou bem ao Brasil na época de sua chegada, sobretudo pelo fato de ser um Movimento que respondia aos anseios do governo que possuía diplomacia com a Inglaterra, país de origem. Sendo assim, a forte relação do Movimento Escoteiro com os setores militares do Brasil levou o movimento a ter uma maior aceitação no país e conseqüentemente uma ampla participação do perfil alvo do programa educativo, os jovens.

Por se um Movimento de educação extraescolar que foi gestado no meio educacional voltado ao protagonismo juvenil, principalmente por meio do Ativismo, o Escotismo em terras brasileiras conseguiu atingir rapidamente o grande amontoado de jovens que queriam ingressar nas fileiras do Movimento criado por Baden-Powell na Inglaterra. Os jovens viam no Movimento uma forma de diversão e também de aprendizado, por possuir um grande conjunto de jogos e atividades ao ar livre, principalmente por acampamentos e incursões ao ar livre. Carregando representações do militarismo, muitos jovens viam o Escotismo como a porta de entrada para o aprendizado militar.

Segundo Blower (1994), outro fator que impulsionou o Movimento Escoteiro no Brasil foi sem dúvida o apoio de intelectuais e políticos que viam no Movimento uma forma de construir a juventude do país em torno das práticas do civismo e sobretudo a ideologia do Patriotismo. Despertou também a iniciativa de instituições como a Igreja Católica, pois o Movimento tem um dos seus pilares fundamentais o amor à Deus. Então a instituição religiosa enxergou que o Movimento em muito podia contribuir para as causas religiosas e sociais.

O Escotismo foi uma proposta educacional que se adequou a sociedade ao longo dos anos. No caso especial do Brasil teve forte apoio das camadas políticas, militares, intelectuais e populares, justamente por ser um Movimento que tinha objetivo principal o condicionamento de jovens por meio de ensinamentos com viés ideológico patriótico.

No meio militar brasileiro foi muito bem aceito como uma proposta que fornecia treinamento aos jovens sendo caracterizado como um Movimento muito próximo a proposta militar. Os termos usados (patrulha escoteira, tropa escoteira, batalhão escoteiro) atividades (incursões, acampamentos, rastreamento, exploração) e o uso de uniforme, saudações, fomentou ainda mais essas características ligadas ao militarismo.

Nascimento (2004) apresenta que o Movimento Escoteiro por ser um projeto educacional extraescolar de valorização do civismo e da educação do corpo, esteve sempre presente na agenda política dos nacionalistas do pós-guerra e, principalmente nas reformas educacionais da década de 1920. Nas representações dos nacionalistas sobre o Movimento, acreditava-se no Escotismo como um dos canais de construção de uma sociedade coesa. Dessa forma recebeu apoio direto nos governos estaduais e também em âmbito nacional desde o período de seu aparecimento no início do século XX.

Evidente que o aparecimento do Movimento Escoteiro no Brasil foi motivado por doutrinas ideológicas que imprimem sob a sociedade os meios a serem adotados e seguidos. Não são produtos da causalidade nem aparecem de maneira espontânea, pelo contrário, tem sua razão e origem, desenvolvimento e finalidade definida. Antes de tudo um projeto político de doutrinação e disciplinamento dos corpos, o que Michel Foucault (1987) chamaria de disciplinamento por meio institucional, pois o controle do jovem escoteiro depende do método que é utilizado por meio de exercícios físicos, intelectuais e sobretudo ideológico.

Há também o uso de uma mística escoteira que é composta por símbolos, rituais que de certa forma constroem um imaginário escoteiro para a construção de uma identidade única para esse Movimento carregado de representações. Jurar a bandeira, ter a sua própria forma de saudação, usar distintivos que identificam especialidades no Movimento, usar adornos como lenços, bastões de patrulhas, são elementos representativos que compõem o chamado imaginário escoteiro e percorrem a simbologia que é utilizada nesse Movimento.

Por isso no próximo capítulo analisaremos as práticas simbólicas do Movimento Escoteiro afim de apresenta-lo como outro fator que contribuem para o disciplinamento dos jovens que desse Movimento participaram, em especial ao Grupo de Escoteiros São Francisco que teve sua atuação na cidade de Baixio dos anos de 1980 a 1985.

CAPÍTULO 3

“BEM CEDO JUNTOS AO FOGO TORNAREMOS A NOS VER³⁵”: SIMBOLOGIA E RITOS ESCOTEIROS

Ao surgir na pequena cidade de Baixio nos anos de 1980, o Grupo de Escoteiros São Francisco rapidamente cresceu em número de adeptos. Com base em relatos de membros do Movimento, ao longo da nossa pesquisa, compreendemos que a sua difusão tomou rápida proporção em decorrência da juventude baixiense enxergar no Movimento Escoteiro uma forma viável de aprendizados e divertimento por meio das atividades e jogos, que eram comuns aos finais de semana. Os pais dos jovens que participaram do grupo perceberam uma ótima oportunidade de “disciplinamento” dos seus filhos por meio das atividades que o Escotismo desenvolvia. Com base nos estudos sobre o Escotismo e sua pedagogia, compreendemos que por meio de sua doutrina e, sobretudo, seus ideais nacionais, grande parte das pessoas da cidade como também membros escoteiros viam no Movimento uma forma de militarização, moral e disciplinamento e ao mesmo tempo divertimento para os jovens. Esmeraldo de Assis Santana, um dos criadores do grupo escoteiro baixiense, via na disciplina a base para o condicionamento dos jovens nas práticas do Escotismo.

A disciplina era uma coisa muito importante, não era muito rígida, amigavelmente tínhamos afinidade com os jovens, se dávamos muito bem, não era essa coisa de eu sou o machão valente, não. Era uma disciplina de respeito e confiança de um para o outro. Os pais dos escoteiros e a comunidade de Baixio viam o grupo escoteiro como um movimento sério e comprometido com as causas da cidade. Era trabalho e disciplina que a gente sempre desenvolvia [sic].³⁶

Rapidamente, o grupo escoteiro de Baixio conseguiu atrair uma parcela significativa de jovens para ocuparem suas fileiras. Os jovens se sentiam atraídos a participarem do Escotismo por saberem que o Movimento era puramente aventura, por meio de atividades ao ar livre e também nas ruas da pequena cidade. O momento em que o grupo se reunia para alguma atividade nas principais ruas da cidade era um momento também de propaganda da proposta

³⁵ Trecho da canção da despedida. Canção normalmente usada ao término de um acampamento, onde os membros de reúnem em torno de uma fogueira e reafirmam o compromisso de se manter firmes no Escotismo e se encontrarem novamente em outros eventos do Movimento.

³⁶ Entrevista de Esmeraldo de Assis Santana, concedida ao autor no dia 04/07/2018.

educacional do Escotismo para que a população compreendesse tal projeto educativo e que atraísse ainda mais jovens a terem o desejo de participação no grupo escoteiro.

Para iniciar no grupo escoteiro, o jovem devia firmar o compromisso de ser membro voluntário e também ser qualificado em uma avaliação que os chefes aplicavam para medirem o aprendizado sobre o Escotismo que o jovem tinha adquirido após as leituras de materiais disponibilizados pelo próprio grupo para estudo.

Os escoteiros faziam as avaliações eu mesmo corrigia, eu fazia e elaborava umas provas para eles. Sempre também mandava uma ficha para avaliação externa do comportamento do jovem, como por exemplo, seu comportamento, suas notas da escola, era isso. Eu tinha que saber como esses jovens se comportavam fora das atividades do grupo.³⁷

O jovem escoteiro tinha que ser obediente em casa, na escola e principalmente no Movimento para que sua participação tivesse aceitação institucional. O sistema de monitoramento desenvolvido pelo Escotismo passava desde a família até o comportamento do jovem diante das atividades que eram desenvolvidas. Mesmo sendo um dispositivo de controle, o Movimento escoteiro possui características atrativas que fazem o jovem perceber tal divertimento que os aprendizados proporcionam, transformando-os em aprendizado para a vida.

Nascimento (2006) apresenta que o Escotismo é um projeto que chama a atenção dos jovens pela facilidade de rápido conhecimento entre eles. Apresenta o que ele chama de *Imaginário Escoteiro* pela “riqueza de símbolos, ritos e mitos no cotidiano do Movimento, os quais convenceram, em alguma medida, os militantes a filiarem-se ao Movimento e a juntarem-se em prol de algo que os transcendia, algo místico (NASCIMENTO, 2006, p. 2). É sobre esse tema que iremos discorrer neste capítulo, a utilização de símbolos e ritos para construir uma identidade coletiva do Escotismo.

O Movimento Escoteiro é carregado de rituais e símbolos que constroem esse chamado *Imaginário Escoteiro*, por isso, se faz necessário compreender e analisar essa simbologia afim de tecer linhas de compreensão de tais atividades no conjunto complexo da temática. Propomos então analisar esse conjunto simbólico afim de tecer a relação do Escotismo com uma simbologia marcante que é característica do Movimento e como ela foi aplicado no Grupo de Escoteiros São Francisco de Baixo nos anos de 1980 a 1985.

³⁷ Entrevista de Esmeraldo de Assis Santana, concedida ao autor no dia 04/07/2018.

Os desfiles cívicos, o aglomerado de jovens nas ruas, as bandeiras de tropas e patrulhas³⁸, os uniformes, os acampamentos, tudo isso caracterizou o Movimento Escoteiro e permitiram compreender acerca das inúmeras atividades que foram desenvolvidas pelos jovens baixienses ao longo dos anos de 1980. As canções, os hinos que eram entoados durante as atividades representaram o sentimento de pertencimento a um grupo e também era a forma de propaganda que qualquer jovem podia participar do projeto educacional, desde que cumprisse o exigido. Foi assim que o grupo de escoteiros de Baixio rapidamente obteve aceitação da sociedade como também uma rápida difusão dos ideais de Baden-Powell na pequena cidade do centro-sul cearense.

As atividades aconteciam na cidade e na zona rural do município de Baixio, eram os locais para se colocarem em prática os aprendizados que esses jovens possuíam que eram desenvolvidos nas reuniões de grupo aos finais de semana. Ao ar livre, o Escotismo tinha mais destaque pelo fato de seu programa educativo ter mais desempenho em ambiente externo a cidade. Segundo Thomé (2006), as qualidades do Escotismo estão em seu aprendizado em jogos e atividades práticas, no que consiste a pedagogia do aprender fazendo.

Permite viver experiências pessoais que interiorizam e consolidam o conhecimento, as atitudes e as habilidades. Desta maneira, e do ponto de vista cognitivo, se substitui a simples recepção de informação pela efetiva aquisição de conhecimento; no domínio da afetividade, se substitui a norma imposta pela norma descoberta e a disciplina exterior pelo interior; e, no campo motriz, a passividade receptiva do destinatário cede lugar à criatividade efetiva do realizador (THOMÉ, 2006, p. 167).

Acampar no mato, cozinhar a céu aberto, tomar banho nos açudes e nos riachos, são atividades que os jovens escoteiros praticavam geralmente aos finais de semana. Os jovens baixienses tinham essa experiência ao ingressar no Grupo de Escoteiros São Francisco, principalmente pela cidade ser tão próxima as regiões de mata e serras, facilitando a prática de atividades ao ar livre.

Os jovens só iam acampar quando estivessem preparados para tal atividade, pois necessitavam de aprendizados sobre acampamento e sobrevivência na mata. Por isso as reuniões aos finais de semana eram importantes para se aprender a arte do Escotismo. Nessas reuniões eram muito comuns as práticas de nós e amarras e outras técnicas para se aprender a montar um acampamento, cozinhar, e permanecer dias em meio a mata.

³⁸ As tropas escoteiras geralmente são compostas por 32 jovens de sexos distintos, sendo que a patrulha consiste na divisão resultando o número 8 membros por patrulha.

O Grupo Escoteiro São Francisco normalmente se reunia aos finais de semana para a prática do Escotismo. Nas reuniões promovidas muitos aprendizados eram direcionados aos jovens escoteiros baixienses, dentre eles destacam-se os aprendizados em primeiros socorros, nós e amarras e técnicas de sobrevivência em locais de difícil acesso, como o caso de acampamentos que geralmente eram feitos em locais de mata fechada³⁹. A reunião simbolizava diretamente a aplicação do Método Escoteiro e seu conjunto de regras que fazem do Escotismo um Movimento de caráter extraescolar com hierarquia e princípios a serem seguidos. Era o momento mais esperado pelos jovens baixiense, o dia da reunião de grupo.

Nos reuníamos no Centro Comunitário, tínhamos aulas teóricas e práticas sobre o Escotismo, com base nos livros que estudávamos e também pelas palestras que os chefes faziam com todos. Lembro que tinha sempre depois da reunião futebol. Atividades de nós e amarras, primeiros socorros só praticávamos mesmo era em acampamento. Funcionava assim: nas aulas a gente aprendia e nos acampamentos a gente executava as técnicas.⁴⁰

Teoricamente o Método Escoteiro é responsável pela condução dos trabalhos dos grupos escoteiros, pois possui as bases necessárias para a prática do Escotismo. Procura estimular os jovens por meio de um conjunto de aprendizados que o Escotismo proporciona aos membros que desse projeto educativo extraescolar. Basicamente o Escotismo é definido por jogos e pouco explora o campo teórico, são atividades que mas dependem do trabalho manual.

Segundo Thomé (2006),

O sucesso do Escotismo está baseado no seu método próprio. Ele vai de encontro aos anseios normais dos jovens, proporcionando maneiras atraentes de realizar seus desejos e aspirações, orientando-os, ao mesmo tempo, para finalidades socialmente úteis, por meio de jogos, costumes, tradições, trabalhos manuais, explorações, acampamentos, etc” (THOMÉ, 2006, p. 177).

As atividades realizadas no grupo escoteiro promoveram um conhecimento acerca da realidade através de um trabalho coletivo, que envolve os participantes do processo através do estudo, reflexão e, sobretudo, conhecimento da realidade social que os sujeitos estão envolvidos. Em Baixio nos anos de 1980 promoveu-se tais características, porém com o molde educacional autoritário e unilateral em suas teorias que impediram o progresso no campo do conhecimento por estar atrelado a uma prática quase que reguladora por meio de sua disciplina

³⁹ As reuniões do Grupo Escoteiro São Francisco na maioria das vezes aconteciam no espaço do Centro Comunitário da cidade de Baixio, Ceará. Era um local que possuía inúmeras salas como também quadra esportiva que facilitava a prática de atividades físicas.

⁴⁰ Entrevista de Sérgio Maurílio Holanda Farias, concedida ao autor no dia 03/07/2018.

branda, mas que o trabalho em equipe foi desenvolvido de maneira conjunta enquanto o grupo permaneceu ativo.

Nascimento (2006) apresenta que no grupo escoteiro o jovem aprende desde cedo a conviver em equipe (sistema de tropas e patrulhas). Cada tropa tinha como símbolo o nome e a figura do animal escolhido, assim acontece também com as patrulhas. Então os jovens escolhiam o animal como símbolo que representava a tropa e a patrulha de maneira a criarem também “gritos de guerra” exaltando sua tropa ou patrulha nos jogos escoteiros.

Em Baixio, os jovens escoteiros possuíam suas tropas e patrulhas escoteiras, era o momento de rivalidade entre ambas que disputavam em jogos realizados nos acampamentos e no ginásio esportivo da cidade, mas também um momento de descontração que fazia das reuniões escoteiras um verdadeiro lazer. Havia diversas atividades que faziam os finais de semana um dia muito esperado pelos jovens escoteiros baixienses, os aprendizados sobre Escotismo eram feitos por meio de palestras e aulas práticas proferidas pelos chefes de grupo.

As práticas educativas desenvolvidas pelo Grupo Escoteiro São Francisco faziam parte do cotidiano da vida dos jovens que participavam do Movimento. Aos finais de semana, as atividades chamavam a atenção do público, onde muitos moradores iam assistir aos treinamentos escoteiros na quadra do Centro Comunitário da cidade. Era também o momento de apresentar aos munícipes de Baixio um pouco do projeto e tentar conseguir apoio e aumentar o número de adeptos a prática do Escotismo. Trajados de uniforme e como diversos distintivos fixados na vestimenta, o Escotismo é grande difusor de práticas simbólicas que evocam uma identidade única de um movimento com mais de cem anos de existência, embora que no Baixio era tão recente.

3.1. As práticas simbólicas do Movimento Escoteiro

A grande difusão do Escotismo no início do século XX por seu método pedagógico ancorado nas novas formas de Educação, principalmente pela influência da Escola Nova e a busca de construir uma juventude político-nacionalista, levou esse Movimento a se espalhar pelo mundo em consonância com o momento político daquele período e a forma atrativa da sua condução no projeto educacional extraescolar voltado aos jovens de faixa etária dos 8 aos 21

anos com participação de adultos acima dessa idade condicionados pelos princípios e métodos escoteiros concebidos pelo criador do Movimento.

O Escotismo é um movimento educacional extraescolar carregado de representações e simbologias. Suas práticas ao longo dos cem anos de existência são carregadas de tais atribuições, por isso se faz necessário uma análise acerca de tais símbolos, mitos e ritos que foram aplicados durante as práticas do Escotismo na cidade de Baixio nos anos de 1980 a 1985.

Compreendemos que as práticas do Escotismo carregam quase uma obrigatoriedade de seguir com uma tradição ritualística carregada de simbologias e ritos que desde o nascimento do Escotismo foram praticados ao longo dos tempos. Por isso nesse capítulo buscaremos compreender como essas práticas simbólicas se fizeram presentes no Grupo de Escoteiros São Francisco que teve suas atividades na cidade de Baixio nos anos de 1980 a 1985.

Durante a coleta de entrevistas e a utilização de fontes documentais sobre o Escotismo, compreendemos tais práticas carregadas de simbolismo, ritos e mitos do Movimento Escoteiro que faz parte de uma “tradição inventada” como assinala HOBBSAWM e RANGER (1997, p. 9). Essas tradições foram passadas de geração em geração desde o surgimento do Movimento Escoteiro no mundo no início do século XX, mas que se configura como uma repetição utilizada pelos inúmeros grupos escoteiros que ao longo da história praticaram o Escotismo.

O Movimento Escoteiro possui uma série de símbolos que são utilizados nas práticas do Escotismo, dentre eles destacamos a “Flor de Lis”, a “Saudação Escoteira”, que são consideradas juntamente com o lema “Sempre Alerta” simbologias de caráter maior no Escotismo desde o seu aparecimento no mundo no início do século XX.

A Flor de Lis é um símbolo que nas antigas cartas náuticas indicava o Norte, sendo utilizada por B-P como representação maior do Escotismo mundial. Segundo Nagy (1987), a escolha da flor como símbolo maior partiu dos aprendizados militares de B-P que lhe deu um caráter representativo da caminhada do escoteiro durante a sua permanência em vida, utilizando a representação que o escoteiro deve caminhar por caminhos diretos e sem dificuldades.

Baden-Powell sentiu a necessidade de desenvolver um símbolo que criasse uma identificação do seu movimento e que também desse sentido exclusivo aos grupos escoteiros que tinham surgido e que estavam por surgir. A utilização desse símbolo forjou uma identidade escoteira única no período, ainda hoje a flor delis é o símbolo maior. Dessa forma, a flor-de-lis ficou escolhida para ocupar o maior símbolo do Escotismo mundial. Segundo Baden-Powell

(1986, p. 63), a flor foi escolhida porque “aponta a direção norte e para o alto, nem para direita, nem para esquerda, representando assim um ponto de equilíbrio que norteia o jovem a seguir no Escotismo”.

Vejam na imagem abaixo a flor de lis do Escotismo mundial e sua simbologia:



Figura 5: Flor de Lis: símbolo maior do Escotismo mundial
Fonte: UEB (União dos Escoteiros do Brasil)

Esse símbolo escoteiro é carregado de significados para dar legitimidade do seu uso no Escotismo e para a criação de uma identidade desse movimento extraescolar. Cada parte da flor evoca características importantes no movimento, são fatores que fazem os participantes reforçarem o significado da participação e o seguimento dos ideais que o Movimento

desenvolve. Esse símbolo representa o Escotismo em seu caráter mundial, mas que cada país que possui grupos escoteiros possui uma flor de lis com elementos únicos de identificação.

Vejamos abaixo a flor de lis utilizada pela União dos Escoteiros do Brasil:



Figura 6 – Flor de Lis utilizada pela União dos Escoteiros do Brasil
Fonte: UEB (União dos Escoteiros do Brasil)

Esses símbolos possuem um significado único no conjunto educacional escoteiro, são responsáveis por criar uma memória coletiva, com o intuito de dar unicidade institucional por meio do seu sistema de códigos. Na prática reconduz a união em torno dos ideais criados por Baden-Powell que todos os escoteiros do mundo fazem parte de um único movimento mesmo que haja distinções sociais, políticas e culturais de cada país. O sentimento de pertencimento cria e forja uma tradição ao longo dos tempos.

Baden-Powell criador do Escotismo, sabia que a utilização de um símbolo maior importaria para as futuras gerações do seu movimento como forma de unir os diferentes países adeptos do Escotismo promovendo uma união entres os escoteiros do mundo todo. Seria a forma de representar a realidade de cada grupo escoteiro espalhado pelo mundo.

Um símbolo é uma imagem ou figura que possui uma característica que lhe permite representar a realidade ou um conceito. Por isso existe em qualquer símbolo um significado e um significante. O significante é uma imagem perceptível de alguma coisa. O significado é o conceito a que se refere esse significante (BADEN-POWELL, 1985, p. 85).

Em um dos muitos encontros entre grupos escoteiros, Chefe Raimundo nos relata como funciona, na prática, esse sistema de unicidade institucional que por meio de uma simbologia constrói uma identidade coletiva de um Movimento, nesse caso o Movimento Escoteiro.

Às vezes eu participava de evento fora, teve até uma vez que fui participar de um evento em Fortaleza, e lá conhecia o chefe da região escoteira do Ceará, ele me disse uma frase que até hoje lembro que ficou na minha cabeça: “*Um por todos e todos por um*”. Ele me disse que uma vez escoteiro sempre escoteiro, isso ficou marcado na minha memória, por isso sempre penso que se alguma vez o cidadão passou pelo Escotismo ele sempre será escoteiro. [sic].⁴¹

Por meio do relato de Chefe Raimundo, podemos compreender que o Movimento Escoteiro possui uma simbologia que possibilita identificar outros membros pertencentes a uma mesma causa. Esses símbolos carregam uma identidade exclusiva do Movimento que até mesmo por uma simples saudação é possível saber quem é escoteiro ou quem de alguma forma possui conhecimentos sobre o Escotismo.

A saudação escoteira utilizando a frase “Sempre Alerta” é uma forte marca do Escotismo, essa representação é parte do programa educativo escoteiro com o intuito, assim como a flor de lis, trazer uma simbologia que representa a união institucional do Movimento. Essa saudação só é feita por membros escoteiros que, em qualquer situação, fazem uso desse sinal com as mãos. É utilizado também em diversas cerimônias escoteiras como hasteamento de bandeira, saudação a alguma autoridade e forma usual de cumprimentar outros membros. A forma de saudar outro companheiro escoteiro carrega a simbologia de integridade moral e emocional dos participantes, como forma de dar continuidade a uma característica que atravessa os tempos se tornando uma tradição.

Segundo Nascimento (2004), desde o início das práticas do Escotismo no Brasil no início do século XX, os mitos, ritos e símbolos foram fatores importantes para o convencimento das pessoas que o Movimento possuía forte ligação com o Nacionalismo e que o jovem ao ingressar se tornaria parte importante de um projeto criado na Inglaterra. Dando assim um aspecto que o jovem ao ingressar no Movimento Escoteiro estaria participando de um projeto educacional moderno, que ajudou a modernizar a Inglaterra.

⁴¹ Entrevista de Raimundo de França, concedida ao autor no dia 06/12/2018.

Outra forma simbólica de unicidade no Movimento Escoteiro está no ato de cumprimentar outro membro por meio de um aperto de mão único. Essa forma de cumprimento consiste em apertar a mão do companheiro com a mão esquerda, os três dedos médios separados do polegar e do dedo mínimo, sendo o último entrelaçado ao do companheiro.

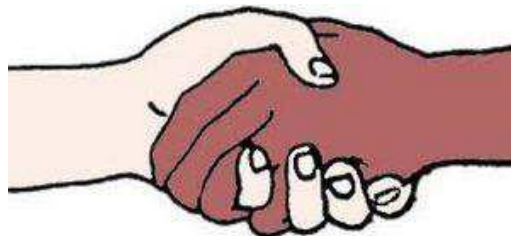


Figura 7: Aperto de mão escoteiro.

Fonte: UEB (União dos Escoteiros do Brasil)

O aperto de mão escoteiro possui diversos significados para a sua justificativa. O primeiro tem a ver com a interação que Baden-Powell teve em suas explorações pela África, tendo contato com as tribos dos povos Ashanti que usualmente cumprimentavam seus membros dessa forma.

Dizem que ao entrar em Kumashi, Baden-Powell foi recebido por um dos chefes locais que ao cumprimentá-lo, ofereceu a mão esquerda explicando que era assim que eles saudavam os amigos, pois se com a mão direita eles seguravam a lança, com a esquerda seguravam o escudo que os protegiam dos inimigos. Assim, para apresentar a mão esquerda para o cumprimento o guerreiro deveria soltar o escudo, demonstrando a sua confiança na outra pessoa. BOULANGER (2011, p. 85).

Boulanger (2011) afirma que era a forma que o escoteiro possuía para dar confiança aos demais membros, sendo usualmente cultuada essa manifestação durante a história do Escotismo no mundo.

Ainda de acordo com Boulanger (2011), essa forma de cumprimento expressa também “amor ao irmão escoteiro”, pois o braço esquerdo representa o lado que o coração do indivíduo é localizado, dando assim a entender que essa prática consiste em criar um círculo de amizade entre as pessoas que se cumprimentam, sendo uma prática também presente na cultura escoteira.

A saudação escoteira, juntamente com o aperto de mão escoteiro são parte do conjunto que compreendemos como “tradições inventadas” por Baden-Powell. Essas tradições forjam uma identidade coletiva do Movimento que é passada de geração em geração.

Outros elementos simbólicos importantes que compõe o Movimento Escoteiro são as bandeiras e os lenços utilizados pelo Movimento para caracterizar o grupo escoteiro, as tropas

e as patrulhas escoteiras constituídas de jovens. As bandeiras são representações de cada conjunto de jovens que geralmente utilizam o nome de animais e tribos indígenas para dar nome ao clã, tropa ou patrulha. O lenço fortalece a identidade do jovem ligado ao Movimento como também o seu pertencimento ao Movimento Escoteiro, sendo utilizado como adereço que afirma a aceitação da promessa e das leis escoteiras assim como assinalou o fundador do Movimento Escoteiro Baden-Powell.

O Escoteiro deveria cumprir as leis e a promessa para ter uma conduta aceita entre os demais membros escoteiros e os dirigentes da unidade escoteira. A promessa era feita logo quando o jovem ingressava no Movimento, sendo realizado um ritual que constituía de juramento a bandeira e aceitação da promessa e lei escoteira, posteriormente o jovem recebia o lenço escoteiro e um distintivo que identificava que o jovem era “promessado” e estava apto a participar das atividades definitivamente como membro de um grupo escoteiro.

A ritualística que possuía o Movimento Escoteiro despertava no jovem o pertencimento a uma instituição que sobretudo dependia da participação voluntária dos membros. As sociedades ao longo dos tempos foram rodeadas de rituais e símbolos que identificam cada entidade. O Escotismo, não diferente de outras entidades, dotou diversos elementos característicos que dão significado ao simbolismo por meio de distintivos, insígnias, danças, gritos, canções. São representações características desse Movimento que possui mais de cem anos de existência no mundo sendo fortemente é carregado de simbologias, rituais e misticismo.

As práticas do Escotismo na cidade de Baixio nos anos de 1980 a 1985 foi carregada de simbologias e místicas que são característicos do Movimento Escoteiro. Os jovens baixienses seguiam os manuais escoteiros da época para desenvolverem no grupo essas práticas de fortalecimento e valorização das representações que compõem o Escotismo. Esses valores desenvolvidos na prática do Escotismo foram importantes fatores na difusão dos ideais do Escotismo na cidade de Baixio, como também consolidou os laços de identidade que o grupo imprimia na cidade, como uma instituição extraescolar que tinha o foco de instruir os jovens as práticas da moralidade e do civismo.

Ao desenvolver as atividades do Escotismo na cidade de Baixio, promovendo a difusão dos ideais escoteiros, os jovens baixienses construíram uma identidade coletiva na cidade, por meio de suas atividades e ações junto à comunidade ao longo do período. Ser escoteiro no período designava respeito entre os pares e a sociedade ao qual essas pessoas estavam inseridas. As mesmas práticas ainda tinham o objetivo de se fazer reconhecer uma identidade social da

instituição extraescolar, era a forma objetiva de estar no mundo, de definir um status social e importância no meio inserido. Chartier (1990) apresenta que esses objetivos institucionais revelam formas responsáveis por perpetuar a existência do grupo para a definir a afirmação social.

As atividades desenvolvidas pelo Grupo de Escoteiros São Francisco fizeram parte da vida de muitos jovens da pequena cidade, mas cabe ressaltar que nesse período o Escotismo estava em plena força em outros Estados do país. Nascimento (2008), apresenta ao longo da História do Escotismo no Brasil foi se construindo ao longo do tempo culturas escoteiras, uma condição para se compreender as várias formas de incorporação do Movimento criador por Baden-Powell no início do século XX.

O movimento escoteiro gestou diferentes culturas escoteiras, algumas delas razoavelmente distanciadas do projeto concebido pelo General Baden-Powell. É razoável afirma-se a existência de culturas escoteiras, no plural, para distinguir os modos através do quais o Escotismo foi apropriado. O conceito de culturas escoteiras, portanto, diz respeito a um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas, pautas rituais, inércias, hábitos e práticas. Formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos sedimentados sob a forma de tradições, regularidades, regras do jogo, tal como observado (NASCIMENTO, 2008, p. 10).

Percebemos ao longo da pesquisa realizada que o Movimento Escoteiro, em especial o Grupo de Escoteiros de Baixo, possuiu uma forte valorização de práticas ritualísticas, no tocante que diz respeito ao fortalecimento e continuação de uma cultura escoteira construída ao longo dos tempos. Utilizando o conceito de *Rito* de Rivière (1997) em sua obra *Os ritos profanos*, compreendemos que as práticas repetitivas e codificadas de forte simbolismo conseguem que o receptor passe por um processo de adesão mental, não conscientizada da ação. Jurar a bandeira, prestar honras, dar continência escoteira, entoar cânticos, são partes importantes do Escotismo que foram desenvolvidas e fortaleceram os ritos que são trabalhados pela proposta de Baden-Powell.

Marcados por diversos ritos e símbolos o Escotismo foi constituindo a sua própria identidade coletiva em decorrência de suas atividades estarem inseridas na sociedade como forma de propaganda e expansão dos ideais de Baden-Powell. As simbologias expressam o imaginário construído em torno desse Movimento extraescolar, que ao mesmo tempo identifica a instituição, como também marca o pertencimento como forma de enxergar o mundo por meio de sua pedagogia.

Símbolos como o uniforme escoteiro, as bandeiras, flâmulas, distintivos, dentre outros apresentam a finalidade de pertencimento e manutenção de uma tradição inventada. A flor-de-lis, como o Norte que direciona os escoteiros e o lema Sempre Alerta são representações simbólicas desse Movimento, que possui mais de cem anos de existência e inculta por meio dessas simbologias uma forma que marca a identidade e imprime uma disciplina a ser seguida pelo participante.

As atividades no campo e na cidade são marcadas pela utilização desses símbolos, principalmente por eles definirem identidades de pertencimento dentro do grupo escoteiro. Por exemplo, uma bandeira identifica uma patrulha ou tropa escoteira, dando assim a bandeira um caráter simbólico a um determinado grupo de pessoas e fazendo parte do contexto maior do grupo escoteiro.

Sobre isso Baczko (1985) apresenta,

Através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento” designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe” o “bom súdito”, o “guerreiro corajoso”, etc (BACZKO, 1985, p. 309).

Nos acampamentos escoteiros, que são eventos marcados pelo simbolismo escoteiro, os jovens encaravam um ambiente rústico que dependia dos aprendizados que eram desenvolvidos nas aulas para que em campo permanecerem firmes nos propósitos de permanência por determinado período de maneira que a natureza estivesse à disposição. No acampamento também eram desenvolvidas atividades que são rituais na prática do Escotismo. A identificação do local de camping, hasteamento de bandeiras, marcação de locais importantes na prática etc.

Raimundo de França apresenta que,

Nos acampamentos a gente fazia diversas atividades, primeiramente a gente fazia os sinais de pista, para que os escoteiros soubessem se direcionar no acampamento. Onde eles podem ou não pisar. Era a forma da gente sinalizar os pontos importantes. Onde pode descansar, onde pode beber água, os locais do acampamento. Uma vez tinha uma casa de abelha grande, e eu no acampamento sempre fui cuidadoso, a primeira coisa que fiz foi desenhar perto do local um triângulo que indica perigo, depois disso os meninos escoteiros já sabiam que aquele local era perigoso [sic].⁴²

⁴² Entrevista de Raimundo de França, concedida ao autor no dia 06/12/2018.

As atividades campais, eram locais também de disciplinamento, os jovens deviam seguir as orientações do chefe escoteiro para permanecerem no acampamento durante o evento. Chefe Raimundo, mesmo sendo chefe escoteiro da cidade vizinha de Lavras da Mangabeira e um dos fundadores do Grupo de Escoteiros Padre Alzir Sampaio em 1976, na maioria das vezes participava dos acampamentos que eram realizados pelo Grupo de Escoteiros de Baixio.

Sim, claro. Eu vinha de Lavras da Mangabeira vez ou outra para fazer treinamentos com os jovens escoteiros de Baixio. Nós fizemos um acampamento na serra de Baixio, um lugar bom de acampar, nesse dia foi muito bom. Eu ajudava a Esmeraldo ensinando como trabalhar com os meninos, trabalhar o respeito, a disciplina, a honestidade... Escoteiro tem que se tudo isso viu? A gente disciplinava os garotos para que eles não dessem trabalho, fossem pessoas boas prestativas na comunidade de Baixio. Eu fazia isso em Lavras da Mangabeira e também no Baixio quando eu vinha [sic].

Os acampamentos escoteiros são eventos importantes na formação de todo o escoteiro, desde o início de suas atividades como membro de uma instituição extraescolar, como também o disciplinamento trabalhado durante as atividades. No Baixio, era comum os escoteiros realizarem seus acampamentos nas proximidades da serra que fica próximo à cidade como atesta o senhor Raimundo de França, chefe escoteiro na época,

Quando a gente ia sair para acampar eu ia na frente e os meus garotos iam acompanhando, sempre foi assim. É claro que eu ia dois dias antes para ver como era o local de acampamento para ver se realmente dava certo. As vezes tinha lugar que era ruim e a gente tinha que mudar de lugar para acampar. Eu deixava tudo apumadinho, os sinais... procurava água para banho e marcava os lugar que podia ou não tomar banho, quando era um açude eu marcava o lugar com uma bandeira vermelha que mostrava o lugar que não podia ultrapassar no açude. Até para comer e dormir os escoteiros precisavam cantar as canções e manter a disciplina, a noite fazíamos era rigoroso o sistema, só assim a gente preparava os garotos. Era trabalho nos acampamentos, a gente quando chegava em casa dormir com uniforme, bota e tudo.. [risadas] [sic].

A ritualística escoteira está presente em quase todo o acampamento, sendo uma forma de representação que, segundo Chartier (1990), se configura como um elemento de sentimento ao mundo social por meio das várias formas de relações e organizações com intuito da construção de uma identidade coletiva. Atividades campais como a construção de uma barraca, de um fogão mateiro, marcação por meio de sinais de pista, são atividades que constroem uma identidade do Movimento Escoteiro, sendo um elemento forte de identificação. Cabe analisarmos um pouco sobre as memórias daqueles que participaram do Movimento Escoteiro e o que os arquivos da memória deles guardaram ao longo dos tempos.

3.2. “Uma vez escoteiro, sempre escoteiro”: a construção da identidade escoteira

Ao longo das entrevistas que realizamos durante a pesquisa, podemos analisar as narrativas orais de pessoas que participaram como membros importantes na fundação e consolidação do Grupo Escoteiro São Francisco durante os anos de 1980 a 1985, período que esteve ativo em suas práticas.

O mecanismo de reconstituição simbólica da memória possibilitou, através dos dados recolhidos, tomarmos emprestados essas memórias a partir do presente, evidenciando os traços do passado, os conflitos, as lacunas entre ambos. Segundo Neisser (1982), a compreensão da forma como as pessoas relatam suas experiências interpolando-as com as ações do presente é resultado do recordar. Lembrar e esquecer são parte fundantes das relações com o contexto social.

As memórias das pessoas que foram entrevistadas nos revelaram que mesmo possuindo um código de conduta rígido e dotado de um sistema educativo rigoroso, o Escotismo contribuiu em aspectos positivos na identidade dessas pessoas no presente.

Como lhe havia dito antes, o movimento escoteiro era muito influenciado pelo militarismo. Em cima disso aprendíamos posturas militares, canções também militares. Nós tínhamos toda sessão o hasteamento da bandeira, no caso reuniões de grupo. Existia muito respeito ao país. Não entrávamos em questões de políticas nacionais, mas sim de respeito ao Brasil, ao país. Seja através de canções e hinos. Aprendíamos todos os tipos de hinos cívicos, hinos das bandeiras. O hino nacional era o que aprendíamos primeiro. O hino da independência. Então tudo que se relacionava a parte digamos assim cívica, era tida com respeito e era muito bem trabalhado, era o que era mais trabalhado dentro do escotismo na época era a questão do civismo.⁴³

Perguntado sobre o que o Escotismo poderia ter contribuído na sua vida, Sérgio nos relatou a seguinte afirmação:

Sim. Eu acho que o escotismo da época de 80 contribuiu de forma significativa na minha vida. Ele trabalhou muito a convivência em grupo, nos ensinou a lidar com as diferenças. Isso fortaleceu nas minhas condutas diante da sociedade e com meus colegas. Trabalhou muito a questão ética, cidadã de ter respeito ao próximo e a sua cidade. Ter amor a pátria. Tudo isso carrego comigo. Tudo isso foram influências que considero positivas e tanto que tento passar isso a diante para meus filhos e para os jovens que tenho contato.

⁴³ Entrevista de Sérgio Maurílio Holanda Farias, concedida ao autor no dia 03/07/2018.

Através desses trechos da entrevista, podemos compreender que o Escotismo teve um significado importante na vida do entrevistado, dando fortalecimento ao seu pertencimento como um ex-membro do Escotismo e evidenciando suas memórias enquanto participante do Escotismo nos anos de 1980 a 1985. É possível também perceber traços de aprendizados que são carregados na memória do entrevistado ao dizer que todos os ensinamentos que ele obteve no Escotismo são carregados ao longo do tempo e influenciam na vida dele.

Sabendo que é impossível reconstruir a memória por completo, nos satisfazemos com pedaços de memória que nos possibilitaram analisarmos as práticas do Escotismo sob as luzes das narrativas que expressam um cotidiano do passado. Há, nesse caso, uma relação com a memória individual que sempre vem acompanhada de elementos da memória coletiva.

Concordamos com Halbwachs (1990) ao afirmar que,

Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele reciprocamente o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Mesmo os entrevistados apresentando narrativas voltadas somente a sua participação no Grupo de Escoteiros São Francisco, entendemos que a história da participação deles no Escotismo faz parte da história de vida de cada um que esteve no grupo escoteiro, sendo assim uma memória individual e uma memória coletiva. Na reconstrução dessas memórias, as pessoas são os grandes depositários, são o testemunho de um passado coletivo inscrito na trajetória individual e que se recupera por meio de um processo, neste caso o depoimento para que viesse a se tornar um documento histórico das experiências. Segundo Borelli (1992) a experiência depende da presença de velhos personagens, que com sua autoridade consentida e desejada, garantem a perpetuação das tradições pela recomposição permanente da memória coletiva.

Em uma das falas recolhidas durante a entrevista, Esmeraldo de Assis Santana, um dos idealizadores do Grupo de Escoteiros São Francisco, apresenta como foram suas experiências com o Escotismo e o legado que esse Movimento deixou para a vida dele.

E hoje eu me sinto realizado por que acho que dei o melhor de mim em torno da causa. Se eu não tivesse feito algo notável eu não estaria hoje contando essas histórias para você e para minha cidade. Eu tenho que agradecer a você e se você precisar de Esmeraldo estou sempre por aqui na cidade, se não

estiver, mas vez ou outro pode vir até mim que a gente conversa. Não foi nem mais nem menos, foi o que aconteceu.⁴⁴

A citação acima apresenta que o entrevistado possui uma experiência positiva em relação a sua participação no Escotismo e que orgulhosamente possui memórias que o fazem acreditar que sua gestão como chefe escoteiro do grupo foram feitos notáveis. É a forma que o entrevistado narrou o Escotismo que construiu para si, assim como os demais entrevistados.

Ao longo das trilhas das memórias e percorrendo seu caminho extenso, podemos aprender um pouco mais sobre o Escotismo através dos documentos históricos, principalmente pelas narrativas de pessoas que participaram desse Movimento que possui mais de cem anos de existência. Dessa forma, temos o sentimento de que este trabalho contribui para os escritos acadêmicos sobre a temática e soma aos estudos acadêmicos da Universidade Federal de Campina Grande.

⁴⁴ Entrevista de Esmeraldo de Assis Santana, concedida ao autor no dia 04/07/2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou as práticas do Escotismo na cidade de Baixio, Estado do Ceará que aconteceram entre os anos de 1980 a 1985, no intuito de apresentar que o Escotismo baixiense desse período fez parte de projetos políticos voltados ao nacionalismo em consonância com o regime da Ditadura Militar. Desse modo, nosso trabalho buscou ampliar os estudos sobre Escotismo no Brasil e somar aos estudos acadêmicos sobre tal temática por meio desta escrita historiográfica.

O uso da metodologia da História Oral nos possibilitou recolher os fragmentos necessários para a produção de uma escrita historiográfica que tem como foco produzir uma história com base nas narrativas de pessoas que participaram do Grupo de Escoteiros São Francisco no recorte temporal proposto. A possibilidade de construir uma história sobre Baixio também é outro ponto importante que pode ser levado em consideração pelo fato de Baixio ser uma cidade pouco estudada pela academia que agora possui um estudo que contempla a temática ao qual este trabalho objetiva.

No primeiro capítulo deste trabalho, investigamos por meio dos relatos orais a fundação do Grupo de Escoteiros São Francisco no ano de 1980. Por meio das narrativas de pessoas que participaram do Movimento Escoteiro baixiense, percorremos caminhos para compreender que seu surgimento faz parte de um contexto histórico marcado por uma recessão econômica sobretudo por uma queda acentuada da produção algodoeira que era a economia principal do Baixio e região naquele período.

O governo da Ditadura Civil-Militar e suas medidas econômicas denominadas de “Milagre Econômico” aumentaram significativamente a dívida externa do país provocando desemprego, falta de assistência social e descaso com as populações principalmente do nordeste brasileiro.

Nesse contexto, o Escotismo ganhou visibilidade no país sendo considerado um projeto educacional extraescolar que poderia gestar uma nova juventude baseada no amor à pátria e que pudesse servir diretamente aos ideais propostos naquele período. Como o Escotismo era um projeto educacional extraescolar que atendia a faixa etária das crianças e adolescentes que vão de sete aos vinte e um anos de idade, dá-se a entender que sua proposta disciplinadora poderia contribuir de maneira efetiva sendo uma alternativa para disseminar valores como o civismo, o patriotismo e a obediência ao sistema, valores tão cobrados pelo governo naquele período.

Com base nos relatos orais coletados, chegamos à conclusão que os políticos locais da época contribuíram de forma efetiva para a implantação do Grupo de Escoteiros São Francisco. Esses políticos contribuíram com recursos financeiros e também ajudaram na estruturação das atividades, como por exemplo o empréstimo do Centro Comunitário de Baixio para as aulas práticas do grupo aos finais de semana.

Os desfiles cívicos, a participação em eventos da sociedade baixiense, as campanhas de arrecadação de donativos, foram ações promovidas pelo grupo escoteiro que também tinham a estratégia de divulgar a proposta do Escotismo e conseguir atrair mais jovens para a participação no grupo. Sobre sua fundação em 1980 e a forma como aconteciam as atividades, só foram possíveis de serem compreendidas pelos relatos orais e fotografias de pessoas que participaram do Movimento durante o período analisado.

O Grupo de Escoteiros São Francisco durante os anos de 1980 trabalhou estrategicamente para conseguir o apoio da sociedade baixiense e dos políticos locais para ampliar o número de participantes. A divulgação feita pelos membros responsáveis com o apoio de um Chefe Escoteiro de Lavras da Mangabeira impulsionou cada vez mais a legitimação perante o poder público e político na época. A condução das atividades e a forma de vestimenta construiu uma reputação bem vista pela sociedade que enxergava no Movimento uma forma de militarização da infância por meio de uma disciplina rígida. Por mais que a proposta do Escotismo não fosse uma proposta militar, suas atividades e algumas características nos indicaram que o Movimento se utilizava de princípios do militarismo para desenvolver suas atividades na cidade de Baixio.

No segundo capítulo, discutimos sobre a vida de Baden-Powell, idealizador do Escotismo com base nos estudos de Boulanger (2011) e a pedagogia utilizada pelo Movimento Escoteiro que teve influências educacionais revolucionárias, principalmente do movimento Escola Nova. Mesmo tendo influências educacionais renovadoras, o Escotismo como projeto educacional extraescolar possuiu fortes características relacionadas ao militarismo, mesmo sendo dito pelo criador que seu projeto não possuía vínculos com o que era aprendido nas escolas militares. O método escoteiro elaborado por Baden-Powell com base nas literaturas norteadoras da prática do Escotismo, como o livro fundante no Movimento denominado *Scouting for Boys*, nos revelou que o Movimento Escoteiro possui duas bases fundamentais para o seu desenvolvimento: a promessa e a lei escoteira, que com bases nos estudos de Foucault (1987) compreendemos que se trata de um dispositivo disciplinador utilizado de maneira

institucional para o controle dos membros, se configurando como estratégias empregadas principalmente nas atividades desenvolvidas para o controle e obediência dos participantes dentro de um sistema de recompensas que se utiliza de distintivos e outros apetrechos para recompensar os membros que seguissem os códigos de conduta exigidos pelo grupo escoteiro.

No segundo capítulo também foi possível analisar algumas práticas escoteiras que possuem características similares ao militarismo. O uso do uniforme, hasteamento de bandeira, saudação escoteira, os comandos de “sentido”, “cobrir”, “descansar”, o sistema de patrulhas, tropas, clãs, hierarquia, nos revelam aspectos semelhantes com os aprendizados militares, sobretudo porque o Escotismo foi criado por um militar inglês que atuou diretamente no exército britânico e participou de campanhas de combate e expansão dos domínios ingleses na lógica do chamado neocolonialismo.

No terceiro capítulo, problematizamos o uso de práticas simbólicas que foram idealizadas por Baden-Powell no seu Movimento para construir uma chamada “Tradição Inventada” que foram historicamente utilizadas pelo Movimento Escoteiro ao longo dos tempos para criar o que nos estudos de Nascimento (2006) se entende por *Imaginário Escoteiro*, um conjunto de práticas simbólicas que estrategicamente tinha o objetivo de construir uma identidade do Escotismo. Utilizamos os estudos de Hobsbawm e Ranger (1997) para compreender como essa tradição é construída por meio de rituais, símbolos, que são compartilhados coletivamente para legitimar o Escotismo enquanto proposta educacional extraescolar. O uso da Simbologia no Escotismo além de ter um caráter de identificação, possui a estratégia de por meio do seu uso desenvolver a disciplina nos participantes. O uso do uniforme e a saudação escoteira por exemplo, são simbologias que além de identificar os participantes funcionam como dispositivo de disciplina sendo obedecidos pelos escoteiros em sinal de adequação a proposta. É necessário lembrar que o Escotismo é um projeto que depende exclusivamente do voluntariado, sem qualquer obrigatoriedade de participação.

As narrativas das pessoas que nos concederam entrevista nos apresentaram o cotidiano escoteiro do Baixio dos anos de 1980 a 1985, marcados pelo uso dos símbolos escoteiros e como a utilização desses símbolos eram incorporadas às práticas que o grupo desenvolvia dentro do período recortado por este trabalho. Os acampamentos, jornadas e excursões foram atividades que ficaram nas memórias das pessoas que participaram do Grupo de Escoteiros São Francisco, revelando traços de amizade, trabalho em equipe e interação entre os escoteiros do Baixio e de Lavras da Mangabeira que possuía também na época o Grupo de Escoteiros Padre

Alzir Sampaio. As experiências dos sujeitos entrevistados nos revelam que a participação no Movimento Escoteiro ainda permanece viva nas memórias, até mesmo influenciando na vida dessas pessoas por meio de valores que foram ensinados no Escotismo e que a pessoa carrega na sua identidade.

Muitas pessoas participaram do Grupo de Escoteiros São Francisco naquele período. Optamos por coletar entrevistas de dois fundadores do grupo e um escoteiro para compreender como eram realizadas as práticas do Escotismo na cidade de Baixio. Nascimento (2004), apresenta que o Escotismo é um tema pouco trabalhado na academia sendo desprezado pela historiografia brasileira. Há poucos pesquisadores que se dedicam ao estudo do Escotismo e sua complexa pedagogia. Esperamos que nossa pesquisa possua uma contribuição efetiva para os estudos acadêmicos sobre Escotismo e amplie principalmente os estudos historiográficos sobre esse Movimento que possui mais de cem anos de existência e que ao longo dos tempos foi se modificando, passando por reformulação para se adequar aos contextos políticos e sociais sendo peculiar em cada região, em cada grupo escoteiro.

Enfim, acreditamos que nosso trabalho possui um tema instigante e as pesquisas empreendidas realizadas por nós sobre o Escotismo não podem se encerrar neste trabalho. Buscaremos desenvolver novos olhares sobre o Escotismo e continuar contribuindo para academia com os estudos sobre essa temática marcada pela complexidade e desafio.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Fernando Bastos. **Pequena enciclopédia de moral e civismo**. Rio de Janeiro: DNE/MEC, 1967.
- BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smith. **Escotismo para Rapazes**. Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2006. (Edição Comemorativa ao centenário do Escotismo- 1ª edição 1908).
- _____. **A educação pelo amor substituindo a educação pelo temor**. Revista Jamboree, janeiro de 1923. Reedição de 1986.
- _____. **Guia do Chefe Escoteiro**. Curitiba: Escritório Nacional da UEB, 2008.
- _____. **Lições da Escola da vida**: autobiografia de Baden-Powell. Brasília: Editora Escoteira da UEB, 1985.
- BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. In: Enciclopédia Einaudi, vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BLOWER, Bernard David Almirante. **História do Escotismo brasileiro: Os primórdios do Escotismo no Brasil**. Vol. I. Tomo I – 1910-1924. Rio de Janeiro: CCME, 1999.
- BOULANGER, Antonio. **O Chapelão**. Histórias da vida de Baden-Powell. 3 ed. Rio de Janeiro. Letra Capital, 2011.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Editora Vozes, 1987.
- FREITAS, Sonia Maria de. “Prefácio”. In: THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GONÇALVES, José S. **Crise do algodão brasileiro pós-abertura dos anos 90 e as condições da retomada da expansão em bases competitivas**. Informações Econômicas, 1997.
- HILLCOURT, William. “História de B.-P. – *Lord Baden-Powell of Gilwel* fundador do movimento escoteiro, Escoteiro-Chefe Mundial”. In: BADEN-POWELL, Robert S. S. **Escotismo para rapazes**. Trad. Altamiro Vilhena e Luiz Cesar de Simas Horn. Edição comemorativa do centenário do escotismo. Curitiba: União dos Escoteiros do Brasil, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWM, Eric J. **Era dos Impérios, 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (organizadores). **A Invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 2002.

JÚLIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-44, jan./jul. 2011.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Introdução ao estudo da Escola Nova**. 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.

LIMA E FONSECA, Thais Nívia de. O ensino de História do Brasil: concepções e apropriações do conhecimento histórico (1971-1980). In: CERRI, Luiz Fernando (org). **O Ensino de História e a Ditadura Militar**. 2ª ed. Aos Quatro Ventos, 2007.

MARCELINO, Mariane Amboni. **A Ditadura Militar e os livros didáticos de História**. Monografia (Especialização em História) - Faculdade do extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, Santa Catarina, 2009.

NAGY, Laszlo. **250 Milhões de Escoteiros**. Rio Grande do Sul: Editado pela União dos Escoteiros do Brasil, 1987.

NEISSER, M. Ulric. **Memória observada**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

NASCIMENTO. Adalson de Oliveira. **Sempre alerta! O Movimento Escoteiro no Brasil e os projetos nacionalistas de educação infanto-juvenil (1910-1945)**. 2004, 173f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

_____. **Sempre Alerta! O movimento Escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**. 2002, 108f. Monografia (Bacharelado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. **História e liturgias políticas: o repertório simbólico escoteiro em Minas Gerais (1926-1930)**; Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE): Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), IV, 1, ISBN: Português, Meio digital, 2006.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A escola de Baden-Powell – cultura escoteira, associação voluntária e escotismo de estado no Brasil**. Rio de Janeiro, Imago, 2008.

OLIVEIRA, José Ricardo Cabidelli. **Movimento Escoteiro: A vida de Baden-Powell e o nascimento do Escotismo**. 2011, Monografia em História, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição Brasileira**. São Paulo: Braziliense, 1989.

RIVIÉRE, Claude. **Os Ritos Profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SOUZA, Rosa Maria de. **A militarização da Infância**: Expressões do nacionalismo na cultura brasileira. Campinas, Cadernos CEDES, V. 20, nº 52, nov. 2000.

SUFFERT, Rubem. **Compreendendo os fundamentos do escotismo**. Brasília, Editora Escoteira da UEB, 1995.

THOMÉ, Nilson. **Movimento Escoteiro**: Projeto Educativo Extra-Escolar. **Revista HISTEDBR**. Campinas, n. 23, p. 171-194, set. 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro, 1992.

UEB (União dos Escoteiros do Brasil). **POR - Princípios, Organização e Regras**. Curitiba, 2013.

VICENTE, Ana Claudia da Silva Dias. **Introdução do Escutismo em Portugal: 1911 – 1942**. Lisboa, 2004.

FONTES ORAIS (ENTREVISTAS)

FARIAS, S.M.H. **Sérgio Maurílio Holanda Farias**: depoimento [julho 2018]. Entrevistador: Felipe de Souza Josué. Baixio, Ceará, 2018. (20 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

FRANÇA, R. **Raimundo de França**: depoimento [dezembro 2018]. Entrevistador: Felipe de Souza Josué. Baixio, Ceará, 2018. (38 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

SANTANA, E.A. **Esmeraldo de Assis Santana**: depoimento [julho. 2018]. Entrevistador: Felipe de Souza Josué. Baixio, Ceará, 2018. (39 min). Entrevista concedida para elaboração de trabalho de conclusão de curso do entrevistador.

SITES CONSULTADOS

<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/popce.def>. Acesso em: 18/07/2018.

<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/moda/conga-kichute-e-sneakers-veja-tenis-que-marcaram-epocas,a845fdcd2996c310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 18/07/2018.

<http://www.escoteirowikia.com>. Acesso em: 02/04/2019.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Escoteiros-Mirins>. Acesso em: 17/06/2019.

APÊNDICE

**Apêndice A: Entrevista realizada com Sérgio Maurílio Holanda Farias no dia
03/07/2018**

Sérgio, obrigado por ceder um pouco do seu tempo para que pudéssemos marcar essa conversa. Fico grato por ter aceitado o convite.

Com certeza, para mim é uma honra lhe conceder essa entrevista e deixar fatos registrados, memórias, realizações que aconteceram, até lhe parabênizo pelo seu trabalho, no que eu puder estou cem por cento para colaborar.

Quando foi o seu primeiro contato com o escotismo?

Só fazendo uma rápida colocação e lhe sugerindo também no processo, há registro dos anos 80 de uma movimentação inicial do escotismo, no qual você pode ver com o professor Carlos de Joca. Meu primeiro contato foi fundado o grupo ainda eu não tinha a idade certa para entrar, por que era a partir dos dez anos e eu tinha nove anos. Mas aí, comecei a admirar o movimento escoteiro iniciado aqui no Baixio e fiquei acompanhando a partir do momento que tive oportunidade de participar entrei no grupo e fiquei até sua primeira parte no escotismo onde foi encerrado por motivos na época por necessidade dos monitores, também por ser uma comunidade pobre, que não ofertava emprego e precisávamos buscar um meio de vida. E essas pessoas tiveram que ir embora do município e foi perdendo força e paralisou. Não extinguiu por que escotismo não se acaba.

Você se lembra quem fundou o grupo de escoteiros na cidade de Baixio?

Na verdade, esse movimento era muito forte na cidade vizinha de Lavras da Mangabeira e o chefe Raimundo, Raimundo França da cidade de Lavras, ele quem fortalecia esse movimento e ele tentou implantar nas três cidades: Ipaumirim, Umari e Baixio. Aqui no Baixio ele conseguiu apoio para iniciar esse trabalho com José Ramos e Esmeraldo Santana. José Ramos até hoje continua no ramo militar em Brasília, onde hoje faz parte do corpo de bombeiros e lá trabalha

com Bombeiros Mirins, já é um segmento que ele aprendeu aqui no Baixio, paralelo ao escotismo e eles que começaram isso aqui, toda a trajetória o Chefe Raimundo, ficou dando apoio, dando orientações, iniciando o grupo e iniciou tudo isso na década de 1980. Ficando como chefe Esmeraldo Santana e José Ramos.

Na época vocês tiveram algum apoio para realizar as atividades?

Tínhamos por ser um movimento inovador e que os pais acompanhavam, a prefeitura também dava apoio. Na época o escotismo tinha uma característica militar. Até os escoteiros foram utilizados, de certa forma como patrulheiros, para patrulhar a cidade de dia. Ajudar na organização das condutas éticas, morais, fiscalizando e também atividades sociais. Na verdade, o escotismo na década de oitenta ele se assemelhava muito ao militar, coisas que ao longo do tempo foi trabalhada e você sabe que foi ficando um pouco.

Há relatos orais que dizem que o movimento escoteiro se iniciou com uma seleção de jovens da cidade. Isso procede? Quais os materiais que o senhor usou para estudar para essa seleção?

Tinha uma seleção, na verdade era um pouco das leis escoteiras, você tinha que saber a promessa, a lei escoteira do escotismo e as regras que exigia na época para ser escoteiro. Era como se fosse um programa de regras que eles passavam, inclusive essa prova até lembro que fiz na casa do Chefe Esmeraldo, eu e mais três colegas e tinha que atingir uma média para poder chegar entrar no escotismo.

Quem fornecia os materiais de estudo?

Os chefes na época usavam mimeógrafos e tiravam cópias do processo e repassavam para a gente o processo e estudávamos em casa e marcava-se o dia da prova

Na sua opinião, como a sociedade baixiense recebeu o escotismo na época?

Foi um movimento que foi muito bem aceito e querido pela comunidade até porque foi escolhido o nome Grupo de Escoteiros São Francisco. Não participei do momento da escolha do nome, não tenho lembranças de como foi a escolha do nome, mas foi escolhido o nome do padroeiro da cidade São Francisco e isso foi o que fortaleceu ainda mais o carinho da comunidade pelo grupo.

Você lembra como eram feitas as reuniões do GESF?

Nós nos reuníamos no Centro Comunitário, era aos domingos as reuniões e tinham diversas atividades: atividades teóricas, atividades práticas. De certa parte alguns treinamentos de ordem militar, também tínhamos as jornadas, acampamentos. Tudo isso era programado. Era uma dinâmica completa que acontecia. Porém pela época, com poucos recursos, tudo se tornava um pouco resumido, por que não tinha tanto acesso a informação, não tinha tantas didáticas e dinâmicas como se acontece no escotismo de hoje.

Quais atividades práticas vocês realizavam?

Nos reuníamos no Centro Comunitário, tínhamos aulas teóricas e práticas sobre o Escotismo, com base nos livros que estudávamos e também pelas palestras que os chefes faziam com todos. Lembro que tinha sempre depois da reunião futebol. Atividades de nós e amarras, primeiros socorros só praticávamos mesmo era em acampamento. Funcionava assim: nas aulas a gente aprendia e nos acampamentos a gente executava as técnicas.

Quais as participações que o GESF realizava na cidade de Baixio em relação a datas importantes do município?

Todos participavam da semana do município em si não era tão expressiva. Nós tínhamos o sete de setembro, desfiles, acontecia desfiles na semana do município. Nas procissões de São Francisco o grupo era presente também. O grupo participava de todos os enterros do Baixo e questões sociais e respeito a todo enterro. Todo enterro o grupo escoteiros do Baixo participava. Então nós vivíamos tudo que a sociedade baixiense vivia na época.

O GESF teve alguma interação com o Grupo de Escoteiros Padre Alzir Sampaio?

Tínhamos contato com o grupo de escoteiros de Lavras da Mangabeira e o de Ipaumirim que se iniciou, mas não conseguiu se manter, não se fortaleceu, não demorou muito tempo. Mas que muito participava com o grupo de Baixo era o de Lavras da Mangabeira. Eram frequentes as visitas realizadas com o Chefe Raimundo e os escoteiros de Lavras.

Já que estamos falando de Chefe Raimundo e sua participação no movimento escoteiro no Baixo. Quais atividades esse senhor desenvolvia no Baixo a frente do GESF?

Chefe Raimundo era muito adepto a canções né, muitos cânticos, dinâmicas de grupo, ele também já utilizava, ele gostava muito de palestras que ele mesmo realizava com alguns temas. Ele fazia do pouco recurso que tinha algo que fosse atrativo e chamasse atenção dos escoteiros. Sempre tínhamos alguma palestra ao final de fazermos cânticos, depois atividades físicas que lhe falei o futebol ou alguma dinâmica de grupo que ele preparava. E era dessa forma bem simples, mas que para época para a gente era muito atrativo.

Na sua opinião o GESF ele possuía um padrão de liberdade nas suas atividades ou de rigorosidade em relação as suas práticas?

Rigorosidade. Tinha muito rigor, como lhe falei o escotismo era influenciado pelo militarismo na época. Eram regras duras que você estivesse em posição de ordem não poderia jamais sair da ordem ou atrapalhar algum momento e na época eram utilizados até uns castigos. Como existia essa influência militar, existia algumas punições para quem desobedecesse. Na época tinha até um chefe que veio da cidade de Várzea Alegre se não me engano. Esse era bem mais duro, chegava até a bater nos escoteiros que não, que fugisse da ordem. Tem, alguns relatos de amigos que foram escoteiros que em algumas dinâmicas com cabo de vassoura que ele fazia, quando alguém não obedecia a ele batia com um cabo de vassoura. Era um terror. Na verdade toda turma tinham medo do Chefe Michael era esse o nome dele.

Qual a relação do movimento escoteiro e do GESF com a questão nacional da época?

Como lhe havia dito antes, o movimento escoteiro era muito influenciado militarismo. Em cima disso aprendíamos posturas militares, canções também militares. Nós tínhamos toda sessão o hasteamento da bandeira, no caso reuniões de grupo. Existia muito respeito ao país. Não entrávamos em questões de políticas nacionais, mas sim de respeito ao Brasil, ao país. Seja através de canções e hinos. Aprendíamos todos os tipos de hinos cívicos, hinos das bandeiras. O hino nacional era o que aprendíamos primeiro. O hino da independência. Então tudo que se relacionava a parte digamos assim cívica, era tida com respeito e era muito bem trabalhado, era o que era mais trabalhado dentro do escotismo na época era a questão do civismo.

O que seus pais achavam de sua participação no GESF?

Na verdade, para todo mundo que tinha um filho no escotismo era uma questão de honra, orgulho. Por que como todo mundo sabe o escotismo é um movimento de jovens cidadãos que influencia na sua conduta, no seu trabalho, no seu desenvolvimento. E eles muito pelo contrário. Minha mãe que adquiriu minha farda, ela quem engomava quando era o domingo, minha farda tava dobrada, tudo bonitinho para quando ia utilizar. Ela tinha um carinho especial para mim participar do grupo. Para ele eram um movimento acertadíssimo para mim frequentar.

Na sua opinião, o grupo de escoteiros teve uma importância na sua vida?

Sim. Eu acho que o escotismo da época de 80 contribuiu de forma significativa na minha vida. Ele trabalhou muito a convivência em grupo, nos ensinou a lidar com as diferenças. Isso fortaleceu nas minhas condutas diante da sociedade e com meus colegas. Trabalhou muito a questão ética, cidadã de ter respeito ao próximo e a sua cidade. Ter amor a pátria. Tudo isso carrego comigo. Tudo isso foram influências que considero positivas e tanto que tento passar isso a diante para meus filhos e para os jovens que tenho contato.

Apêndice B: Entrevista com Esmeraldo de Assis Santana no dia 04/07/2018

Esmeraldo, agradeço por ter aceitado o convite para que hoje pudéssemos conversar sobre sua participação no Escotismo. Gostaria que o senhor ficasse à vontade e que o senhor iniciasse falando um pouco da sua história.

Esmeraldo - Nasci e me criei aqui no Baixio [Ceará], aos 26 de março de 1953, já tenho 65 anos, que dizer que eu tenho praticamente muita história para contar daqui sabe...[risos]. Muitas coisas aconteceram aqui em Baixio e eu estou a parte não de tudo, mas de 1953 até o ano de 2018, eu acho que sei um bocado de coisa.

O senhor sempre morou aqui no Baixio?

Eu me ausentei agora no ano de 2000 né. Tivemos que ir para Fortaleza [Ceará] aí de Fortaleza eu voltei ao Baixio novamente, passei 5 anos em Fortaleza e voltei ao Baixio. Aí ingressei na Viametro em Juazeiro do Norte, uma empresa de ônibus, filiada a Guanabara e até hoje estou lá em Barbalha [endereço de trabalho atualmente] trabalho com o Psicólogo da Viametro. Estou lá, mas é o mesmo que está aqui. Quando estou de folga venho ao Baixio, terminando a folga eu volto para lá, mas sempre em contato com a minha cidade.

Como surgiu o Grupo de Escoteiros São Francisco?

Eu toda vida tive uma tendência para farda certo. Por sinal tenho um tio da polícia, tenho um sobrinho da polícia e quando nós aqui recebemos uma visita do Chefe do Escotismo de Lavras da Mangabeira o senhor Raimundo, na época eu trabalhava na prefeitura na junta de serviço militar, aí eu fui em Lavras para conhecer melhor e achei muito bonito aquela turma de garotos fardados, aí me empolgou de eu formar um grupo para Baixio. Então comecei a me articular, falando com alguns políticos, na época as coisas eram muito difíceis, não era como hoje, mas consegui montar o grupo de escoteiros em Baixio, no qual estava à frente mais de um ano. Eram

todos uniformizados. Eu fui um pioneiro em formar esse grupo na cidade. Eu sempre fui muito bem recebido pelos familiares dos meus escoteiros e pelo povo de Baixio. Em muitas das minhas conversas com o Chefe Raimundo eu perguntava a ele a origem do Movimento Escoteiro, onde vinha, quem criou e como veio ao Brasil. Ele sempre me respondia e nós conversávamos muito sobre o Escotismo. Então na época ele formou deu algumas dicas, mas com o passar do tempo fui esquecendo muita coisa. Para lembrar é pouco meio difícil, mas que durante o tempo que eu passei a frente do Movimento Escoteiro da cidade de Baixio geralmente eu sempre fui muito bem recebido pela sociedade baixiense, pelos familiares do Grupo Escoteiro, pelos políticos da época e por todos que me procuravam.

O senhor já ingressou no movimento em qual função?

Já ingressei como chefe definitivamente do Movimento. Na época eu tinha a idade de 18 a 19 anos. Pensei o movimento escoteiro para a juventude baixiense, tinha visto que era uma juventude que não tinha muita coisa para fazer e ficava sem fazer nada o dia todo, daí eu fiz a pergunta a mim mesmo: por que não criar um grupo que ajude esses jovens a sair da mesmice? Foi daí que a partir de 1980 eu comecei a imaginar o grupo de escoteiros com base no que tinha visto na cidade de Lavras da Mangabeira, comandado pelo Chefe Raimundo. Assim que eu saía em 1983 eu deixei o grupo formado, ajudei mesmo foi na fundação juntamente com outros jovens da cidade.

Como vocês conseguiam os materiais?

Na verdade, sempre gostei de ensinar. Por um tempo fui professor nos colégios aqui na cidade. Consegui alguns materiais com Chefe Raimundo em Lavras da Mangabeira e com base nesses materiais eu elaborei uma espécie de seleção para o ingresso do jovem no Movimento Escoteiro da nossa cidade. Eu achava necessário por que se o jovem queria ingressar no Escotismo, ele precisava conhecer sobre a História do movimento e seu método educacional, que na época não era tão simples. Os escoteiros faziam as avaliações eu mesmo corrigia, eu fazia e elaborava umas provas para eles. Sempre também mandava uma ficha para avaliação externa do

comportamento do jovem, como por exemplo, seu comportamento, suas notas da escola, era isso. Eu tinha que saber como esses jovens se comportavam fora das atividades do grupo. Eu tenho certeza que eu fiz um bom trabalho na época, por mais que tivesse muitas dificuldades. Na época nós fizemos uma campanha para arrecadação de dinheiro para a compra dos fardamentos, pedimos ajuda a prefeitura também, fizemos bingos para arrecadar também. Carro para ir algum evento nós pedíamos a prefeitura, por exemplo quando íamos nos encontrar com os escoteiros de Lavras da Mangabeira. Sempre quando a gente fazia pedido eramos atendidos, por que era um trabalho muito bonito e bem feito.

Quais as dificuldades que vocês tiveram no início?

Tivemos dificuldades como todas as cidades que tiveram Grupo de Escoteiros tiveram, para as coisas andarem precisam de uma pessoa que seja bem desenrolada, desenvolvida. O Escotismo precisa ser uma pessoa a frente que seja bem extrovertida que tivesse acesso a políticos e a pessoas que tinham vontade de contribuir com a proposta. Tinha que ser uma pessoa que buscasse as coisas darem certo, tinha que ter força de vontade para conseguir.

Como a sociedade baixiense recebeu o Escotismo nesse período?

Nesse período a sociedade baixiense recebeu muito bem, por que se não fosse aceito as mães não aceitariam os seus filhos a saírem e ficarem um dia fora de suas casas. Eu me sentia responsável, sou ainda até hoje nas tarefas que faço. As famílias viam no movimento escoteiro, um movimento responsável e comprometido para eles. Talvez por isso nós fomos bem aceitos aqui no Baixio. Nunca tive nenhum problema com pai ou mãe de escoteiro durante minha administração do grupo. Eu comandava assim como se fosse o chefe do batalhão, tinha respeito e admiração pelo povo de Baixio. Ainda hoje sinto saudade das atividades que realizávamos aqui.

O senhor fundou o Movimento Escoteiros nos anos de 1980?

Perfeitamente. Eu tinha uma relação muito boa com o Chefe Raimundo de Lavras da Mangabeira, eu os recebia aqui muito bem, tinha alojamento para todos os escoteiros visitantes, o que era para ser feito a gente fazia em conjunto com os escoteiros de Baixio. Quando nós nos deslocávamos para lá era a mesma coisa, eles nos recebiam muito bem, não faltava nada. Nunca houve nenhum tipo de empecilho entre eu e ele ou qualquer outro membro do Escotismo. Que eu me lembre não. Eu ainda tinha a vontade de montar um grupo escoteiro na cidade de Umari-CE. Mas infelizmente era muito difícil na época. O pessoal da Umari não tinha conhecimento e parece que também não tinha vontade de montar um grupo escoteiro por isso a proposta falhou. Parece que só deu certo aqui no Baixio mesmo e em Lavras da Mangabeira. Também na época eu conheci o grupo de escoteiros de Juazeiro do Norte e Maracanaú. O chefe de lá na época era um senhor aposentado da Marinha.

Como as autoridades via o Escotismo no Baixio?

Na época a prefeitura municipal nos recebia muito bem, praticamente nunca foi negado nada. Eu consegui através da Doutora Fátima, juíza da comarca de Baixio o uso autorizado de uma carteirinha que dava desconto em cinemas, circos, na época vinham circos para a cidade e o escoteiro não pagavam, entravam de graça com uso dessa carteira com a assinatura. Na carteirinha tinha a minha assinatura e assinatura da juíza da comarca. Outra questão importante foi conseguir a autorização do uso dos canivetes e cordas no uniforme, e a juíza acatou nosso pedido e autorizou o uso por partes dos escoteiros de Baixio.

Quais os tipos de atividades que o Grupo Escoteiro desenvolvia?

No período dos festejos do município, Festa de São Francisco, Festa do Município, eu convocava todos os escoteiros fardados para fazer a organização e ornamentação de alguns

espaços. Principalmente o desfile que era a meta principal, nos organizávamos as filas, distribuíamos água gratuitamente para a população. Ajudávamos também a entoar cânticos durante as apresentações. Toda vez que os escoteiros participavam o ambiente ficava bonito, por que nós eramos um grupo organizado, com ordem e amor ao que fazia. A procissão de São Francisco grande parte da organização ficava por conta do Grupo de Escoteiro da cidade, nós eramos responsáveis por ajudar na condução do Santo durante sua passagem nas ruas. Sempre que o grupo era convidado para participar de um evento ele estava prontamente preparado para isso. Nosso lema era sempre alerta, justamente para contribuir com nossa sociedade. No 7 de setembro que era uma data importante, começávamos com a alvorada do feriado e depois íamos desfilar nas ruas da cidade comemorando o feriado nacional. Eu que comandava a organização, organizava os escoteiros e os estudantes das escolas. Eu dava uma de militar mesmo e ajudava em tudo que era preciso. Comecei a ajudar os estudantes ensinando eles a marcharem adequadamente, até ajudei na banda de música da cidade, geralmente quando faltava alguém da banda um dos escoteiros podia ir lá e substituir o que estava faltando. Eu sempre gostei de música, na época tocava pandeiro zabumba, esses instrumentos de percussão a maioria eu sabia. Por isso também ajudava com o ritmo de marcha nos eventos da cidade, eu e outras pessoas que também tinham essa função. Com a participação dos escoteiros os desfiles começaram a ter uma forma mais bonito, por que, os escoteiros era uma ala que se destacava no desfile, os garotos bem uniformizados representavam um movimento que possuía uma organização bem-feita.

E como acontecia as atividades destinadas somente aos escoteiros?

As reuniões aconteciam inicialmente nos colégios, principalmente no Centro Educacional Paulo Sarasate que tinha o nome de CNEC, a gente fazia lá para procurar jovens que tinham o interesse de ingressar no Movimento Escoteiro. Depois as reuniões em sua grande maioria foram no Centro Comunitário da cidade, acho que houve mais reunião no Centro do que em outros lugares. Mas o grupo costumava tomar todos os espaços que eram cedidos. Nós recebemos de presente um espaço no Centro Comunitário para ser a nossa sede, era uma sala pequena, mas que comportava nossas atividades, por que no Centro possuía uma quadra de esporte que ajudava nas atividades físicas que o Grupo de Escoteiros fazia. Nós fazíamos também acampamentos para treinar as técnicas mateiras assim como o fundador definiu no seu manual.

Nos levávamos as coisas de casa, cada escoteiro levava alimentos não-perecíveis, arroz, macarrão, as panelas. Nós fazíamos as comidas no mato mesmo, isso que era acampamento. Fazíamos atividades de sinais de pistas mateiros, comidas mateiras, caça ao tesouro na mata, eram muitas atividades que desenvolvíamos. Eram técnicas de sobrevivência para eles aprenderem. Uma vez comemos uma Gia, um sapo que costuma ficar nos cacimbões dos locais que acampávamos. Você sabe que no exército e na polícia tem desses treinamentos que os recrutas fazem. Geralmente eu dava tarefas para os escoteiros executarem, por exemplo de atividades de construir uma fogueira, uma barraca, fazer um mastro de madeira para o hasteamento da bandeira, eram esses tipos de atividades que nós fazíamos nos acampamentos. Era pura diversão, mas também com muito aprendizado. Os jovens também aprendiam nado, por que o escoteiro na época precisava saber nada para qualquer tipo de problema. Treinávamos salvamento de vítimas de afogamento, e o escoteiro precisava saber como salvar a vida de uma pessoa que estava se afogando. Fazia atividades de simulação, fulano de tal caiu em um avião em tal ponto da mata está vendo aquele local que está saindo fumaça? Aí eu pedia para os escoteiros irem até o local e socorrer as vítimas do acidente. Eles procuravam até encontrar o local onde eu fazia uma pequena fogueira. Era aprender a sobreviver futuramente em situações de risco. Acho que a atividade que tínhamos mais dificuldade de executar era a de natação, por que na época foi uma seca pesada e acontece que a maioria dos açudes estavam secos. Mas depois a gente conseguiu encontrar locais para fazer a natação. A piscina do Centro Educacional Paulo Sarasate as vezes também ficava disponível para a gente fazer algumas atividades. Fazíamos educação física para preparar o escoteiro fisicamente para qualquer tarefa, fazíamos também jogos de futebol com times de outras localidades e tinha o próprio time dos escoteiros. Quando a gente chamava a gente pagava para as equipes jogarem conosco e também quando íamos jogar fora os times pagavam para a gente ir. Tinha também durante as atividades de leitura e eu contava história para eles, pegávamos livros e aprendíamos sobre diversas história, lembro que a gente fez a leitura de Mogli o menino lobo, um livro muito bom que tinha relação com o Movimento Escoteiro. Era o tempo do MOBREAL e os livros didáticos do MOBREAL eu usava para dar aula a eles também. Na época eu tinha acesso aos mimeógrafos da escola e da prefeitura e eu fazia tirava cópias de material para todos os escoteiros. Dava a tarefa de fazer as perguntas e marcava o dia para eles trazerem as respostas das perguntas. O que eu pude fazer, o que eu pude oferecer a eles eu fiz. Na minha época o garoto não reclamava com o pai agressivo ou sei lá, se tinha respeito pelos pais e também pelos chefes escoteiros. Não é como hoje, que a gente ver por aí. Eu fazia reunião com pais e perguntava sobre o comportamento dos filhos

deles, por que a gente tinha que saber disso, por que só ficava nos escoteiros quem tinha compromisso e comportamento. Hoje eu tenho um filho cabo da polícia militar de Brasília, o José Ramos que foi chefe na época hoje pertence ao Corpo de Bombeiros de Brasília também. Na época o escoteiro era organizado e ligado a polícia militar e todos os órgãos da prefeitura, por que é um movimento organizado que tem fundamentos. No nosso fardamento usávamos uma cordinha de lado, para se necessário subir num pé-de-pau, ou fazer uma amarra o nó.

Senhor Esmeraldo, qual o tipo de disciplina trabalhada no Grupo de Escoteiros São Francisco?

A disciplina era uma coisa muito importante, não era muito rígida, amigavelmente tínhamos afinidade com os jovens, se dávamos muito bem, não era essa coisa de eu sou o machão valente, não. Era uma disciplina de respeito e confiança de um para o outro. Os pais dos escoteiros e a comunidade de Baixio viam o grupo escoteiro como um movimento sério e comprometido com as causas da cidade. Era trabalho e disciplina que a gente sempre desenvolvia.

Eu ficava alternando as funções no grupo escoteiro, teve até momento que coloquei escoteiros para comandar todo o conjunto, justamente para treinar com eles coisas que eles levarão para o resto da vida. Era criar líderes nesse conjunto para que no futuro fossem bons homens. As vezes eu pedia para que os escoteiros fossem a cidade vizinha comprar algo de importante para o grupo. Acontecia que as vezes tinha uma pessoa doente na comunidade, que não possuía transporte, eu entrava em contato com a família e pedia para que um dos meus meninos fossem até a cidade vizinha comprar o medicamento que a pessoa precisava, entendeu?

Se o escoteiro cometesse alguma infração, fizesse algo errado nas atividades ou na vida cotidiana o que acontecia?

Eu suspendia aqueles que não se comportavam e o jovem sabia que só iria participar do grupo de escoteiros se fosse uma pessoa disciplinada que segue as regras que a gente pedia. Não tinha essa comigo, se o garoto não segue minhas ordens ou ele se ajustava ou então não permaneci

no grupo. Era a única que encontrava para ter o controle dos meninos. Eu usava também um apito nas atividades para conduzir os trabalhos. Eu suspendia por quinze dias, se o garoto voltasse a cometer erros aí não tinha jeito tinha que infelizmente pedir para ele devolver o fardamento escoteiro. Ainda bem que nunca tive problema com eles. As vezes acontecia de suspender um ou outro, mas nunca coloquei para fora nenhum dos integrantes. Quando tinha algum problema eu comunicava aos pais, acho que eles davam uma dura neles. Na época os meninos tinham medo de sair, por que a gente fazia muita viagem, como por exemplo uma viagem que fizemos a cidade de Barro, eles não queriam sair por que era um movimento que trazia empolgação e divertimento, coisa que era difícil na época para os jovens. Nessa viagem foram todos fardados, tudo direitinho, agora quando descia era fila, sempre estavam alerta, a turma estava sempre alerta, é o lema ainda né? Só saía se eu determinasse. Eu gostei demais da época, eu desaprendi muita coisa, mas tudo bem é assim mesmo.

Na sua opinião qual a relação do Escotismo com a questão Nacional e a Pátria?

Como havia dito antes, todos os eventos no município nós estávamos presentes. Meia bandeira ou ela toda, os escoteiros estavam sempre presente em tudo. No que você pensar estávamos presentes. Nos enterros todos os meninos participavam, conduziam a cerimônia, conduziam numa filazinha na frente, nós estávamos educando o povo na época, era organização. Eles iam na frente do caixão da família que perdia seu familiar e ia ajudando no que pudesse. As vezes acontecia de algum familiar passar mal e os escoteiros ajudavam no que precisasse. Quando chegava no cemitério ninguém saía, mas ficavam na parte de fora do local.

Como era a participação dos chefes escoteiros e a relação com o senhor?

Como eu trabalhava como secretário da Junta de Serviço Militar, as vezes eu não podia sair com os meninos, eu tinha o meu sub-chefe, José Ramos. Então na minha ausência a turma toda obedecia a ele, por que ele é a pessoa que indiquei para ser o sub-chefe. Tanto ele como o Mardoni que hoje é cabo da Polícia Militar de Brasília. Então quando ele vem aqui vai bater na minha casa, vai agradecer os ensinamentos que teve enquanto era escoteiro, por isso tenho uma

relação boa com os antigos escoteiros, por que passei bons ensinamentos para eles, que hoje eles carregam por toda vida. E hoje sou muito feliz por tudo que fiz com esses garotos, mesmo com as dificuldades da vida, mas sempre lembro do período que fui chefe escoteiro. Só fiquei meio triste no período que tive que sair a viagem por um período não muito longo e quando voltei tinha visto que estava desativado as atividades do grupo de escoteiros. Mas ainda se eu tivesse minha idade eu voltaria a participar novamente.

Como era a interação do Grupo de Escoteiros São Francisco de Baixo e o Grupo de Escoteiros Padre Alzir Sampaio de Lavras da Mangabeira?

Nós tínhamos uma boa relação, afinal de contas, foi o grupo que a gente se inspirou, eles não vinham toda época por que era muito difícil conseguir dinheiro para bancar as viagens que eles faziam de lá para cá e nós daqui para lá. Para você adquirir um carro era meio difícil, e você dispor de conseguir um carro para passar o dia com você é realmente difícil. A prefeitura nos ajudava nessa parte, dando o carro para o que a gente precisasse, para ficar a disposição da gente. Raimundo vinha para cá com o carro de Lavras quando ele vinha para passar o dia, as vezes eu pedia para o carro ir embora garantindo que eu ia conseguir um para eles voltarem. Fazíamos atividades no Centro Comunitário, jogando futebol, uma palestra, uma reunião e depois e um outro mês a gente ia para lá. Eu fiquei devendo aos escoteiros que um dia eu ia levar eles em Fortaleza, mas não deu. Não deu por que a prefeitura para dispor dessas coisas, é um pouco difícil, e eu na época muito garoto, mas que os pais todos davam apoio ao meu trabalho à frente do grupo de escoteiros. Pra gente fazer essas coisas hoje em dia tem que ser por ganho, mas na minha época isso não tinha. Era você de livre espontânea vontade, afinal, era um trabalho voluntário, o Escotismo é voluntário. Além de ser chefe escoteiro, eu ainda era chefe do juizado de menores, já nessa época trabalhando na comarca da cidade. Eu tinha meus escoteiros como um diretor de uma escola tem os seus alunos, era o aprendizado por meio de disciplina. Eu levava conhecimento para esses jovens, e foi muito proveitoso, por que ainda estou vivo e com saudade até hoje. Ficou na memória esses momentos eternos do Escotismo na cidade de Baixo. Eu sou do tempo da máquina a fogo, não é do seu tempo, não é? Eu via a máquina a fogo e andei até nela, a Maria Fumaça, a que era a lenha.

Na opinião do senhor, o que sua participação no Escotismo contribuiu na sua vida?

Rapaz, o Escotismo me fez ser homem, por que eu me senti assim como uma pessoa, como se Deus tivesse colocado uma turma de jovens para que eu conduzisse a não entrar em certas dificuldades, você sabe como está hoje? E hoje eu me sinto realizado por que acho que dei o melhor de mim em torno da causa. Se eu não tivesse feito algo notável eu não estaria hoje contando essas histórias para você e para minha cidade. Eu tenho que agradecer a você e se você precisar de Esmeraldo estou sempre por aqui na cidade, se não estiver, mas vez ou outro pode vir até mim que a gente conversa. Não foi nem mais nem menos, foi o que aconteceu.

Apêndice C: Entrevista com Raimundo de França, concedida ao autor no dia 06/12/2018

Senhor Raimundo, conte-nos um pouco sobre a sua vida

Raimundo - Me chamo Raimundo de França, mas os escoteiros me chamavam e ainda me chamam de Chefe Raimundo, me chamam de chefe por que sempre fui chefe escoteiro. Passei toda a minha vida trabalhando em Lavras da Mangabeira, sou artesão e chefe escoteiro do Grupo de Escoteiros Padre Alzir Sampaio que eu fundei nos anos de 1970. Faz tempo né? [risos]. Você pode me perguntar o que quiser, estou disposto a ajudar na sua pesquisa.

Como o senhor descobriu o Escotismo?

Raimundo – Lá no Cariri, cidade do Crato, no ano de 71, 3 de outubro de 1971. Cheguei em Lavras e comecei a usar o que eu tinha aprendido no Crato com os garotos da minha cidade. Comecei a convidar os pais dos meninos e disse que ia fundar um grupo de escoteiros na cidade. Sempre tive boa vontade, mas as vezes tem menino que não quer seguir as regras. Coloquei o nome do grupo de escoteiros Padre Alzir Sampaio. Foi um padre muito bom em Lavras, passou trinta e três anos em Lavras, nos botamos o nome dele em homenagem. E para você fundar um movimento, você chamar um garoto tem que ter a certeza que ele é organizado e não vai dar trabalho ao movimento. Se não fosse disciplinado não tinha como permanecer no Movimento, era regra e tinha que ser seguida.

Como foi o início das atividades do Grupo de Escoteiros Padre Alzir Sampaio?

Raimundo – Me lembro. Quando começou o grupo era o ano de setenta e um. Foi um dia de sexta-feira, eras umas sete da noite lá no clube em Lavras. No início das atividades apareceram só uns doze, mas aí começou a aparecer um e depois outros, daqui a pouco já tinha era um monte de gente. Foi a boa e reunião, foi dali que saiu nosso grupo escoteiro.

Qual as dificuldades que o senhor enfrentou para montar o Grupo de Escoteiros em Lavras da Mangabeira?

Raimundo – Eu tive apoio na época do prefeito e de algumas pessoas que queriam ajudar na causa. O prefeito tinha cultura, o que é cultura? [pausa]. É você gostar de uma coisa, gostar de uma música, de uma canção escoteira, é isso. Tem até uma musiquinha que a gente canta quando vai acampar.

Amanheceu o céu é todo anil.

alerta, alerta, de pé pelo Brasil, pelo Brasil

Alerta aos escoteiros, Sempre Alerta!

Era muito bom cantar essa música quando a gente ia acampar.

Sabendo que o senhor foi parte importante na fundação do Grupo de Escoteiros São Francisco, gostaria de perguntar ao senhor quais práticas escoteiras eram desenvolvidas com os jovens baixienses nos anos de 1980 a 1985?

Raimundo – Nós fazíamos diversas atividades no Baixio e também em Lavras da Mangabeira lugar onde eu tinha meu grupo escoteiro. A gente fazia de tudo, até mesmo conhecer a natureza, as árvores, conhecer as matas, os locais da zona rural, a gente fazia muita coisa, viu? Você conhece os donos da mata? [respondi para o senhor Raimundo que desconhecia]. A cobra, o peba, a raposa, tudo isso... eles são donos lá. A gente invade o que é deles né? Vi tanto bicho bonito nos acampamentos, cobras, moco, era bom demais.

O que na prática era realizado nos acampamentos?

Raimundo – Nos acampamentos a gente fazia diversas atividades, primeiramente a gente fazia os sinais de pista, para que os escoteiros soubessem se direcionar no acampamento. Onde eles

podem ou não pisar. Era a forma da gente sinalizar os pontos importantes. Onde pode descansar, onde pode beber água, os locais do acampamento. Uma vez tinha uma casa de abelha grande, e eu no acampamento sempre fui cuidadoso, a primeira coisa que fiz foi desenhar perto do local um triângulo que indica perigo, depois disso os meninos escoteiros já sabiam que aquele local era perigoso.

O que vocês faziam nos acampamentos?

Quando a gente ia sair para acampar eu ia na frente e os meus garotos iam acompanhando, sempre foi assim. É claro que eu ia dois dias antes para ver como era o local de acampamento para ver se realmente dava certo. As vezes tinha lugar que era ruim e a gente tinha que mudar de lugar para acampar. Eu deixava tudo apumadinho, os sinais... procurava água para banho e marcava os lugar que podia ou não tomar banho, quando era um açude eu marcava o lugar com uma bandeira vermelha que mostrava o lugar que não podia ultrapassar no açude. Até para comer e dormir os escoteiro precisavam cantar as canções e manter a disciplina, era rigoroso o sistema, só assim a gente preparava os garotos. Era trabalho nos acampamentos, a gente quando chegava em casa dormir com uniforme, bota e tudo.. [risadas].

O senhor já fez algum acampamento escoteiro no Baixio nos anos de 1980?

Sim, claro. Eu vinha de Lavras da Mangabeira vez ou outra para fazer treinamentos com os jovens escoteiros de Baixio. Nós fizemos um acampamento na serra de Baixio, um lugar bom de acampar, nesse dia foi muito bom. Eu ajudava a Esmeraldo ensinando como trabalhar com os meninos, trabalhar o respeito, a disciplina, a honestidade... Escoteiro tem que se tudo isso viu? A gente disciplinava os garotos para que eles não dessem trabalho, fossem pessoas boas prestativas na comunidade de Baixio. Eu fazia isso em Lavras da Mangabeira e também no Baixio quando eu vinha.

Como era a sua relação com Esmeraldo Santana?

Esmeraldo era como um irmão para mim, ele me viu em Lavras da Mangabeira nos anos de 1979 por aí, e me disse que queria montar um grupo de escoteiros na cidade de Baixio. Eu nem pensei duas vezes e decidi ajudar logo. Sempre que podia eu me reunia com ele para a gente combinar alguma coisa sobre o Escotismo. Eu ia no Baixio e mostrava os materiais que eu tinha para trabalhar o Escotismo, dava uns a ele e pedia que ele mostrasse pros meninos. Ser dos escoteiros depende de estudo também, o cidadão que estuda cumpre com os deveres da pátria.

Por que o senhor decidiu ser chefe escoteiro?

Eu entrei por que fui convidado, pelo senhor José Airton e Francisco Edivan lá em Lavras, ele me chamou. Ele tinha conhecimento do Escotismo. Ele no início me deu o cargo de sub-chefe para começar a encontrar garotos que pudessem participar do movimento. Eu era um rapaz esportista, tinha bom condicionamento físico, preparado. Ele sabia que eu tinha habilidade para o trabalho. Quando eu comecei a saber o que era mesmo o Escotismo foi um encanto, comecei a gostar mesmo, até hoje sou apaixonado pelo Escotismo e as atividades que dá para fazer sabendo fazer.... É tanto que ajudei até na fundação dos escoteiros do Baixio em 1980. Eu e mais outras pessoas, lembro do Esmeraldo, que eu ajudei na fundação dos Escoteiros de Baixio.

Como o senhor ficou sabendo que pessoas do Baixio queria abrir um grupo de escoteiros?

Como o senhor ajudou na fundação do grupo de Baixio?

Eu não procurei, na verdade me fizeram um convite. Esmeraldo Santana veio ao meu encontro aqui em Lavras com a vontade de botar um grupo de escoteiros em Baixio. Aí eu disse a ele que viesse a Lavras que a gente ia organizar como seria a fundação, que era importante conseguir pessoas que pudessem ajudar, por que é difícil chegar com uma coisa nova e o povo aceitar de cara, a gente tem que ir conquistando e mostrando que o projeto seria bom para a cidade e principalmente para os garotos de Baixio. Mas do início sempre foi orientado por mim, até por que eu já tinha mais experiência com o Escotismo. Foi muito bom ter grupo de escoteiros no Baixio, por que as vezes eu não tinha nada para fazer com os meus garotos eu pegava um

transporte e ia ver como estavam as atividades de Baixio, com a vontade sempre de ajudar ao grupo de Baixio também a crescer como o de Lavras.

Como foi juntamente com Esmeraldo Santana fundar o Grupo de Escoteiros São Francisco?

Primeiro eu já sabia trabalhar com o Escotismo, por que já estava ativo desde 1972 quando montei o meu em Lavras da Mangabeira. Depois disso fiquei ajudando o Esmeraldo a conseguir apoio dos políticos da cidade e de alguém que pudesse ajudar a gente a conseguir comprar os uniformes e as coisas que precisava. No início foi difícil, mas depois as coisas foram melhorando e a gente conseguir montar o grupo de escoteiros de Baixio. Eu ia fazendo o trabalho de orientação com Esmeraldo, como era o uniforme os lenços, os bastões. Tudo que era preciso no Escotismo eu fui repassando para ele, pois tinha que seguir a cartilha do Escotismo, era importante.

Como era trabalhado a disciplina nos grupos escoteiros que o senhor participava?

A gente tinha um sistema baseado no que eu aprendi nos manuais. Por exemplo, os meninos sabiam se eu apitasse três vezes com meu apito escoteiro era um sinal que estava chamando todos para ficarem de forma o mais rápido possível. Era assim, eu não aceitava se o garoto não tivesse uma boa disciplina, tinha que ser disciplinado para ser escoteiro.

Eles não podiam fazer o que quisesse não, tinha que obedecer a autoridade dos chefes, e os pais deles sabia que eu era um homem de honra que só fazia o que era certo e podia confiar no meu trabalho como chefe escoteiro.

Políticos ajudaram na fundação do Grupo de Escoteiros São Francisco?

Eu não lembro muito bem dos políticos que ajudaram, mas eu lembro que na hora que a gente ia apresentar o que a gente queria fazer com os garotos da cidade, eles aceitavam e enxergava que a proposta era muito boa que ia ajudar a formar cidadãos comprometidos com a pátria ajudando a cidade de Baixio. O povo sabia que nosso projeto era diferente, que trabalha o civismo nos jovens, uma disciplina para serem homens de verdade em busca de fazer o bem... Era certo e o povo sabia que era.

Como o senhor fazia para periodicamente estar presente nas atividades do Grupo de Escoteiros São Francisco?

Naquele tempo era difícil conseguir um transporte, já cheguei até a ir de bicicleta, mas a gente ia mesmo era de carro, era rápido e a gente chegava rápido no Baixio. A prefeitura de Lavras sempre que eu pedia me cedia um transporte para ir em Baixio. Nesse tempo o prefeito era Júlio Sobreira. Eu falava a ele que precisava de um ônibus para ir fazer umas atividades de escoteiro na cidade de Baixio e ele me atendia, sabia que era coisa de valor pro povo, ele sabia que nosso movimento ele tinha valor. Às vezes eu participava de evento fora, teve até uma vez que fui participar de um evento em Fortaleza, e lá conhecia o chefe da região escoteira do Ceará, ele me disse uma frase que até hoje lembro que ficou na minha cabeça: *“Um por todos e todos por um”*. Ele me disse que uma vez escoteiro sempre escoteiro, isso ficou marcado na minha memória, por isso sempre penso que se alguma vez o cidadão passou pelo Escotismo ele sempre será escoteiro.

Qual a função que o escoteiro exercia na sociedade naquele período?

O escoteiro era para ajudar na cidade, fazer boa ação, é dar nó na ponta do lenço. Organização e determinação de fazer a mudança.. Se a pessoa de idade doido para passar numa rua, mas a idade prejudicava a caminhada para atravessar, comparação que eu tô fazendo viu? Aí vem um escoteiro com o uniforme, esse escoteiro o que é que ele faz? Vai lá e pede licença para ajudar a quem precisa e nesse caso o senhor de idade. Ser escoteiro era trabalhar no que fosse preciso na cidade, por que aí a gente mostrava trabalho e mostrava pro povo que a gente era um

movimento de bem, que gostava de ajudar as pessoas...eram garotos de valor que respeitavam e ajudavam.

Por que naquele período o senhor só trabalhava com garotos do sexo masculino?

Naquele tempo era mais fácil trabalhar com homens, a gente fazia atividades nas serras e matas, acho que as famílias que tinham meninas não queriam colocar suas filhas para fazerem esses tipos de atividades, mas seria muito respeitoso trabalhar com meninas, mas não deu.

É comum o senhor encontrar pessoas que participaram do Escotismo enquanto o senhor ocupou o cargo de chefe?

Rapaz, a maioria que foi de Lavras mora fora, mas tem uns que moram aqui ainda. Hoje em dia tem escoteiro que participou comigo que é advogado, promotor, professor, tem um que é delegado em Juazeiro do Norte. Meninos muitas vezes pobre, mas que aprendeu no Escotismo serem boas pessoas, para passar pra frente os ensinamentos que eu ajudei. Coloquei o nome do grupo escoteiro Padre Alzir Sampaio, por que foi um padre que sempre ajudou as pessoas em Lavras e foi um padre servidor dos pobres. Ele dava roupa, calçado para os pobres da cidade, um homem bom de se admirar.

E pessoas que já foram escoteiros no Baixo alguma vez encontrarão com o senhor?

Já aconteceu deu está na rua e chegar um moço e dizer que já foi escoteiro no meu grupo, já disseram que era do Baixo. Eu fiquei contente por que a pessoas lembra das coisas boas, das coisas de valor que a gente fez naquele período, uma coisa que passa o tempo e fica na cabeça das pessoas. Quando alguém que foi escoteiro passa por mim diz logo “*Sempre alerta chefe Raimundo*”. É a forma de um escoteiro saudar outro, sinal de respeito e união e que faz parte do movimento para a vida toda. Já são tudo adulto, mas sempre diz que na vez deles de criança foi muito bom ir a um acampamento comigo, a pescar nos açudes a caminhar nas trilhas da mata. É só lembrança boa. Eu sempre fui amigo deles, mas era preciso disciplina, por que para

ser escoteiro precisava ser um cabra disciplinado que obedecesse as ordens da chefia escoteira. Só tenho lembrança boa do povo que participou comigo, acho bom lembrar das coisas do passado. A gente era um só... todos eram como irmãos e se agente encontrasse com escoteiros de outros lugar a gente saudava mostrando que fazia parte do mesmo movimento.

ANEXOS

Anexo A: Termo de consentimento de Sérgio Maurílio Holanda Farias

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, SERGIO MAURILIO HOLANDA FARIAS em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS: PRÁTICAS DO ESCOTISMO NA CIDADE DE BAIKIO. CEARÁ (1980-1985) Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: ANALISAR AS PRÁTICAS DO ESCOTISMO QUE OCORRERÃO NO BAIKIO CEARÁ ENTRE OS ANOS DE 1980 A 1985. e estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao voluntário só caberá a autorização para a aplicação da pesquisa quanto qualitativa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma *confidencial*; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter *confidencial*.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica ----- no número (83) ----- . Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Sergio Maurini J. Faron

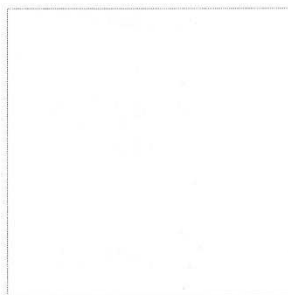
Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador

Sergio J. Faron

Data: 03 / 07 / 2018



Anexo B: Termo de consentimento de Esmeraldo de Assis Santana

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, ESMERALDO DE ASSIS SANTANA em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS: PRÁTICAS DO EXOTISMO NA CIDADE DE BAIXIO - CEARÁ (1980-1985) Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: ANALISAR AS PRÁTICAS DO EXOTISMO QUE OCORRERÃO NO BAIXIO CEARÁ ENTRE OS ANOS DE 1980 A 1985 e estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao voluntário só caberá a autorização para a aplicação da pesquisa quanto qualitativa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica _____ no número (83) _____. Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Francisco Carlos Alves dos Santos

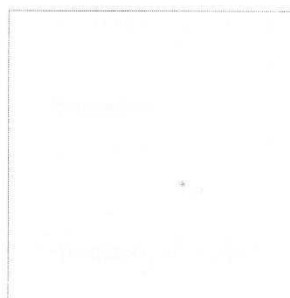
Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador

Adriana de Souza Jesus

Data: 04 / 07 / 2018



Anexo C: Termo de consentimento de Raimundo de França

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

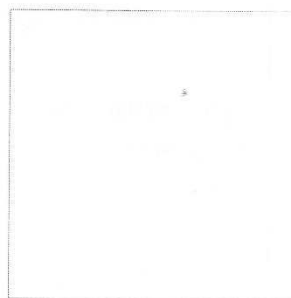
Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido eu, RAIMUNDO DE FRANÇA em pleno exercício dos meus direitos me disponho a participar da Pesquisa NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS: PRÁTICAS DO ESCOTISMO NA CIDADE DE BAIXIO - CEARÁ (1980-1985) Declaro ser esclarecido, que terá como objetivo geral: ANALISAR AS PRÁTICAS DO ESCOTISMO NA CIDADE DE BAIXIO NOS ANOS DE 1980 A 1985 e estar de acordo com os seguintes pontos:

- Ao voluntário só caberá à autorização para a aplicação da pesquisa quanto qualitativa e não haverá nenhum risco ou desconforto ao voluntário.
- Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial; entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao médico, indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.
- O voluntário poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer momento da realização do trabalho ora proposto, não havendo qualquer penalização ou prejuízo para o mesmo.
- Será garantido o sigilo dos resultados obtidos neste trabalho, assegurando assim a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial.
- Não haverá qualquer despesa ou ônus financeiro aos participantes voluntários deste projeto científico e não haverá qualquer procedimento que possa incorrer em danos físicos ou financeiros ao voluntário e, portanto, não haveria necessidade de indenização por parte da equipe científica e/ou da Instituição responsável.
- Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, o participante poderá contatar a equipe científica _____ no número (83) _____. Ao final da pesquisa, se for do meu interesse, terei livre acesso ao conteúdo da mesma, podendo discutir os dados, com o pesquisador, vale salientar que este documento será impresso em duas vias e uma delas ficará em minha posse.
- Desta forma, uma vez tendo lido e entendido tais esclarecimentos e, por estar de pleno acordo com o teor do mesmo, dato e assino este termo de consentimento livre e esclarecido.

Raimundo de Franco

Assinatura do Participante

Assinatura Dactiloscópica do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador

Alvaro de Souza Jesus

Data: 06 / 12 / 2018

Anexo D: Nós e Amarras



NÓ DIREITO



NÓ DE ESCOTA



LAIS DE GUIA



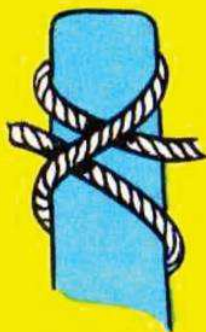
NÓ DE FATEIXA



NÓ DE CORRER



CATAU



VOLTA DE FIEL


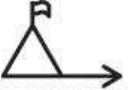
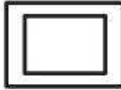


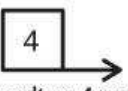



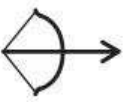


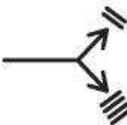

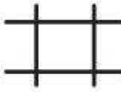










VOLTA DA RIBEIRA



NÓ DE PESCADOR

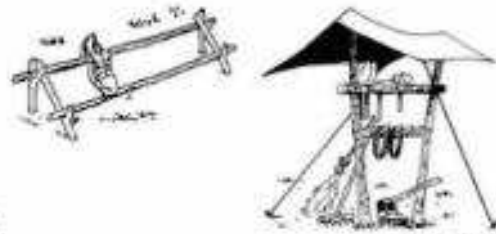
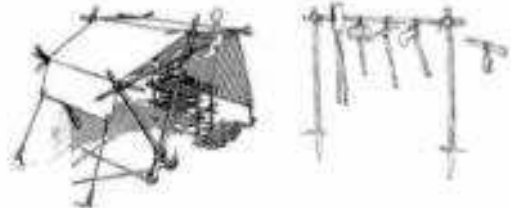
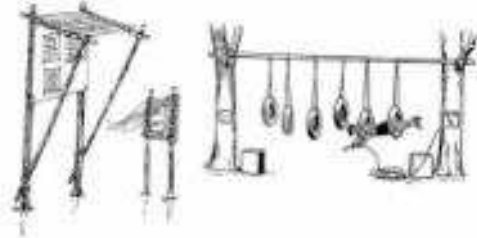
Anexo E: Sinais de Pista Mateiro

 Caminho a seguir	 Acampamento nesta direção	 Espere-me aqui (Indique o tempo no quadro)	 3 Objetos em ordem indicam PEDIDO DE SOCORRO
 Salte o obstáculo	 Objeto oculto a 4 passos nesta direção (indica-se o nº de passos no quadro)	 Voltem todos ao ponto de reunião	 O capim amarrado indica a direção
 Siga dois quilômetros nesta direção (Cada traço representa 1km)	 Siga a toda pressa nesta direção	 Começo de pista	 Em terreno pedregoso usam-se as pedras
 Dois seguiram nesta direção e quatro na outra	 Caminho a evitar	 Fim de pista	 Galhos e gravetos também são ótimos para fazer sinais
 Perigo	 Água boa para beber	 Paz (O jogo ainda não começou)	 Também é possível riscar uma pedra com carvão ou outra pedra
 Voltei ao ponto de reunião	 Água má para beber	 Guerra (O jogo já começou)	

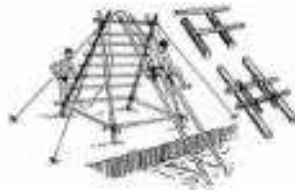
Anexo F: Pioneiras Escoteiras

PIONEIRAS VARIADAS

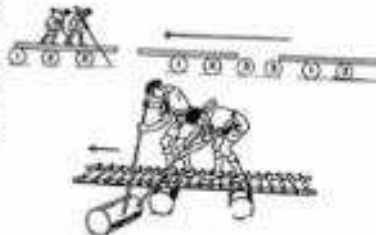
Não há limite para suas construções; deixe fluir sua criatividade e mãos à obra. Você sentirá uma imensa satisfação ao término da construção de sua pioneira; adquirirá habilidades, conhecimentos e destreza.



É possível realizar qualquer construção ao ar livre, por mais inútil que pareça, porque, com essa mesma atitude inventiva os grandes gênios têm alcançado os limites da tecnologia e os grandes acampadores a comodidade e diversão.

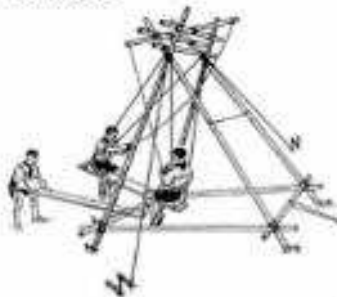
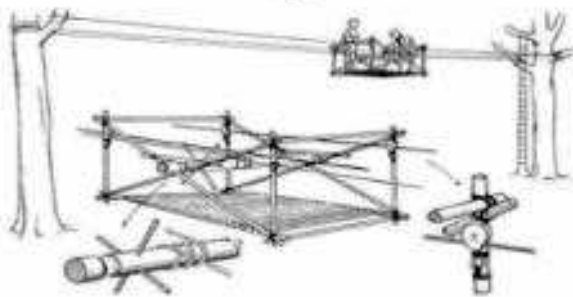


A pedagogia que propõe os jogos Escoteiros é simples, estimulante, divertida, sugere verdadeiras aventuras com espírito de equipe, desmotiva o uso de passatempos sedentários e dá uma fonte de idéias realizadas ao ar livre em acampamentos e excursões.



Na sede é fácil e útil montar pioneiras para a patrulha praticar nós e amarras e se divertir com o desafio.

Tomar cuidado e observar as regras de segurança utilizando somente materiais de qualidade e em bom estado de conservação.



Página 20